

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rafael de Souza Dias

**OUVIR CONTAR COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA
ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA LOCALIDADE DE
BANANAL, EM CARDOSO MOREIRA (RJ), POR MEIO DA MEMÓRIA DOS
IDOSOS.**



Rio Grande

2012

RAFAEL DE SOUZA DIAS

**OUVIR CONTAR COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA
ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA LOCALIDADE DE
BANANAL, EM CARDOSO MOREIRA (RJ), POR MEIO DA MEMÓRIA DOS
IDOSOS.**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação Ambiental
da Universidade Federal do Rio Grande,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Ambiental.**

Orientador: Profª Drª Ivalina Porto

Rio Grande

2012

RAFAEL DE SOUZA DIAS

**OUVIR CONTAR COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA
ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA LOCALIDADE DE
BANANAL, EM CARDOSO MOREIRA (RJ), POR MEIO DA MEMÓRIA DOS
IDOSOS.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos seguintes professores:

Dra. Ivalina Porto – Orientadora – FURG

Dr. Daniel Porciúncula Prado – FURG

Dr. Nilson Cesar Fraga – UEL e UFPR

Rio Grande

2012

Agradecimentos

Aos queridos sujeitos da pesquisa, sem os quais a realização desta pesquisa não seria possível:

Amaro, sempre me recebendo com um largo e belo sorriso;

Dimea, com seu encantador vigor físico. Foram 3 dias de caminhadas longas, sempre com bom humor e disposição em colaborar;

Jacinto, que transformou as tantas pedradas recebidas em lições de paciência e perseverança;

Lourdes, mulher de intelecto admirável.

À minha orientadora Ivalina Porto, sempre tão prestativa e paciente. Meu sincero agradecimento. Durante estes dois anos de curso trabalhei para que a confiança em mim depositada, no momento da seleção, não fosse em vão. Espero ter cumprido bem este papel;

Aos membros da banca, professores Daniel Prado e Nilson Cesar Fraga, pelo pronto aceite e pelas contribuições no momento da qualificação;

À Daniela Pieper, Tiago dos Santos, Claudio Moraes e Saionara Figueiredo, que me acolheram nos momentos em que a temperatura em Rio Grande estava abaixo do tolerável por um fluminense;

Aos meus colegas de turma que estiveram comigo nos projetos realizados no período: Clêncio Braz, Claudio Tarouco, Lidiane Dutra, Luciana Dolci, Luciane Dal Pizzol, Lila Karpinski e Priscila Reis;

Aos funcionários da EMATER e da SMMA pelo apoio constante na realização da pesquisa;

À minha família, principalmente pelos esforços nos anos de ensino básico.

Ao Marson, pelos drinks da vida, pelo companheirismo e por encarar comigo o desafio de estudar longe de casa em 2010;

Aos meus sobrinhos, que me fazem feliz pelo simples fato de existirem.

À Bruna e Patrícia, lindas amigas fraternais. Temos um longo caminho acadêmico a percorrer juntos;

Ao querido Sergio, pela força. Teria sido mais difícil sem o seu apoio em um momento tão delicado;

À professora Virginia Machado, por insistir na problematização do projeto inicial. Mais do que uma professora, uma parceira;

À professora Beth, pelo inestimável apoio desde a inscrição no processo seletivo. Se existem anjos da guarda no meio acadêmico, com certeza eu encontrei o meu;

Aos queridos secretários do PPGEA, Ritinha e Gilmar;

Ao meu primeiro orientador, Eduardo Stotz, responsável pela minha inserção nos estudos com memória e meio ambiente;

À tia Carminha, pelo café acompanhado de afagos que tanto estimulam a minha memória;

À CAPES pelo apoio financeiro.

Tal como a mãe, que aconchega no peito o recém-nascido sem acordá-lo, assim também a vida trata, durante muito tempo, as ternas recordações da infância.

(Walter Benjamin – Infância em Berlim)

RESUMO

Este trabalho analisou o processo de degradação ambiental ocorrido em Bananal, região agrícola situada na cidade de Cardoso Moreira (RJ), através da memória dos antigos agricultores que ali residiram. O objetivo é apresentar as contribuições da memória e da experiência destes sujeitos na avaliação de impactos ambientais e nos estudos sobre geografia e meio ambiente. Tratou-se, portanto, de averiguar como as narrativas destes sujeitos, que possuem uma experiência singular na cidade, apresentam a sua relação com o meio ambiente, entendendo a questão ambiental como uma reflexão também sobre o tempo. A história de vida foi utilizada para tentar captar as ressignificações de experiências de vida, sabendo-se que as entrevistas sobre o tempo da infância, do trabalho e da vida cidadã envolvem, em si, a temática “ambiental”. Foi possível identificar que os impactos ambientais em Bananal estão relacionados ao trabalho, principalmente ao ciclo canavieiro e a posterior ocupação das terras pelo gado. Percebemos que o ambiente, não somente no campo, como também na cidade, sempre foi marcado por tensões políticas e por uma herança social que durante anos foi embasada em exploração e, depois, em discriminação. A degradação socioambiental apresenta-se como um fator que interferiu diretamente no cotidiano dos sujeitos, obrigando-os a migrarem para o Centro ou para outros municípios. A história oral com pessoas idosas mostra-se como uma ferramenta importante na identificação de impactos socioambientais, revelando a dimensão histórica dos fatos e ampliando as possibilidades de intervenção do Estado. Escutar os idosos que presenciaram o acelerado processo de degradação ambiental desta localidade permitiu não somente compreender e entender este processo através da experiência destes sujeitos, como também refletir sobre o comportamento humano diante de crises ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; história oral; memória; idosos; Cardoso Moreira/RJ

ABSTRACT

This study examined the process of environmental degradation occurring in Bananal, agricultural area located in the city of Cardoso Moreira (RJ), through the memory of the old farmers who lived there. The goal is to present the contributions of memory and experience of these subjects in the environmental impact assessment and studies about geography and environment. It was, therefore, to ascertain how the narratives of these people, which have a unique experience in the city, have their relationship with the environment, understanding of the environment as a reflection also over time. The life history was used to try to capture the reinterpretation of life experiences, knowing that the interviews about the time of childhood, work and civic life involve in itself the theme "environment". It was possible to identify the environmental impacts Bananal related to business, especially the sugarcane cycle and the subsequent occupation of land by livestock. We realize that the environment, not only in the field, but also in the city, has always been marked by political tensions and a social heritage which for years was bases on exploitation and then in discrimination. The socioenvironmental degradation presents itself to migrate to the center of other cities. The oral history with older people shows itself as an important tool in identifying social and environmental impacts, revealing the historical dimension of the facts and the possibilities of expanding State intervention. Listening to older people who witnessed the accelerated process of environmental degradation in this locality has led not only to understand and understand this process through the experience or these subjects, but also reflect on human behavior in the face of environmental crises.

KEYWORDS: Environmental education; oral history; memory; elderly peoples; Cardoso Moreira/RJ

LISTA DE FIGURAS

Fig.1 Eu, de camiseta, na época, com 3 anos, segurando o caçula da casa, junto com o meu irmão Fernando	14
Fig.2 Mnemósyne, de Gabriel Dante Rossetti	23
Fig. 3. Funções da memória por Jonathan K. Foster	24
Fig. 4. Cone da memória, elaborado por Henri Bergson	25
Fig.5 Localização do Município no Estado do Rio de Janeiro	32
Fig. 6. Representação de um recorte transversal de trecho do rio Muriaé	33
Fig. 7. Imagem aérea da cidade	33
Fig. 8. Em marrom, a delimitação livre da área da localidade de Bananal	38
Fig. 9. Material de campo utilizado	43
Fig. 10. Exemplo de identificação de impacto no campo	48
Fig.11. Tia Carminha e eu, em 1991, com a minha vaca preferida, chamada Amarela	56
Fig. 12. Ciclo da esquistossomose	62
Figs. 13 e 14. Açudes na região de Bananal em dois momentos: 2001 e 2010	65
Figs. 15 e 16. Formação de voçorocas entre 2001 e 2010	66
Fig. 17. Funcionários trabalham na higienização dos tonéis, para recolhimento do leite	71
Fig. 18. Ao fundo, a serra completamente desmatada, onde antes se plantou café	73
Fig. 19. A cidade guarda vestígios de seu passado, embora não haja ainda uma proposta de recuperação ou preservação de antigas construções como as usinas e as casas dos proprietários e trabalhadores.....	84
Fig. 20. Dona Dimea, aproximando-se do quintal de sua casa	91
Fig. 21. À esquerda, dona Dimea correndo ao avistar a casa de sua infância, ainda de pé. À direita, o seu antigo fogão à lenha	92
Fig.22. Dona Dimea observa o antigo lago, hoje um areal	93

Fig. 23. Edgar observa as mudas já plantadas	94
Fig. 24. Dona Dimea leva o seu neto para conhecer o lugar onde pescava camarões de água doce	95
Fig. 25. A imagem à esquerda apresenta o rio correndo em seu leito menor. À direita, durante a enchente de janeiro de 2012	96

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1. População residente	35
Gráfico 1 - Evolução da população residente em Cardoso Moreira por década, nas áreas urbana e rural	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. Tempo, Memória, Velhice	17
2.1. Idoso, velhice, envelhecimento	19
2.2. Memória e experiência	22
2.3. A importância da memória e da história oral para os estudos ambientais	28
3. CARDOSO MOREIRA COMO RECORTE DE ESTUDO	32
3.1. Localização e história oficial	32
3.2. Objetivos	39
3.3. Metodologia	40
3.3.1 A História Oral	40
3.3.2. As amostras	43
3.3.3. Eixos de análise	45
3.4. Sobre a identificação de um impacto	47
3.5. As transcrições	49
4. CASA, TRABALHO, POLÍTICA: A MEMÓRIA AMBIENTAL DOS ANTIGOS AGRICULTORES	52
4.1. Amaro	52
4.2. Dimea	53
4.3. Jacinto	54
4.4. Lourdes	55
4.5. “Diga que eu só vou voltar. Quando eu me encontrar”	56
4.6. Entre canas e cantos: o cotidiano daqueles que fazem o moinho da vida rodar	58
4.7. “Vamos fazer um café?”: Amargas conversas sobre política e o choro dos negros	79

4.8. A sensibilização dos sujeitos nas práticas educativas: o retorno social da pesquisa com as memórias dos agricultores cardosenses	88
5. PARA NÃO CONCLUIR E NUNCA ESQUECER	97
6. REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

São 5 horas da manhã. Estamos em julho de 2011. Aos pés do Cristo que jorra mel (uma colmeia instalou-se na estátua do Cristo Redentor, construída no alto de um morro no centro da cidade, e, desde então, gotas de mel pingam da sua mão direita), o badalar do sino da igreja Matriz de São José, em Cardoso Moreira, anuncia o raiar do dia.

Na Pousada onde estou hospedado, uma idosa prepara o café para os hóspedes. A pousada está lotada, mas sou o único hóspede procedente de outra cidade. Para os cardosenses que moram no estabelecimento, é mais econômico e vantajoso pagar a hospedagem mensal do que alugar uma casa. Mas além dos 17 hóspedes, ela tem outra preocupação. No mês anterior, sua filha faleceu em um trágico acidente de carro, deixando-lhe a netinha de 2 anos, que de vez em quando pergunta pela mãe. Ela reclama da memória. Diz que a perda da filha levou parte de si. Não consegue se concentrar no trabalho. Ontem, ao voltar da padaria perdera 20 reais. Não sabe como aconteceu. Simplesmente estava com o troco nas mãos e acredita ter soltado a nota distraidamente.

Curiosamente, nosso primeiro contato, horas antes de me relatar este fatos, ocorreu em uma situação semelhante. Ao chegar à pousada às 23h e tocar a campainha, fui recebido por sua ansiosa netinha, que veio correndo para ver quem era. Conversei com a menina durante alguns minutos sem que alguém aparecesse para me receber ou para ver com quem ela conversava. Foi a criança quem tomou a atitude de me colocar para dentro e alertar sobre a minha chegada. Sua avó não tinha escutado a campainha ou a minha voz. Estava envolvida na procura da chave do meu quarto, que tinha deixado cair enquanto descia as escadas.

Notando o seu aparente cansaço, dou-lhe um abraço apertado. Ela sorri, me chama de filho e diz que eu preciso subir e dormir. Me leva ao quarto, traz mais toalhas e deseja boa noite. O carinho daquela senhora e até mesmo a sua aparência física (negra, magra e de estatura baixa), me fez lembrar de Dona Nair, uma mulher preciosa que está nas minhas lembranças de infância e que me desperta os mais puros sentimentos.

Aquela “velha preta”, como era chamada pelos vizinhos, era uma grande amiga por quem eu nutria um grande afeto. Descendente de escravos que

trabalharam nas fazendas de cana-de-açúcar da região, Nair era uma exímia contadora de histórias¹.

De vez em quando, no finalzinho da tarde, ela avisava, gritando pela janela de sua casa aos meninos e meninas que estavam jogando bola na rua: “Hoje a caipora² vai aparecer!”. Eu, um menino de 3 ou 4 anos, morria de medo dos seus contos que sempre giravam entorno de uma figura misteriosamente maligna, ao mesmo tempo em que sentia uma enorme excitação com a proximidade de mais uma noite aterrorizante.



Fig.1. Eu, de camiseta, na época, com 3 anos, segurando o caçula da casa, junto com o meu irmão Fernando. (Fonte: arquivo pessoal do autor)

Às 21hs, sentavam-se todos ao seu redor, debaixo da goiabeira, ansiosos por ouvir os contos de Dona Nair. Vale ressaltar que a variedade de histórias era pequena: eram sempre as mesmas 5 (que eu me lembro), repetidas semanalmente, até duas vezes na mesma noite. Mas isso era somente um pequeno detalhe, pois a cada minuto em que adentrávamos a noite ouvindo-a, aquela goiabeira, que durante

¹ Por sugestão da banca, verifiquei até que pontos as “estórias” não seriam “histórias”. De fato, como vai aparecer principalmente no depoimento do Sr. Amaro Figueira da Silva, alguns personagens sobrenaturais e lendários estão tão arraigados à trajetória do sujeito, que passam a fazer parte de suas vidas. Então, ao contar sobre a caipora, ela contava também algo que fazia parte de sua história.

² CASCUDO, L.C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. A Caipora (ou Caapora) é uma entidade da mitologia tupi-guarani. Guardiã do espírito das árvores, possui diversas versões sobre sua origem e características, sendo confundido muitas vezes com a figura do Curupira. Protege os animais da voraz fome humana por carne.

o dia servia como suporte para as cordas do balanço e aguentava o peso de tantas crianças, ganhava contornos assustadores.

A caminhada de menos de 100 metros até a nossa casa tornava-se uma enorme batalha contra monstros e demônios, que se materializavam em galhos, troncos de árvores e sons sinistros. Tudo muito assustador. Um mundo mágico, criado por uma velhinha capaz de mexer profundamente com nossas emoções através de suas histórias.

São lembranças muito remotas, de uma infância difícil. No final dos anos 80, meu pai era trabalhador de uma das poucas usinas de cana-de-açúcar ainda existentes. Fomos obrigados, diante de uma séria crise econômica no interior do Estado, a nos mudar para Niterói (RJ) em busca de qualidade de vida. Embora a mudança, para melhor, tenha sido significativa, tanto meus pais quanto meus irmãos e eu sempre estivemos muito ligados àquela cidadezinha, que apesar de degradada (política e ambientalmente) nos deixara boas recordações.

No entanto, as conversas com minha já falecida avó e também com meus pais, principalmente a minha mãe, sobre a infância e adolescência no interior sempre me instigaram, por apresentarem rios, florestas e até uma fauna rica que não cheguei a conhecer. A ausência de fotografias (as poucas que existem estão em pequenos monóculos) ou qualquer outro registro transformou a fala e a memória como únicas fontes de transmissão e perpetuação da história local. Principalmente, a história da localidade de Bananal, onde eles viveram e para onde anualmente viajavamos a passeio para visitar os familiares e amigos.

Nós adorávamos Bananal! Caminhar na terra, sujar os pés, cuidar do gado, subir em árvores tomar banho no valão. O lugar, hoje uma região bastante degradada fisicamente, teria sido uma região produtiva em algum momento não muito distante dos dias atuais. E eu mesmo experimentei algumas destas transformações, entre a década de 90 e os 5 primeiros anos do novo século, pois nas últimas visitas à tia Carminha, em 2002, já não podia mais tomar banho no valão, que praticamente havia se tornado um canal de esgoto.

A partir disto, surgiram as seguintes questões de pesquisa: como esta reconfiguração espacial é percebida e aparece no discurso dos idosos moradores da cidade e que acompanharam este processo de degradação nos últimos anos? Ou seja, de que maneira podemos utilizar estas memórias na identificação das mudanças ambientais que ali ocorreram? Qual foi a interferência disto no cotidiano

destes sujeitos? Como a memória e a história oral podem nos auxiliar nos estudos sobre dinâmica e planejamento ambiental?

O presente trabalho analisou o processo de degradação ambiental ocorrido em Bananal através da memória dos antigos agricultores do município de Cardoso Moreira. A intenção é apresentar as contribuições da memória e da experiência dos idosos para a avaliação dos impactos ambientais nos estudos sobre Geografia e Meio Ambiente, funcionando assim como uma ferramenta para a Educação Ambiental.

No capítulo a seguir, serão apresentadas as bases teóricas que nortearam a pesquisa, nos campos sobre tempo, memória e envelhecimento. Optou-se por começar com as bases teóricas ao invés da contextualização histórica e geográfica do município porque a esta estarão articulados os depoimentos.

A contextualização do município, indicando com detalhes os objetivos e a metodologia de pesquisa, é o que apresentamos no capítulo 3. Já o quarto capítulo foi reservado para que eles, os idosos que colaboraram pacientemente com suas histórias, tenham suas trajetórias apresentadas através da construção de uma memória ambiental a partir destes depoimentos.

Finaliza-se, projetando sempre a continuidade do trabalho por mim, por outros pesquisadores e pelos órgãos públicos.

Ao final, seguem os anexos, dentre os quais estão os termos de consentimento, que autorizaram o uso das falas, e o roteiro de entrevistas.

2. TEMPO, MEMÓRIA, VELHICE

Por seres tão inventivo
 E pareceres contínuo
 Tempo tempo tempo tempo
 És um dos deuses mais lindos
 (...)

E quando eu tiver saído
 Para fora do teu círculo
 Tempo tempo tempo tempo
 Não serei nem terás sido
 (...)

Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos
 Tempo tempo tempo tempo
 Num outro nível de vínculo
 (Oração ao Tempo – Caetano Veloso)

O filósofo Walter Benjamin (1985), ao dissertar sobre o conceito de história, diz que o passado traz consigo um índice misterioso que o impulsiona em busca de redenção. No entanto nunca (re) conheceremos o passado como ele de fato foi, pois este (re) conhecimento está sempre ameaçado pela apropriação das classes dominantes.

Tanto na Filosofia, quanto na literatura, no cinema e nos mais diversos campos acadêmicos, a questão do tempo sempre povoou a imaginação dos escritores e estudiosos.

No início de “Morangos Silvestres”, filme sueco de 1957, nos é apresentado o personagem Eberhard Isak Borg. Aos 78 anos, renomado professor de medicina, Isak prepara-se para viajar de avião para a cidade de Lund, localizada na região sul da Suécia, onde receberá um título honorário em reconhecimento a sua carreira como médico e docente.

No entanto, na noite anterior à viagem, Isak tem um sonho: durante a sua caminhada matinal, se perde em uma parte desconhecida da cidade, com ruas estreitas, desertas e casas em ruínas. O relógio da rua não tem ponteiros. Um homem aparece de costas, e Isak caminha em sua direção. Ao se virar, o sujeito, que não tem rosto, cai e se dilui. O ponto alto do sonho acontece quando uma carruagem, sem cocheiro para direcionar os cavalos, choca-se com um poste. Uma das rodas se quebra, a carroça cai e percebe-se que a mesma carrega um caixão. Isak se aproxima e percebe que é ele mesmo quem estava sendo transportado ali dentro.

Incomodado com o sonho, o personagem resolve que irá dirigindo até Lund, juntamente com sua nora. Durante o trajeto, resolve tomar um desvio para mostrar à moça um lugar muito especial: a chácara onde passou os verões na juventude. Por alguns instantes, o personagem observa a paisagem e senta-se no chão, num pedaço do jardim onde, há muitos anos, havia um canteiro de morangos silvestres. E é este canteiro, agora sem os morangos, o responsável por fazer emergirem as memórias da juventude de Isak. *“É possível que eu tenha ficado sentimental. Talvez estivesse cansado ou nostálgico. Foi então que percebi que pensava em coisas que estavam ligadas à minha infância. Não sei como isto aconteceu, mas a luz do dia clareou mais ainda as imagens das minhas lembranças que passavam pelos meus olhos com toda a força da realidade”*, diz o personagem antes de lançar-se em uma nostálgica viagem reminiscente.

Nesta obra de Bergman, a velhice é tratada como um momento de sabedoria na existência humana. Reflexão interna (mesmo que às vezes acompanhada por sentimentos dolorosos) e sensatez aparecem como elementos fundamentais para o sujeito Isak sentir-se idoso. Aqui, a velhice não é cruel. Severo é o tempo.

Em “Matadouro 5” (2005), Kurt Vonnegut narra a história de Billy Pilgrim que, preso pelos nazistas em um matadouro, vivencia o bombardeio à cidade de Dresden, em 1945, onde morreram cerca de 25 mil pessoas³. Enquanto está aprisionado, Billy relembra sua vida viajando no tempo e no espaço, passando por suas memórias de infância, pelas “lembranças do futuro” e ainda pelo planeta Tralfamador, onde conhece os seus habitantes, seres que enxergam o universo em 4 dimensões (altura, largura, profundidade e tempo). Ao analisar a percepção dos tralfamadorianos, que veem os humanos como grandes centopeias (pernas de bebê numa ponta e pernas de velhos na outra) e as estrelas como longos espaguete (“ao viajarem pelo espaço, deixam a sua essência como um rastro por onde passam”), Vonnegut levanta interessantes questões sobre a existência humana, com sarcasmo e seriedade que fizeram do livro um dos mais importantes libelos antiguerra da literatura.

Em uma dessas viagens no tempo, Pilgrim vai até o ano de 1965, onde visita mãe em um asilo. Já bastante debilitada, pouco antes de morrer, ela utiliza seus últimos suspiros para perguntar ao filho: “Como fiquei tão velha?”.

³ Em geral, é este o número de vítima mais aceito. No entanto, não há números oficiais sobre os mortos no bombardeio a Dresden, durante a Segunda Guerra Mundial.

De fato no cinema e na literatura em geral, a velhice sempre foi apresentada sob dois prismas. O primeiro segue o exemplo de Matadouro 5, associando a velhice à decrepitude, a uma condição negativa da existência humana. A outra maneira de expor a velhice é exatamente oposta: os idosos como sábios, que devem ser respeitados pela sua experiência e capacidade de aconselhar (comportamento geralmente associado à cultura oriental). Hoje, é comum um terceiro viés: o idoso como um velho-jovem, adotando atitudes típicas dos adolescentes. Uma visão nitidamente exagerada, mas fruto da real e positiva mudança na qualidade de vida dos idosos, principalmente nos países considerados desenvolvidos.

Como apresenta Beauvoir, em seu ensaio “A Velhice” (1970), quaisquer destas visões sobre o idoso podem ser perfeitamente vislumbradas em sociedades e comunidades, no tempo e no espaço.

Nos tópicos deste capítulo, apresento uma reflexão sobre tempo, memória e velhice, justificando a sua importância para os estudos em Meio Ambiente.

2.1. Idoso, velhice, envelhecimento

O envelhecimento é um processo natural, visto que enfrentamos nosso próprio envelhecer desde o dia do nascimento até a morte. Assim, o sujeito não atravessará a fase da velhice somente caso venha a falecer mais cedo. Embora esse assunto nos pareça familiar, há aqui a necessidade de se diferenciar os termos.

O envelhecimento é o caminho seguido pelas nossas células que estão em constante desgaste, assim como o nosso corpo. Já a velhice é uma fase, assim como a infância e a vida adulta. O processo de envelhecimento demográfico da população mundial é um fato notório. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o período de 1975 a 2025 pode ser considerado como a Era do Envelhecimento. Nos países em desenvolvimento esse envelhecimento é ainda mais acelerado. A previsão é de que em 2050 o número de idosos ultrapasse o número de jovens. Esse aumento tem sido acompanhado por um acréscimo nos anos de vida da população brasileira. Em meados do século XX a expectativa de vida era de 40 anos; em 2000, subiu para 67 e em 2020, deverá alcançar os 77,08 anos. Esse processo pode ser indicado como fruto de melhorias nas condições socioeconômicas, principalmente na área da saúde (WIECZYNSKI, 2011). No Brasil,

na década de 1970, os idosos representavam cerca de 5% da população brasileira, segundo dados do IBGE. Em 2010, já representam o dobro deste número.

A questão social do envelhecimento, na verdade, ainda não tem a visibilidade que precisa ter pois no Brasil as contradições regionais e a desigualdade social, que refletem a injusta distribuição de renda da população, estão presentes em todas as etapas do curso da vida, dificultando aos brasileiros a vivência real da cidadania como um direito. Essa luta começa na infância, continua na adolescência, juventude e idade adulta, por direitos básicos como saúde, educação, emprego, enfim, pela dignidade do ser humano. (BORGES, 2006, p. 100)

O estudo de Borges (2006) diz que somente em 1976 com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social é que se pensou em uma política voltada para esta faixa etária, principalmente os aposentados. As pesquisas realizadas na época mostraram o estado de abandono, preconceito e isolamento social entre os idosos brasileiros.

Em 1982, realizou-se a primeira Assembleia Nacional do Idoso em São Paulo, reunindo mais de 2000 idosos e culminando na publicação de alguns parágrafos na Constituição de 1988, dedicados as conquistas dos direitos.

Muitos anos mais tarde, um marco importante quanto à saúde do idoso foi a assinatura da Portaria nº 1.395 em dezembro de 1999, pelo então ministro da saúde José Serra, que instituiu a Política Nacional de Saúde do idoso a qual determinava que:

Os órgãos e entidades do Ministério da Saúde relacionados ao tema promovam a elaboração ou a readequação de planos, projetos e atividades na conformidade das diretrizes e responsabilidades nela estabelecidas. Essa política assume que o principal problema que pode afetar o idoso é a perda de sua capacidade funcional, isto é, a perda das habilidades físicas e mentais necessárias para realização de atividades básicas e instrumentais da vida diária. (PORTARIA Nº 2.528 DE 19 DE OUTUBRO DE 2006)

Dentre as diretrizes essenciais desta Portaria, destacavam-se:

- a promoção do envelhecimento saudável;
- a manutenção da capacidade funcional;
- a capacitação de recursos humanos especializados;
- o apoio ao desenvolvimento de cuidados informais;
- apoio aos estudos e pesquisas.

Mesmo sendo um processo heterogêneo e natural dos seres vivos, para alguns o envelhecimento é um estigma. A velhice é vista como uma fase difícil, talvez por ainda não sermos capazes de enxergar além das mudanças físicas e estéticas que ocorrem e por não a valorizarmos a partir das experiências vividas e realizações pessoais. O problema da velhice não é a velhice em si, mas como a sociedade se posiciona diante da questão.

Para autores como Zimmerman (2000) e Neri & Yassuda (2004) a substituição do termo *velho* por *idoso* leva a um deslocamento da discussão sobre a velhice, colocando a longevidade em foco e deixando de discutir a questão da função social do velho. Ou seja, diante da preocupação em se estabelecer se o termo adequado é *idoso*, *velho*, *terceira idade*, *melhor idade* e afins, deixa-se de lado a importante discussão sobre a condição destes sujeitos diante das políticas públicas e concepções sociais. Para Mucida (2009), a velhice acaba tendo vários nomes e pouca explicação para o significado de cada um deles. E ninguém está imune às concepções de velhice que circulam em cada época e cultura, nas políticas públicas e nos variados discursos.

Neste trabalho optou-se pela utilização dos termos velhice (para tratar da faixa etária dos sujeitos), envelhecimento (referindo-se ao processo) e idoso (para falar dos sujeitos em si). A adoção do termo idoso partiu das conversas com os próprios sujeitos da pesquisa, que disseram sentir-se desconfortáveis com a palavra velho. No entanto, diversos autores, referências no assunto, como Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir, utilizam a palavra velho em seus textos. E não cabe aqui qualquer crítica a isto. Trata-se somente de uma opção pela maneira mais respeitosa possível aos depoentes.

Surgiu de Dona Maria de Lourdes a explicação para a rejeição do termo velho:

Lourdes: Velho era como se chamava antigamente os pobres. O idoso pobre. Idoso era... era chamado o idoso rico. Minha mãe era idosa, mas ninguém chamava ela de velha. Ela era pobre, mas trabalhava muito. Sustentava os filhos, deu educação, saúde. Batia, mas nós não prestávamos muito. Éramos fogo-na-roupa. Mas velha ela não era. (Anexo F, p. 196)

Segundo Neri (2008) o termo idoso designa as pessoas idosas. Em países desenvolvidos, geralmente são considerados idosos aqueles sujeitos com mais de 60 anos de idade; em países em desenvolvimento a partir dos 65 anos. Ou seja, ser idoso é viver uma fase definida a partir da faixa etária do sujeito. O termo “terceira-idade” é hoje muito difundido e utilizado para se referir a esta fase, que aqui trataremos como velhice.

A velhice é a última etapa do ciclo vital e o envelhecimento é o processo natural de perda de plasticidade comportamental, vulnerabilidade e aumento da probabilidade de morte, variando a cada indivíduo, de acordo com aspectos genéticos, sociais e psicológicos. No entanto, é preciso atentar para um detalhe muito importante: o envelhecimento não é uma doença. Envelhecer não significa adoecer, embora haja o agravamento de patologias que podem levar à incapacidade física e funcional. As doenças, afirma Blessmann (2004) são marcas ou estigmas do envelhecimento. E há uma reciprocidade entre velhice e doença tão enraizada em nossa cultura que, segundo o autor, fica difícil lembrar que doença é acidente e pode acontecer com qualquer pessoa, enquanto a velhice compreende somente mais uma etapa da vida. Para Guimarães (2007), não compreendemos a velhice em sua totalidade, pois nos falta conhecer o valor de toda uma existência.

2.2. Memória e experiência

Mãe das musas, que representam a história, o teatro, a música e a poesia, a deusa Mnemósine (fig. 2) é a personificação da memória na mitologia. Onisciente, preserva o mundo do esquecimento e na cosmogonia grega aparece ainda como uma fonte, que recebe as águas do Lete, um rio que cruza o mundo de Hades, a morada dos mortos. Aquele que beber as águas do Lete (e assim devem fazer todos os que chegam ao mundo dos mortos) lavarás suas lembranças, esquecerá a vida terrena que teve, estando pronto para reencarnar em novo corpo e constituir assim uma nova memória.

Mas, o Lete deságua em Mnemósine e leva consigo todas as recordações daqueles que beberam de suas águas, como partículas que repousarão eternamente no fundo do rio. E isto permitirá a inversão do processo: beber as

águas de Mnemósine, consumir as lembranças que ali foram deixadas, consentirá a volta ao passado, buscando a inspiração nas reminiscências.



Fig 2. Mnemósyne, de Gabriel Dante Rossetti. 1875-1881, óleo sobre tela. Exposto atualmente no Dalaware Art Museum (EUA).

A memória não se encontra ou se apega somente ao passado, trazido à tona pela recordação. Ela está presente em nossos corpos, fala, idioma, hábitos, valores, naquilo que tememos e naquilo que esperamos, identificando-nos coletivamente e individualmente. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, como também empurra e desloca esta última, ocupando a consciência e aparecendo como “força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2003, p. 36).

Em 1890, William James (*apud* FOSTER, 2011), um dos fundadores da psicologia moderna, dissertou sobre a importância da memória questionando: por

que retemos muito melhor os eventos de ontem do que aqueles do ano passado, e, melhor ainda, aqueles da hora passada? Por que repetir uma experiência fortalece nossa lembrança dela? Por que na velhice a compreensão dos eventos da infância parecem ser mais consistentes? Por que no meio de uma crise de saúde lembramos o nome de um medicamento que não usamos há anos?

O passado assim desvendado é mais que o antecedente do presente: é a sua fonte. Recuando até ele, a rememoração procura não situar os acontecimentos num quadro temporal, mas atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial de onde proveio e que permite compreender o devir no seu conjunto. (ELÍADE, 1988, p.10)

Para Foster (2011) o sistema de memória trabalha a partir de 3 funções, articuladas e expostas a seguir:

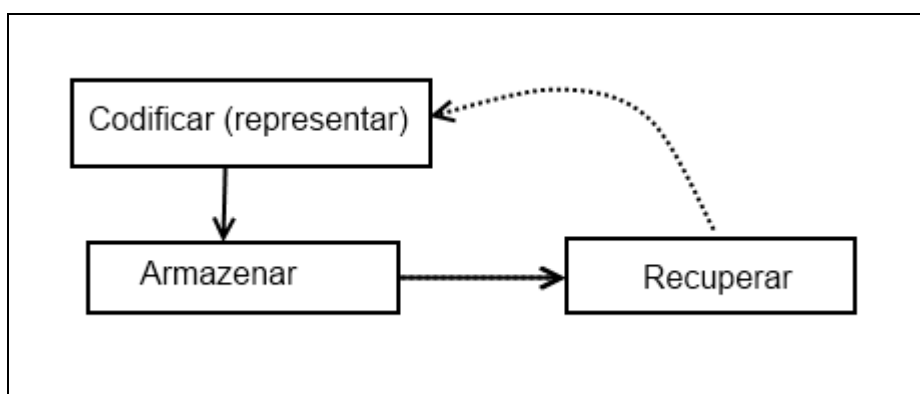


Fig. 3. Funções da memória por Jonathan K. Foster (2001)

Usando a memória de um computador como analogia, podemos dizer que primeiro o documento é armazenado na máquina, para ser acessado posteriormente. No entanto, se não houver um sistema de busca adequado, não conseguiremos localizá-lo facilmente. Encontrar o arquivo em um computador, assim como em nossa memória, depende de caminhos. Foster (2011) ainda relata uma interessante experiência realizada na década de 1970, onde pesquisadores descobriram que a maioria das pessoas possui uma memória ruim mesmo para coisas familiares. Neste estudo, os sujeitos envolvidos eram desafiados a descrever os detalhes de uma simples moeda. Das cores e dimensões do objeto, todos se lembraram. No entanto, quando questionados se a cabeça ou a face impressa na moeda estava voltada para direita ou esquerda, as respostas não foram tão exatas.

O autor concluiu que a cor e o tamanho são as características mais importantes na hora de usar o dinheiro nas funções cotidianas - muito mais importantes para diferenciar uma moeda de outra do que o texto inscrito nela, a personalidade gravada ou a direção da cabeça. Lembramos, portanto, das informações que são mais importantes para nós. Mas ainda referente aos questionamentos levantados, por que a repetição de uma experiência reforça as lembranças?⁴

Quando falamos em memória, é preciso observar as suas diferentes configurações. Em *Matéria e Memória* (1999), Henri Bergson apresentou o “cone invertido da memória”, onde explica diferença entre o espaço profundo e cumulativo da memória e o raso e pontual da percepção imediata. Assim o descreveu:

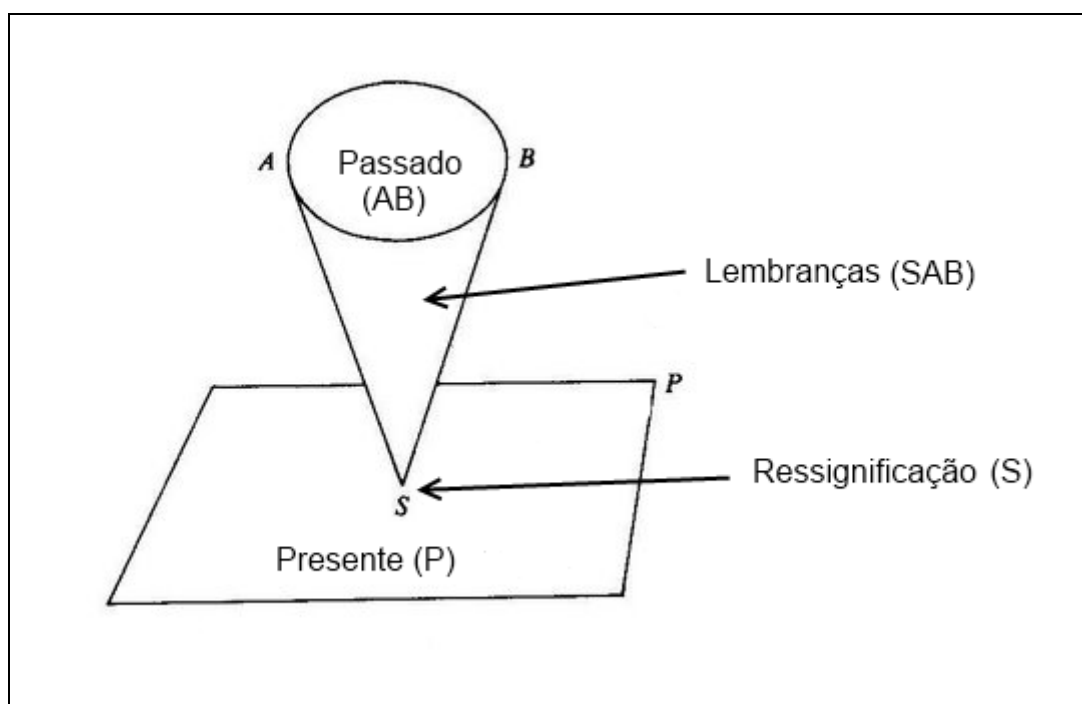


Fig. 4. Cone da memória, elaborado por Henri Bergson (1999) e adaptado pelo autor.

Se eu representar um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice S, que figura a todo o momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano. (BERGSON, 1999, p.178)

⁴ Refiro-me aqui a pessoas com as funções cognitivas preservadas.

Assim, a base AB configura-se como o passado (tanto as lembranças mais antigas, como as de segundos atrás). A partir de estímulos, elas “descem” até o momento P, onde no contato entre passado e presente lhe são atribuídos novos significados.

Bergson observou que algumas lembranças se relacionam a esquemas de comportamento quase automático. Estas ele classificou como *memória-hábito*. Trata-se de um tipo de memória que, segundo Bosi (1994), faz parte do nosso adestramento cultural. É por essa memória, facilmente acessada, que sabemos qual movimento devemos fazer para abrir uma garrafa, segurar os talheres durante uma refeição ou acender um fósforo sem queimar os dedos. É fruto de uma repetição e é por isto que conseguimos sair do nosso quarto pela manhã e, mesmo ainda sonolentos, não tropeçarmos ou errarmos o caminho da cozinha ou do banheiro.

Em oposição à memória-hábito, Bergson propôs a *memória-lembrança*. Este tipo de memória, na qual esta pesquisa se concentrou, não possui caráter mecânico, mas evocativo. É a memória da contemplação, que Bergson logo relaciona ao inconsciente. Isto não significa que é necessário um momento específico de relaxamento para que estas venham a emergir. Pelo contrário, as ressurreições do passado não são momentos isolados. Estão presentes no cotidiano, embora o vício dos hábitos cotidianos não permita tantos devaneios.

A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou é, portanto uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. Como elas não constituem duas coisas separadas, como a primeira não é, dizíamos, senão a ponta móvel inserida pela segunda no plano movente da experiência, é natural que essas duas funções prestem-se um mútuo apoio. Por um lado, com efeito, a memória do passado apresenta aos mecanismos sensório-motores todas as lembranças capazes de orientá-los em sua tarefa e de dirigir a reação motora no sentido sugerido pelas lições da experiência: nisto consistem precisamente as associações por contiguidade e por similitude. Mas, por outro lado, os aparelhos sensório-motores fornecem às lembranças impotentes, ou seja, inconscientes, o meio de se incorporarem, de se materializarem, enfim, de se tornarem presentes. Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, 178)

Ricouer (1994) refuta a noção de memória como algo simplesmente seletivo, que escolhe alguns eventos em detrimento de outros. A memória seria um trabalho contínuo, que excede a noção de presente e passado. Ao pensarmos em "passado", temos a tendência a imaginá-lo como algo pertencente a um tempo longínquo, datado em cronologias distantes. No entanto, ao acabarmos a leitura desta frase este momento já fará parte do passado. Assim, a narrativa histórica é fundamental por trazer elementos que excedem a noção de presente e passado, principalmente porque a narração dos sujeitos rompe com a ideia do tempo como uma sucessão de eventos. E é esta a concepção de alguns filósofos da Escola de Frankfurt, principalmente, Walter Benjamin.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1985, p. 198)

É com essas frases que Benjamin inicia "O Narrador", um dos mais importantes textos deste filósofo alemão, que tinha a experiência como tema central de seus estudos. Para ele, a narrativa, como uma forma artesanal de comunicação, era a principal fonte de expressão desta experiência.

Para Dilthey (2010), as coisas tornam-se experiência não somente ao serem vivenciadas, mas na medida em que deixam uma impressão especial de continuidade. Benjamin e Marcuse, tecedores de críticas à modernidade, apontaram a memória e o inconsciente coletivo como uma alternativa à razão instrumental. Não cabe aqui pensarmos a história como uma sucessão linear de acontecimentos. O passado pode tanto direcionar as atitudes do presente, quanto o próprio presente adquirir uma nova concepção daquilo que chamamos de passado. O que fomos está, pois, contido, conscientemente ou não, naquilo que somos agora (ROSÁRIO, 2002). A esta experiência integrada, mediada pela cultura, que envolve senso de passado e expectativa de futuro, Walter Benjamin chamou de *Erfahrung*.

A língua tem indicado que a memória não é um instrumento para a exploração do passado, é antes o meio. Quem pretende aproximar-se do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois "fatos" nada são além de camadas que apenas à

exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. É indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN, 1987, p.239)

Ao escutarmos as lembranças de um idoso, presenciamos uma fala calcada em melancolia, indignação. Mas a memória dos idosos pode revelar um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. Por seu intermédio, podemos compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano nosso presente. Saber escutar e valorizar essas lembranças é uma maneira de transformar melancolia, indignação e resignação em sabedoria, história e prazer. “É dar voz a um grupo que poucas vezes é ouvido” (ALMEIDA, 2001, p.43).

Mas o quão confiável é a memória? Como veremos na seção 6 do capítulo 4, alguns sujeitos apresentaram o que chamamos de *transferência de memórias* ou *falsas memórias*. São lembranças de situações que eles não viveram, mas que incorporaram ao seu discurso. Geralmente, estas falsas memórias são construídas através de relatos escutados pelos sujeitos que as associam a algum evento, este sim, vivido pelo próprio. Quando Lourdes fala sobre o massacre integralista ocorrido em Campos em 1937, do qual diz lembrar vagamente porque era muito pequena, ela não está mentindo. Embora só tenha nascido em 1939 – dois anos após o tal massacre -, a depoente deve ter vivido a tensão que sucedeu ao evento nos anos seguintes, além de escutar de seus pais discursos relacionados ao incidente.

O mesmo acontece com dona Dimea ao relatar a travessia de barcas no rio Muriaé. Estas barcas pararam de circular em 1947, quando foi construída a ponte de pedestres Dr. Salo Brand, que liga as duas margens do rio. Mas dona Dimea nasceu em 1948.

Cabe questionarmos como estas memórias inexatas se chocam com as intenções de se fazer uma análise geohistórica e ambiental o mais fiel possível da “realidade”. E isso discutiremos no próximo capítulo.

2.3. A importância da memória e da história oral para os estudos ambientais

Vimos que a memória precisa de rastros, caminhos em busca de um passado desaparecido que manará em um tempo presente. O *paradigma indiciário*

sugerido por Carlo Ginzburg (1989) aponta que em fatos aparentemente irrelevantes podemos encontrar estes rastros que nos levarão a compreender o comportamento humano e o ambiente, pois a partir dos resquícios que persistem na atualidade conseguiremos resgatar histórias e extrair elementos do cotidiano já vivido. Para isso a história oral torna-se fundamental, pois permite o acesso às lembranças e esquecimentos.

Bosi (2003) alerta que as histórias orais dificilmente substituirão a chamada “história oficial”, totalizante, que elucida uma revolução política ou o processo de estruturação de uma determinada sociedade. No entanto, embora a história oral possa ser questionada por apresentar somente alguns pontos de vista dos fatos, a história oficial pode ser questionada exatamente pelo contrário.

Pesquisas mostram que o Estado, principalmente no período da ditadura militar, utilizou o ensino de História como mecanismo para a imposição e dominação social a partir da defesa e da exaltação de ideias condizentes com o contexto político de poder autoritário⁵. Foi exatamente isto o que Benjamin (1985) quis dizer ao escrever que o (re) conhecimento do passado está sempre ameaçado pela apropriação das classes dominantes: a história dos indivíduos pode confrontar estas ideologias, apresentar novas perspectivas e denunciar os mecanismos de opressão.

Mas, qual versão dos fatos é verdadeira? Podem também os sujeitos depoentes apoiarem-se em discursos ideológicos e terem suas ideias confrontadas?

Bosi (2003) diz que nós temos o direito de refutar o fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade. Mas a inexatidão do que é contado não invalida o testemunho.

Para Portelli (1996), a subjetividade constrói e atribui significado à própria existência e à própria identidade, constituindo por si mesmo o argumento do discurso. Excluir ou mesmo exorcizar a subjetividade como se fosse uma interferência na objetividade do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado dos fatos narrados. E reside nisto a diferença entre a história oficial, que é contada e repassada por escolas e instituições, e uma história fundamentada em relatos orais: a segunda pode (e deve) ser contestada.

⁵ Para aprofundar o estudo sobre o tema, indica-se o artigo CEREZER, O.M. Educação e dominação social: o ensino de História no regime militar brasileiro. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 6, Ano VI, n. 3. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol20osvado.php>

“A memória é onde se desenvolve a história, que por sua vez a nutre, salva o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos, portanto, trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p.471).

A história oral oferece a possibilidade de registrar a reação vivida dos acontecimentos no cotidiano das classes populares. De acordo com Thompson, se um projeto de história oral focar as raízes históricas de alguma preocupação contemporânea, demonstrará a importância do estudo histórico para o meio ambiente. E a possibilidade de utilizar a história para finalidade sociais e pessoais de forma construtiva é um dos caminhos da abordagem oral, pois ela trata de vidas individuais (e todas as vidas são interessantes). Porém, a relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: deve ser uma troca, pois, no fundo, todas as histórias se relacionam (THOMPSON, 1992).

“Na memória, a paisagem é marcada por tensões, sucessos e fracassos da história de uma sociedade. Nela, podemos encontrar as marcas significativas da evolução histórica de um povo, reconstruindo, assim, o espaço nos fixos e nos fluxos que já se foram. Por ela passou todo o filtro do tempo e, portanto, por meio dela se pode reler o mundo” (ALMEIDA, 2001, p.43).

Narrativas que contemplam recortes temporais podem nos revelar aspectos da biodiversidade que se transformaram ao longo do tempo.

O homem se torna fator geológico, geomorfológico, climático e a grande mudança vem do fato de que os cataclismos naturais são um incidente, *um* momento, enquanto hoje a ação antrópica tem efeitos continuados, e cumulativos, graças ao modelo da vida adotado pela Humanidade. Daí vêm os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a natureza. Assim, o problema do espaço ganha, nos dias de hoje, uma dimensão que ele não havia obtido jamais antes. Em todos os tempos, a problemática da base territorial da vida humana sempre preocupou a sociedade. Mas nesta fase atual da história tais preocupações redobram, porque os problemas também se acumularam (SANTOS, 1997, p.17).

Prado (2008, p.19) defende “a utilização da história como ferramenta fundamental para a elaboração e promoção da Educação Ambiental”, especialmente no que se refere ao resgate destas experiências de práticas ambientais no tempo. Ainda para o educador, “o campo de análise de Meio Ambiente transforma-se em uma ferramenta de re-ligação entre a vivência histórica e a própria sociedade,

sendo, através desta, uma luneta por meio da qual a sociedade se vê” (PRADO, 2008, p.27). E é por meio da história local que as cidades devem buscar o sentido para a sua própria natureza.

Um dos grandes desafios da Educação Ambiental é buscar a sensibilização dos sujeitos e o seu envolvimento com o meio através do sentimento de pertencimento. Dependendo da forma como a realidade local é pesquisada, os resultados poderão servir de base para ações educativas conservadoras para a valorização de determinados ambientes (ALEXANDRE & OLIVEIRA, 2008). Neste caso, escutar os antigos moradores e apreciar a sua experiência enquanto sujeitos participantes e, ao mesmo tempo, atingidos no processo de degradação ambiental em Bananal, localidade agrícola em Cardoso Moreira (RJ), pode ser revertido em planos e estratégias no manejo de recursos e cultivo adequado.

O pertencimento ao lugar funciona como um mapa cognitivo que orienta as relações entre as pessoas e entre essas e o ambiente. Alencar (1993) defende que as narrativas tornaram-se as principais fontes de informações para se conhecer o modo como as pessoas percebem e se situam no ambiente, e as estratégias utilizadas para lidar com as contínuas transformações da paisagem. Nos últimos 20 anos, apesar da mobilidade constante e das transformações negativas na paisagem, alguns moradores de Bananal, não abandonaram o lugar. Esta persistência é uma característica dos grupos sociais que possuem fortes vínculos com um lugar mesmo diante da transformação que ocorre no ambiente. Esta permanência é também uma forma de resistência⁶ e as áreas onde desenvolvem ou desenvolviam suas suas atividades (trabalho, lazer) são também significativas paisagens da memória (HALBWACHS, 1990), âncoras da história do grupo social.

Em contrapartida, grande parte dos antigos moradores migraram para a região central, abandonando total ou parcialmente as suas terras, que apresentam-se em condições impróprias para atividades agropecuárias. Escutar os idosos que presenciaram o acelerado processo de degradação ambiental desta localidade permite não somente compreender e entender o processo através da experiência destes sujeitos como também refletir sobre o comportamento humano diante de degradações ambientais.

⁶ E.P. Thompson e James C. Scott (apud Ramalho & Esterici) concordam que resistência neste caso pode ser definida como a “luta prosaica, porém constante, entre o campesinato e aqueles que dele procuram extrair trabalho, alimento, impostos, renda e juros”. (SCOTT, J.C. **Weapons of the Weak**. New Haven: Yale University Press, 1985)

3. CARDOSO MOREIRA COMO RECORTE DE ESTUDO

3.1. Localização e história oficial

O município de Cardoso Moreira (fig.5) está localizado na região Norte Fluminense. Com cerca de 12.540 habitantes, distribuídos em 514.882km² (densidade de 24,36 hab./km²), está a 330 km de distância da capital e ocupa hoje o 89º lugar no IDH (índice de desenvolvimento humano) entre os 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro.



Fig.5 Localização do Município no estado do Rio de Janeiro (fonte: www.cardosomoreira.rj.gov.br)

A história de Cardoso Moreira está diretamente ligada ao município de Campos dos Goytcazes e também ao rio Muriaé. E foi exatamente no leito de inundação do rio onde a cidade surgiu e se desenvolveu (fig. 6), o que fez com que a sua trajetória estivesse sempre marcada por enchentes e desastres.

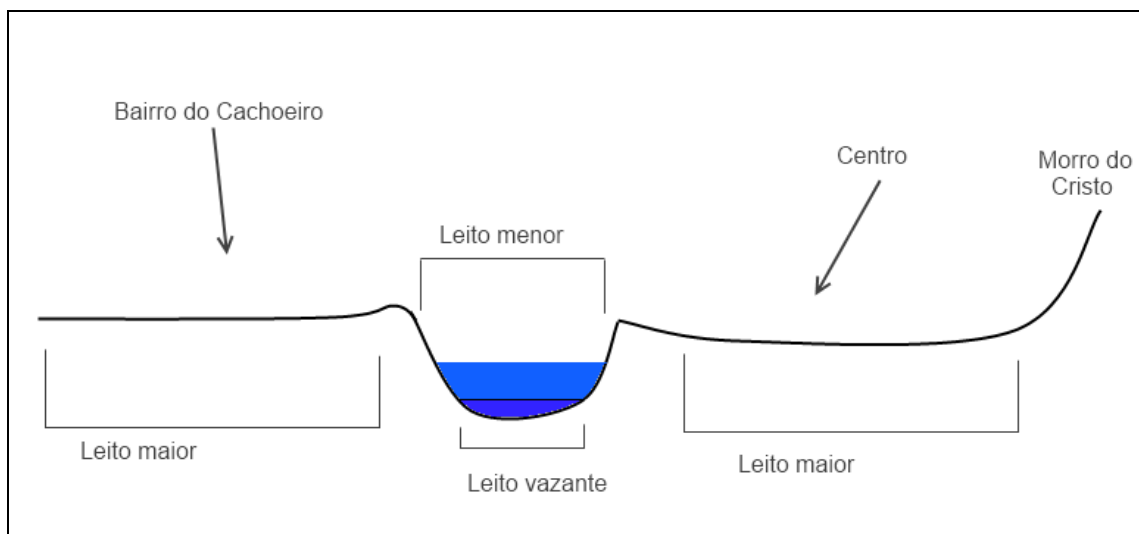


Fig. 6. Representação de um recorte transversal de trecho do rio Muriaé (adaptado de Christofolletti, 1981)

O leito menor de um rio é a área onde a água costuma escoar frequentemente, inclusive impedindo o crescimento de vegetação. O leito vazante corresponde às áreas de maior profundidade do canal, onde as água escoam em períodos de estiagem, enquanto o leito maior representa a área que costuma ser ocupado em períodos de fortes chuvas. Neste tipo de leito, o escoamento obedece a intervalos irregulares. É possível que durante anos as águas do rio corram somente no leito de vazante ou no leito menor, sendo comum a ocupação humana do leito maior (fig. 7).



Fig. 7. Imagem aérea da cidade (Fonte: www.cardosomoreira.rj.gov.br) adaptada ao modelo da figura anterior.

Na figura anterior, é possível notar a intensa ocupação do leito maior neste trecho do rio Muriaé, onde se localiza o centro de Cardoso Moreira. As enchentes nesta área estão se mostrando cada vez mais intensas, mas nem sempre as cheias ocorrem pelo aumento das chuvas especificamente sobre a cidade. Nascendo na Zona da Mata, em Minas Gerais, o Muriaé segue para leste, em direção ao oceano Atlântico. No trecho alto do rio, mais próximo das nascentes, ele corre encaixado, entre morros, sem espaço para onde se espalhar. Mas ao chegar em Cardoso Moreira, encontra uma planície e todo aquele volume de água acumulado durante o trajeto transborda.

Mas veremos que a relação da cidade com o rio não é somente marcada por tragédias. Historicamente, consta que em 1672, dois frei franciscanos, de nomes Paulo e Jacques, fundaram na margem direita do rio Muriaé, na altura das primeiras cachoeiras, o primeiro grupamento indígena formado pelos Puris. Tratava-se de uma tribo remanescente dos Goytacazes, indígenas que foram exterminados durante o primeiro século de colonização. Consta que por volta de 1630, com o a ocupação portuguesa das terras nas costas fluminense e capixaba, 20.000 índios Goytacazes foram mortos. Os sobreviventes dispersaram-se seguindo o fluxo do rio Muriaé e adentrando na mata atlântica que o margeava. No entanto, a ocupação ordenada pelos freis não teria ido à diante devido a uma epidemia de febre, que dizimou a aldeia.

Em meados do século 1700, cerca de 200 engenhos de moagem de cana para beneficiamento de açúcar e aguardente já estavam instalados naquela região. Em 1828, o viajante naturalista Antonio Muniz de Souza subiu o rio Muriaé até atingir um ponto em que não havia mais qualquer rastro de civilização. Na ocasião, relatou que no trecho onde se localiza Cardoso Moreira havia extensas florestas e uma extensa várzea (SOUZA, 2000). Assim Souza descreve o rio:

E do último sítio para cima até demandar com limites de Minas é uma mata imensa, onde se observa um profundo silêncio, ouvindo-se apenas o sonoro gorjeio dos pássaros, o ruído das árvores agitadas pelo vento, e o murmúrio das águas. Que copadas e frondosas árvores de robustos e corpulentos troncos! Que fecundos terrenos! Que fartura de madeiras preciosas para construção! Que perspectiva agradável nos apresenta o rio! Tudo finalmente oferece uma face risonha como que convidando os homens a cultura de terrenos tão produtivos. (SOUZA, 2000, p. 133)

Rodrigues (1988) reproduziu uma publicação do exemplar de 24 de julho de 1904 do jornal “Monitor Campista”. Na ocasião, o historiador Julio Feydit escreveu sobre o desaproveitamento das forças hidráulicas na região Norte Fluminense, dizendo que no “rio Muriaé, da primeira cachoeira pra cima, a força hidráulica ainda é aproveitada por poucos estabelecimentos agrícolas”.

Durante o período em que se manteve como distrito de Campos, o município de Cardoso Moreira teve distintas nomenclaturas. Em 1891 foi declarado distrito com a denominação de Taquarassu. 15 anos mais tarde, em 1904, passou a denominar-se Porto do Braga, nome que sustentou até 1938, quando passou a se chamar Cardoso Moreira, em homenagem a um fazendeiro que havia feito grandes investimentos na região e que tornou-se grande acionista da Estrada de Ferro⁷ que ali se instalou.

Somente em 1986 iniciou-se oficialmente o movimento emancipacionista, que culminou no plebiscito de 31 de julho 1988, o chamado “Dia do Sim”. A partir dali, Cardoso Moreira era declarado município do estado do Rio de Janeiro.

Como toda emancipação, um dos objetivos fundamentais é não depender mais da cidade pólo. Para a população, há também a aproximação com os seus representantes.

Os dados censitários do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - das décadas de 1980/1990/2000/2010 apontam que a população rural de Cardoso Moreira diminui a cada ano, ao contrário da dinâmica populacional do Estado e da região Norte Fluminense que cresce a cada pesquisa (tabela I).

⁷ A colonização do Noroeste Fluminense teve um grande impulso com a construção das estradas de ferro no final do século XIX. A sua construção foi fundamental para o desenvolvimento agrícola e posteriormente das cidades da região. Quase todas as cidades atuais ou eram pequenos vilarejos que foram cortados pelos trilhos da ferrovia ou nasceram ao redor das estações ferroviárias da **Estrada de Ferro Leopoldina Railway** que operou por cerca de 70 anos as duas linhas que cruzaram a região possibilitando aos fazendeiros escoar café, principal produto agrícola da época.

Tabela 1 – População residente

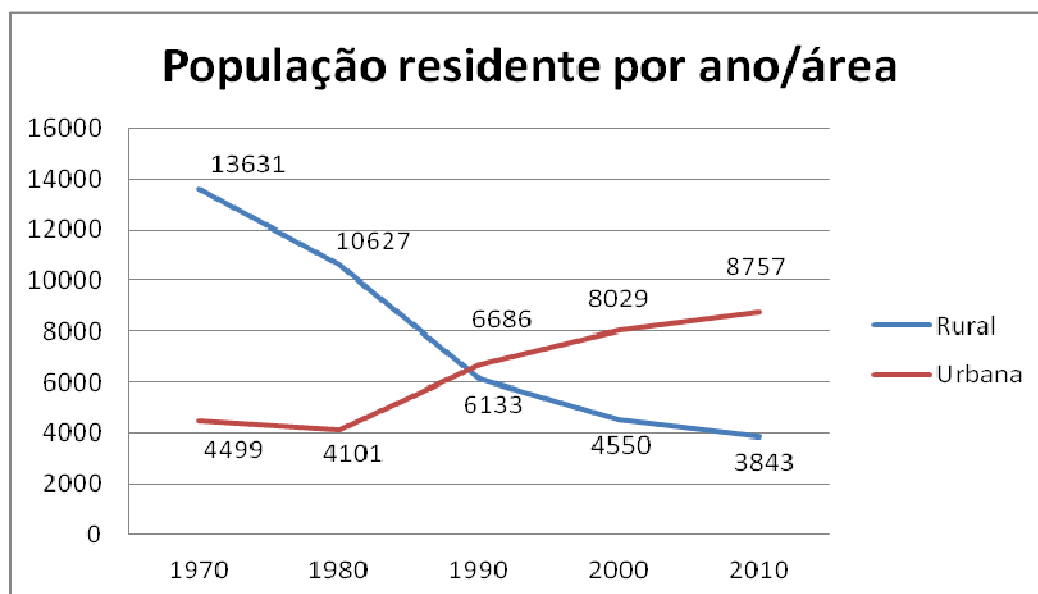
	1970	1980	1991	2000	2010
Estado do Rio de Janeiro	8.994.802	11.291.520	12.807.197	14.391.282	15.993.583
Região Norte Fluminense	474.937	514.644	611.576	698.783	861.084
Cardoso Moreira	18.130	14.728	12.819	12.595	12.600

Fonte: Censos demográficos do IBGE 1970/1980/1990/2000/2010

O que os dados da tabela apontam é a forte migração da população para cidades vizinhas. No período entre 1970 e 1980 iniciou-se a instalação da Petrobras em Macaé, o que levou a população dos municípios do norte fluminense, com exceção de Cardoso Moreira. Constatamos então que nem todos os municípios do Estado foram beneficiados pela instalação das indústrias petrolíferas na Bacia de Campos.

Mas o que mais impressiona é a diminuição da população residente em áreas rurais, principalmente porque a base econômica do município, mesmo antes da emancipação, é a agropecuária. Um dos motivos desta migração foi a má condição em que se encontram as terras agricultáveis e a escassez de recursos hídricos, principalmente na localidade de Bananal. De acordo com os dados sistematizados por Carvalho & Totti (2006), entre 1980 e 1990, 42% dos moradores das áreas rurais do município migraram para áreas urbanas ou para outras cidades. E, analisando o gráfico a seguir, também podemos constatar que a população que vivia nas áreas rurais em 1970 era maior do que a população total do município nos dias atuais.

Gráfico 1 - Evolução da população residente em Cardoso Moreira por década, nas áreas urbana e rural



(Fonte: Dados censitários do IBGE 1970/1980/1990/2000/2010)

A forma de produção sem uma preocupação com o meio ambiente, associada ao descaso do poder público com os aspectos socioambientais, fez com que as matas nas encostas fossem praticamente liquidadas para dar lugar ao café, a cana e ao gado. Por não haver saneamento ou sistema de esgoto, os dejetos foram depositados em fossas sanitárias abertas no solo sem preparo apropriado ou jogados diretamente nos córregos tornando a água imprópria para o consumo, influenciando negativamente na biota. Com recursos esgotados, a migração tornou-se a principal alternativa.

Certamente que uma parte considerável desta diminuição da população rural tem relação com a decadência da monocultura canavieira, predominante na maioria dos municípios da região, o que liberou uma massa expressiva de mão-de-obra, que hoje tenta se inserir nas atividades urbanas nem sempre disponíveis, dando origem a bolsões de pobreza (CARVALHO & TOTTI, 1006, p.107)

Seguindo a tendência geral, por se tratar de um movimento populacional por motivos econômicos e pela busca de emprego, a migração de pessoas jovens é maior do que a migração de idosos. Hoje, 16% da população cardosense é constituída por idosos, o que representa praticamente o dobro da média nacional (8,6% dos brasileiros são idosos). Os dados indicam 2049 idosos e idosas vivendo

em Cardoso Moreira, sendo 1268 os principais responsáveis pelo sustento do lar (IBGE, 2010). Podemos afirmar, com certeza, que a maioria vive na cidade há décadas.

Este estudo foca na dinâmica que envolve esta população idosa a partir de uma perspectiva ambiental. Como já citado, o recorte espacial delimitado é a localidade de Bananal. No entanto, as relações destes sujeitos ao longo de sua trajetória de vida vão além deste limite. Falar de Bananal, uma área rural que já teve sua importância e que voltou a receber a atenção do poder público nos últimos anos, é falar da história e da identidade cardosense.

É difícil precisar quantas pessoas vivem em Bananal ou mesmo estabelecer os seus limites. Trata-se de uma região rural, fronteira com outras áreas rurais dos municípios de Italva e São Fidélis. Embora as prefeituras determinem que algumas propriedades estejam localizadas em São Fidélis, as interações espaciais (médicos, escolas, agências bancárias, etc) são estabelecidas com Cardoso Moreira. E muitos destes produtores fidelenses, segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, solicitam a inclusão nos projetos rurais desenvolvidos em Cardoso Moreira, sobre os quais falaremos mais adiante. No Censo, os moradores de Bananal são inseridos na contagem populacional do Centro.



Fig. 8. Em marrom, a delimitação livre da área da localidade de Bananal (imagem obtida através do software Google Earth, no dia 03/01/2012, adaptada pelo autor).

Antes de apresentar os sujeitos participantes da pesquisa, analisaremos os objetivos e procedimentos metodológicos que nortearam esta dissertação.

3.2. Objetivos

O objetivo geral é analisar os impactos ambientais ocorridos na localidade de Bananal, em Cardoso Moreira (RJ), por meio da análise da memória dos idosos enquanto ferramenta de Educação Ambiental. Trata-se de averiguar como as narrativas destes sujeitos que possuem uma experiência singular na cidade apresentam a sua relação com o meio ambiente, entendendo a questão ambiental como uma reflexão também sobre o tempo.

Como objetivos específicos⁸ desta pesquisa, enumeram-se os seguintes itens:

1. Identificar e caracterizar as alterações e impactos ambientais na região de estudo ao longo das últimas décadas através da trajetória de vida dos idosos, bem como sua inserção no panorama produtivo do norte fluminense, antes e depois da emancipação, partindo-se do pressuposto que há uma relação entre a degradação ambiental, as formas de cultivo e a situação econômica da região;
2. Compreender a importância da valorização da memória, voz e experiência do idoso na Educação Ambiental, considerando como meio ambiente o conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que abrange um indivíduo e o grupo com o qual ele interage.
3. Estabelecer a memória do idoso como ferramenta para a Educação Ambiental.

⁸ Foi sugerido pela banca um quarto objetivo específico: “caracterizar o processo de formação socioespacial, ambiental e cultural do município de Cardoso Moreira (RJ)”. No entanto, optou-se por não inseri-lo na versão final, por considerarmos que este item já seria contemplado no contexto geral, não se caracterizando, especificamente, como um dos objetivos desta pesquisa.

3.3. Metodologia

3.3.1 A História Oral

O olhar é o fundo do copo do ser humano
(Walter Benjamin)

A história oral não pode ser confundida como um ramo da ciência História. Não é como a história econômica, política, social. Trata-se de um método de investigação científica que pode ser utilizado em qualquer um desses ramos, apontando sempre a conexão existente entre estes - e não para suas divisões. É sob este ponto de vista que ela aparece ao longo de todo este trabalho.

Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. (LOZANO, 1996, p.16)

Através da história oral é possível estudar os acontecimentos históricos, os grupos sociais e as instituições à luz dos depoimentos daqueles que participaram dos eventos.

De um modo geral, qualquer tema nas ciências sociais pode ser investigado utilizando-se este método. De início, deve-se apresentar uma problemática, inserindo-a no projeto de pesquisa. O segundo passo é o desenvolvimento de procedimentos apropriados à constituição das fontes orais. E também é preciso fazer questionamentos como: gravar ou não as entrevistas? Elaborar questionários ou seguir apenas um roteiro? Neste momento é necessário que haja um certo rigor e controle crítico às fontes constituídas, assim como as fontes complementares e documentais (LOZANO, 1996). Por último, passa-se para a análise e interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes.

Além de ser uma forma de apreensão de narrativa em meio eletrônico, a gravação, também deve ser uma prática de análise sem a qual o trabalho perde sua dimensão histórica. Em sua apresentação para o livro “Usos & Abusos da história oral”, Ferreira critica o uso da história oral no Brasil afirmando que:

Trabalhar com história oral no Brasil em geral ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los

suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas (AMADO & FERREIRA, 1996. P. 11).

Na mesma obra, Lozano diz que:

Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros. (LOZANO, 1996, p. 17)

E alerta:

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a conseqüente análise histórica. Que seu papel não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade não sejam substituídos pelas fitas de gravação. (idem)

O valor histórico do passado lembrado apóia-se em três aspectos fundamentais. De acordo com Thompson (1992) o primeiro seria a capacidade de proporcionar informação significativa sobre o passado. O segundo seria a possibilidade de transmitir a consciência individual e coletiva que é parte complementar deste mesmo passado. O terceiro seria exatamente o fato de estas fontes serem vivas:

Estamos lidando com fontes vivas que, exatamente por serem vivas, são capazes, à diferença das pedras com inscrições e das pilhas de papel, de trabalhar conosco num processo bidirecional. (THOMPSON, 1992, p. 195)

Ainda segundo o autor, a história oral vai contra a natureza da maior arte dos registros, que geralmente refletem o ponto de vista da autoridade, defendendo a sabedoria dos poderes existentes:

As testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1992, p. 26)

E complementa:

Em alguns casos a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. (THOMPSON, 1992, p. 27)

São apontadas nesta dissertação duas destas novas áreas que podem ser abertas a partir dos trabalhos com a história oral: a Ecologia e a Educação Ambiental, acreditando que estes depoimentos são importantes não somente para a pesquisa, como também para os próprios sujeitos entrevistados. Para Bosi (2003), o idoso sente-se reconfortado ao lembrar, ao ceder o seu depoimento e sentir que a sua velhice traz um acúmulo de experiências importantes para as novas gerações. É papel do educador ambiental conduzir as entrevistas de modo que estes sujeitos, antes de qualquer grupo social, sintam-se contemplados e revigorados pela pesquisa.

Pode-se dizer que um entrevistado idoso, preocupado em recuperar, para si mesmo até, sua experiência de vida, e relativamente descomprometido com aquilo que o envolvia no passado, geralmente se situa em uma posição privilegiada para revelar e interpretar sua experiência, articulando-a inclusive com a experiência do grupo de que fazia parte, com outros grupos e com a sociedade como um todo. Isso não quer dizer, entretanto, que todo entrevistado idoso se revele um “bom entrevistado”, nem tampouco que todos os entrevistados jovens, ou ainda em atividade, não possuam bom desempenho quando se trata de explorar e interpretar o passado. Ao contrário, trata-se de uma tendência, segundo o qual, geralmente, o entrevistado mais velho está em posição privilegiada para os objetivos em história oral.

Para Martins (2007), quando tratamos ainda de uma história ambiental a análise das questões socioambientais deve ser guiada pela perspectiva de uma visão integradora dos seres no ambiente e a história oral é um importante método para isto.

As entrevistas foram classificadas em duas categorias, de acordo com Alberti (1989), e ambas são apresentadas nesta dissertação: as histórias de vida e as entrevistas temáticas.

A primeira tem como foco o sujeito, visando a sua trajetória de vida e possui no seu interior diversas entrevistas temáticas. Foram entrevistas mais longas, que exigiram tempo e cortes de profundidade em alguns momentos, passando desde a infância até o momento em que o sujeito depõe.

A segunda foi a entrevista temática, que versava especificamente sobre o assunto degradação ambiental na área determinada. Destas, participaram os membros da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), técnicos da Empresa de Assistência Técnica e extensão Rural (EMATER) e pessoas com as quais fomos cruzando, até mesmo involuntariamente, ao longo da trajetória da pesquisa.

3.3.2. As amostras

Para as entrevistas de histórias de vida foram selecionados seis sujeitos, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino. Os critérios para a escolha destes depoentes foram:

1. Ser natural de Cardoso Moreira e que, preferencialmente, tenham passado grande parte da vida em Bananal e que ainda mantenham alguma relação com o lugar (parentes, amigos, propriedades, etc)
2. Ter mais de 60 anos, sendo assim considerados idosos pela Organização Mundial da Saúde (OMS);
3. Possuir as funções cognitivas preservadas.

No entanto, Sra. Jovelina Costa, uma das previamente dispostas a ceder os depoimentos, por motivos de saúde, precisou abandonar as entrevistas. Isso já havia ocorrido anteriormente, com o falecimento do Sr. Cardoso⁹, em abril de 2011. Optou-se por manter os demais sujeitos, trabalhando, portanto, com quatro depoentes.

Por se tratar de uma região caracterizada pelas pequenas propriedades, os quatro participantes tinham um perfil parecido no que se refere à ocupação: pertenciam a famílias de pequenos produtores, trabalharam na terra durante a infância e em situações de moradia e finanças semelhantes.

Dois sujeitos selecionados para serem depoentes passaram a vida inteira na região do Bananal, mas hoje moram no centro da cidade; os outros dois passaram parte da infância na localidade e a vida adulta no centro, vindo a morar no Rio de Janeiro no fim da década de 1980. Todos foram previamente consultados e concordaram em contribuir com o projeto de pesquisa através das suas memórias e

⁹ Ele não gostava de seu nome, preferia sempre ser chamado pelo sobrenome. Até hoje não sei qual o nome do Sr Cardoso.

trajetórias, inclusive fornecendo possíveis fotografias e imagens. No momento da entrevista, todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo C).

Além de uma vasta consulta bibliográfica, também foi de suma importância a utilização do diário de campo para registro de impressões e câmera fotográfica. O gravador modelo Sony ICD-PX820 mostrou-se perfeitamente adequado para as gravações em ambiente fechado e de uma qualidade muito boa em ambientes ao ar livre, principalmente na saída de campo com a Sra. Dimea, onde os ruídos do carro, dos animais, do vento e das múltiplas falas dificultariam o entendimento das conversas. No entanto, previamente, foram realizados alguns testes de configuração para adaptar a captação de microfone para cada ambiente que trouxeram bons resultados.

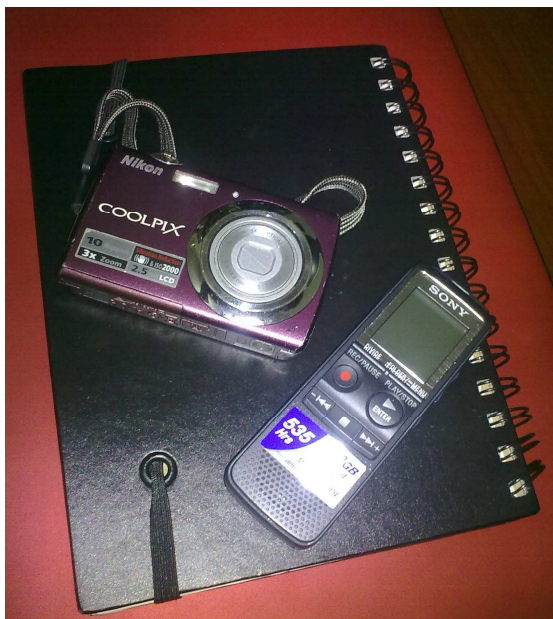


Fig. 9. Material de campo utilizado: caderno de anotações, máquina fotográfica e gravador. Indispensáveis em pesquisa com a história oral. (Fonte: arquivo do autor)

Inicialmente, seguindo as indicações de Bosi (2003) foram feitas pré-entrevistas, de onde se extraíram as principais questões na linguagem usual do entrevistado, detectando temas promissores para serem explorados em um possível roteiro de entrevista semiestruturado. A base que serviu de roteiro para as entrevistas está em anexo (Anexo D) e foi fundamentado a partir das considerações de Alberti (1989). Após esta conversa primária, foi elaborado um novo roteiro que pudesse explorar os pontos aparentemente mais relevantes na trajetória de vida dos depoentes (Anexo E).

3.3.3. Eixos de análise

Por se tratar de uma metodologia com roteiro aberto foi preciso designar categorias ou eixos de análise em comum entre os participantes que favorecessem os trabalhos da memória (BOSI, 2003), não dificultando ou dispersando demais a entrevista e facilitando também a análise das mesmas. No entanto, as entrevistas não foram conduzidas seguindo uma ordem de questões: o roteiro servia somente como orientação. O que ordenou o andamento da conversa foram os acontecimentos lembrados pelos sujeitos.

Tanto para a pré-entrevista, quanto para a entrevista, foram selecionados 3 eixos temáticos (casa, trabalho, política) que nortearam conversa, cada qual com sua especificidade, mas articulados entre si.

Optou-se pelo eixo casa por esta ser um invólucro ecológico humano (LAMY, 1996), o seu nicho ecológico, protetor e protegido. Para Bachelard (2000) esse é um repositório de lembranças: o inconsciente permanece nos locais e quando os seres se transportam para um novo espaço é como se tivessem deixado para trás parte de sua personalidade.

A conversa iniciou-se com a descrição da casa da infância, a primeira moradia. Aquela povoada de coisas preciosas, que guarda aromas, sons, cores, sonhos, celebrações e medos. Segundo Bosi (2003), em nossas lembranças mais profundas a casa está presente e a esta se conecta as nossas lembranças de meninice.

A casa não vive só no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa da nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando na nova casa retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção (BACHELARD, 2000, p.40)

A casa materna é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em várias direções (BOSI, 2003). A partir deste núcleo, partem as ruas e calçadas onde nossa vida se desenrolou. Na cidade que vai além da definição visual: os sons do trabalho fazem parte do cotidiano. Sons de buzinas, apitos,

passos intensificados enquanto o dia avança e que diminuem enquanto a tarde cai. O trabalho surge de duas maneiras distintas: o próprio trabalho e o dos outros (pais, avós, tios, irmãos).

As atividades permeiam a dinâmica da cidade e estão associadas à configuração do seu espaço. As brincadeiras de infância, as festas na adolescência, encontros familiares e entre amigos. Esta memória simboliza a interrupção rítmica do trabalho e ao mesmo tempo relacionam-se com a casa, os afazeres domésticos e o momento político. Segundo Bosi (1994), a memória dos acontecimentos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito, pois a sua inserção na vida pública se fez, principalmente, através do trabalho que o absorveu desde a infância até a velhice.

De acordo com Bronfenbrenner (1996), para entendermos o desenvolvimento humano é preciso analisar a interação de múltiplas pessoas levando em conta os aspectos ambientais que vão além da situação imediata que contém o sujeito, inclusive aqueles com os quais este não interage diretamente, mas que o afetam. Um deles é a política, que está diretamente ligada ao trabalho.

Para Bosi (1994), a memória dos fatos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito, principalmente a classe social onde se insere, tendo os seus juízos de valor intervindo com insistência. O sujeito nunca é neutro: ao narrar, ele também julga.

O local ideal das entrevistas, ainda de acordo com Bosi (2003), é aquele onde o depoente ofereça hospitalidade; ou seja, o ideal é mergulhar na atmosfera familiar. A autora ainda indica a caminhar ao seu lado em lugares onde os episódios lembrados ocorreram. Experimentei caminhar com o senhor Amaro pela sua querida rua das Palmeiras e com a senhora Dimea pelo sítio em que vivia. Foram experiências intensas, enriquecedoras. As entrevistas com a senhora Lourdes e o senhor Jacinto não puderam ser feitas no local. Ela por morar no Rio e ele pela dificuldade em se locomover. Mas foram também tão intensas quanto as outras duas.

O termo entrevista, como às vezes trato aqui, não se refere a um conjunto de falas que podem ser simplesmente transcritas e analisadas segundo “temas específicos”; é um texto complexo, aberto a influências, a exigir o desvendamento do valor conferido a certas práticas e crenças implicadas nos eventos dos quais o entrevistado participou e dá seu testemunho. Verifica-se, mais uma vez, que o

significado da história oral é o de ser um método adequado para captar os *significados* que certos eventos ou processos tiveram para os depoentes e, em consequência, para o próprio grupo social no qual se inserem de suas relações sociais e políticas mais amplas (KOSIK, 1976).

A história de vida foi utilizada para tentar captar as ressignificações de experiências de vida, sabendo-se que as entrevistas sobre o tempo da infância, do trabalho e da vida cidadã envolvem, em si, a temática “ambiental”. Rejeita-se, então, a ideia de *resgate* para investir na noção de *construção da memória*. Uma construção que se faz no presente, para atender às solicitações do presente (MAUAD, 2001).

Ainda para Thompson (1992), recordar a vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade. Lidar com essa lembrança fortalece ou recaptura a autoconfiança do idoso. A ideia central, portanto, é trabalhar em cima das memórias e lembranças destes sujeitos, ressignificando-a tanto para os depoentes quanto para a sociedade em si, como diz Bosi:

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere. (...) Se alguém colhe um grande ramallete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. (BOSI, 2003, p. 69)

São poucos os trabalhos científicos de geógrafos que utilizam como metodologia a história oral na análise ambiental. Geralmente, são artigos e estudos que discutem e resgatam acontecimentos políticos de uma determinada época, mas poucos os que se voltam para as questões relacionadas aos impactos ambientais, principalmente no campo¹⁰.

3.3.4. Sobre a identificação de um impacto

Christofolletti (1997) define o impacto ambiental como sendo a mudança sensível, positiva ou negativa, nas condições de saúde e bem-estar das pessoas e

¹⁰ Indica-se a leitura de ALMEIDA, R.C. **Memórias do Rio Monjolinho**: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos. *Dissertação de Mestrado, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da EESC/USP.*

na estabilidade do ecossistema do qual depende a sobrevivência humana. Essas mudanças podem resultar de ações acidentais ou planejadas, provocando alterações direta ou indiretamente.

De acordo com Santos (2004), a caracterização e o julgamento do significado dos impactos ambientais são feitos, geralmente, a partir da atribuição de valores construídos dentro de uma lógica definida, sendo, sem dúvidas, um processo de caráter subjetivo do avaliador.

O primeiro passo para identificar o impacto é caracterizar o dano e o agente causador, em um sistema que inclua ação, processo e consequência. Esse diagnóstico depende do método de coleta e de acordo com Guerra & Cunha (2007) e Santos (2004), os impactos podem ser caracterizados como:

Efetivos: aqueles que estão ocorrendo no momento da verificação, constatados por imagens de satélite ou através da observação de campo.

Prováveis: Aqueles que podem vir a ocorrer, previstos pelos indícios diagnosticados.

Ainda segundo Santos (2004), somente diante de perdas materiais e determinadas sob certas condições e valores é que se tem o impacto ambiental. Assim, uma área agrícola não necessariamente se caracteriza como um impacto, mas pode vir a ser se produzir. Um exemplo pode ser observado no quadro a seguir:

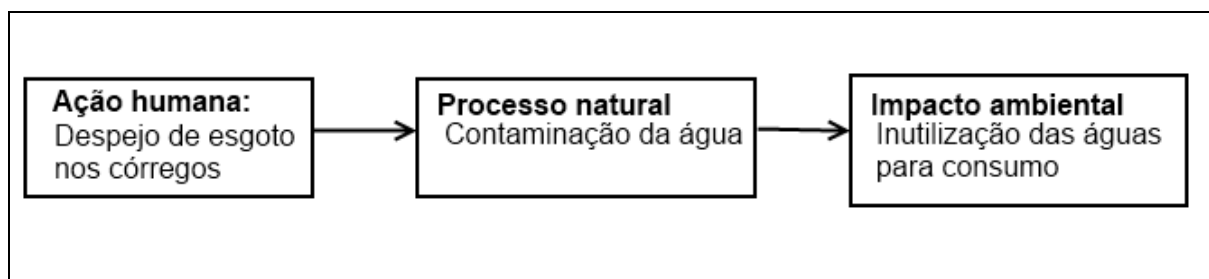


Fig. 10. Exemplo de identificação de impacto no campo. Adaptado de Santos (2004).

Os impactos ambientais em Bananal foram analisados através dos depoimentos dos sujeitos, de antigos registros fotográficos e de saídas a campo. Embora a entrevista estivesse planejada para ser aberta, as narrativas às vezes foram provocadas por perguntas que incentivaram os sujeitos a apontarem referenciais geográficos e cronológicos, buscando reaver o passado da localidade através de suas próprias falas. Localizar as narrativas no tempo e no espaço com a

maior exatidão possível garantiram a articulação entre a análise da paisagem nos tempos atuais e as paisagens da memória dos idosos depoentes.

3.3.5. As transcrições

Tá legal, eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
(Argumento – Paulinho da Viola)

Nas entrevistas de história de vida todos os diálogos foram gravados e transcritos. Já nas entrevistas temáticas, que na maioria das vezes ocorreu sem um planejamento prévio (encontrávamos as pessoas durante as caminhadas na cidade, por exemplo), nem sempre foram registradas em áudio.

As transcrições, inicialmente, foram realizadas na íntegra. Porém, muitos trechos que são inteligíveis quando se escuta a gravação tornam-se arrastados e sem fluidez ao serem transcritos. Seguindo as recomendações do “*Manual de História Oral*” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, elaborado por Verena Alberti (2005), algumas alterações devem ser feitas para adequá-lo à leitura.

A primeira alteração é a pontuação, que deve seguir os padrões da escrita formal da língua portuguesa. É comum durante uma entrevista que as frases sejam proferidas sem pausas. Cabe ao responsável pela transcrição inserir as vírgulas e pontuações finais, sempre levando em conta que a entrevista deverá ser compreendida facilmente pelos leitores.

Aspas foram usadas quando, no meio dos depoimentos, os sujeitos inseriram falas de outras pessoas:

Jacinto: Tinha a Dona Deusa. Deusa! Mas era ruim aquela mulher!

Pesquisador: Como assim era ruim? O que ela fazia com vocês.

Jacinto: Ela dizia: “se a bola cair no meu quintal, eu vou furar”. (Anexo F, p. 188)

A remoção de repetições, titubeações e cacoetes de linguagem, tanto do entrevistado, quanto do entrevistador, é perfeitamente aceitável, desde que não influenciem no sentido das falas. Observemos:

Trecho na íntegra:

Lourdes: Então, né? A gente estudava pouco, né? Porque num tinha escola perto, né?

Rafael: Uhum.

Lourdes: Mas o pouco que eu estudei, eu gostei. A gente cantava muito na aula, né? Muitas cantigas de... de roda. Eu gostava. Era a... a... par... parte que eu mais gostava.

Trecho reformulado:

Lourdes: A gente estudava pouco, porque não tinha escola perto. Mas o pouco que eu estudei, eu gostei. A gente cantava muitas cantigas de roda na aula. Essa era a parte que eu mais gostava. (Anexo F, p. 205)

A transcrição, neste caso, suprimiu as repetidas expressões “né”, o cacoete de concordância “uhum”. O mesmo ocorreu com os trechos seguintes em que a fala do entrevistado teve sobressaltos (“Era a... a... par... parte”). Não foram interrupções externas e nem mesmo esquecimento, tratando-se de momentos de gaguejo, sem influência no conteúdo ou na fala. Isso diminui também o tamanho da entrevista ao ser impressa ou publicada.

Outro ponto muito delicado a ser considerado aqui tem a ver com os aspectos éticos da entrevista. Quando fiz as entrevistas com a Sra. Lourdes, tudo correu tranquilo num primeiro momento. Finalizada a coleta de depoimentos, fui surpreendido pela ligação de sua filha, querendo marcar uma reunião. Sua preocupação era com o teor da conversa e num primeiro momento solicitou que eu não usasse o depoimento de sua mãe.

A verdade é que Lourdes sempre foi militante política, quando participava do movimento integralista e mesmo depois que decidiu abandonar estes ideais. Durante as entrevistas ela citou nomes de autoridades, famílias e pessoas que poderiam ficar incomodados com estas declarações. São falas sobre discriminação, corrupção, morte. Era natural a preocupação de sua filha. Chegamos ao acordo que todos os nomes citados seriam indicados somente por letras iniciais fictícias na hora da transcrição, procedimento utilizado em todas as entrevistas formais e informais. Alguns trechos foram integralmente deletados, porque envolviam aspectos familiares que poderiam causar mal-estar para a própria depoente.

Ao final das transcrições, foram elaborados perfis de cada sujeito, de maneira que eles pudessem ser apresentados aos leitores. Após cada entrevista,

fizemos fotos de cada um. Alguns mostraram certa resistência para fotografarem sozinhos e só consegui fazer as imagens posando junto. Adorável a espontaneidade dos 4 depoentes.

4. CASA, TRABALHO, POLÍTICA: A MEMÓRIA AMBIENTAL DOS ANTIGOS AGRICULTORES

4.1. Amaro

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

O senhor Amaro me conheceu quando eu era ainda um bebê. Foi amigo do meu pai, mas só tomei conhecimento disto (e ele também) no nosso primeiro encontro. Ele me olhou e perguntou: “você é filho de Antonio?” Amaro me esperava sentado em um banco de madeira, que colocara na calçada. Disse que de longe, desde que entrei na avenida caminhando, me acompanhava com os olhos e parecia que estava vendo o meu pai chegando para visitá-lo. Há tempos os dois não se veem e planejamos realizar um encontro entre eles, para o mês de abril.

Nossas conversas foram muito tranquilas e agradáveis, embora realizadas em dias muito quentes. Assim definimos, junto ao senhor Amaro, o seu perfil:

“Sou descendente de Goitacazes. Nasci no outono de 1936, no dia 21 de abril. Nasci em casa, pelas mãos de Greici, uma parteira de Bananal. Sou descendente de portugueses e indígenas. Aqui eu vivi com meus pais e três irmãos, trabalhando na terra desde pequeno. Trabalhava muito, principalmente na época das colheitas. A vida nunca foi fácil, mas quando se é criança sempre há um jeito de se divertir enquanto trabalhamos na roça. E descer o morro escorregando em cachopas era a grande diversão!

Aos 14 anos comecei a estudar, com a dona Chica, uma professora da região. Uma pena que nem todas as crianças na época puderam estudar. Eu gostava de tomar banho no valão do Vinhático, onde havia peixes. No Bananal, além de peixes, tinha cobras, passarinhos e até saci! O trajeto até a cidade era feito de carroça ou charretes. Quando cresci, casei-me com Rosamaria, com quem tive 3 filhos, mas infelizmente um deles nasceu morto. Estou de mudança. Em breve irei morar no Rio.”

4.2. Dimea

O mar azul e branco e as luzidias
 Pedras: O arfado espaço
 Onde o que está lavado se relava
 Para o rito do espanto e do começo
 Onde sou a mim mesma devolvida
 Em sal espuma e concha regressada
 À praia inicial da minha vida
 (Sophia de Mello Breyner Andresen)

Dona Dimea é uma antiga conhecida, embora nossos contatos não sejam frequentes. Quando comentei que faria uma pesquisa em Cardoso, ela logo se mostrou interessada em falar sobre sua trajetória. Assim que começou a contar sobre sua infância no sítio, localizado nas nascentes do valão Vinhático, eu propus visitarmos o local e fazer, como recomenda Bosi (2003), uma entrevista no local das memórias. No entanto, me preocupava muito o fato de suas lembranças estarem tão profundamente marcadas pelo desprezo ao lugar. Ela não tinha boas recordações. Não insisti em levá-la, mas dias depois a sua filha me ligou, perguntando quando iríamos ao sítio e o que a mãe precisaria levar na bagagem. Me recomendou um pouco de paciência, caso ela relutasse em lembrar e falar de alguns fatos.

A preocupação com o impacto das visitas se manteve durante e após os encontros. Se mal conduzida, este tipo de entrevista realizada no local onde ocorreram os fatos pode trazer consequências negativas ao sujeito, como, por exemplo, a depressão. Foi preciso ter um carinho especial neste caso, desde o momento em que saímos do Rio em direção à Cardoso, até a hospedagem e os cuidados pós-entrevista.

Assim, definimos o seu perfil:

“Nasci no verão de 1948. Minha família é uma mistura. Temos indígenas, portugueses, alemães e judeus. É nesta diversidade que nasce minha tolerância e respeito às pessoas e à natureza. E olha que a vida sempre foi muito difícil e eu tinha tudo pra ser uma pessoa rancorosa.

Nasci e me criei em Bananal. Um sítio grande, com água em abundância e uma floresta. Casei-me aos 26 anos e tive 5 filhos. Precisei sair do sítio onde

morávamos e nunca mais voltei. Sempre vou a Cardoso, mas desde 1979 eu não retorno ao sítio. É muita mágoa que tenho daquele lugar.

Hoje moro no Rio, tenho minha casa, cuido das minhas plantas e bichos, com mais respeito à natureza.”

4.3. Jacinto

É vista quando há vento e grande vaga
Ela faz o ninho no rolar da fúria
E voa firme e certa como bala

As suas asas empresta à tempestade
Quando os leões do mar rugem nas grutas
Sobre os abismos passa e vai em frente

Ela não busca a rocha o cabo o cais
Mas faz da insegurança a sua força
E do risco de morrer seu alimento

Por isso me parece a imagem justa
Para quem vive e canta no mau tempo
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Quando cheguei na casa do senhor Jacinto, ele me esperava na sua varanda. Não nos conhecíamos. Há algumas semanas eu havia postado, em um fórum no site de relacionamentos Orkut, uma mensagem sobre a pesquisa que estava desenvolvendo. Dias depois, a assistente social Silvana veio falar comigo. Disse que conhecia há tempos um senhor idoso, descendente de escravos, que vivia sozinho em Bananal. Prontamente aceitei.

O senhor Jacinto é uma das pessoas mais doces que já conheci. Embora sua história seja marcada pela uma rejeição, sua fala é cheia de poesia - encanto quase se perde em uma transcrição. Só mesmo escutando para compreender e sentir o que é a resiliência¹¹ dos sujeitos. Conversando, definimos assim o seu perfil:

“Sou um preto do Jongo, com muito orgulho. Nasci no inverno de 1935 e me criei em Bananal, numa família descendente de escravos da cana. Hoje moro sozinho, mas a vida inteira vivi com meus pais e avós.

¹¹ Trata-se de um termo, utilizado na física para definir a característica de alguns materiais que conseguem retomar a forma original depois de sofrerem pressão. Foi adaptado por Yunes e Szymanski para definir a capacidade dos sujeitos de reagirem de maneira positiva a situações adversas, mantendo seu desenvolvimento normal e recuperando-se destes elementos estressantes.

Tínhamos uma terra pequena. Trabalhei na cana para ajudar no sustento da família. Tudo era muito difícil, não somente no trabalho mas também na lida com os vizinhos. Éramos os negros que ainda viviam na região. Fui xingado, levei pedradas, chorei. Se a vida dos cardosenses nunca foi fácil, a vida dos negros cardosenses é ainda mais complicada.”

4.4. Lourdes

Se tanto me dói que as coisas passem
É porque cada instante em mim foi vivo

(Sophia de Mello Breyner Andresen)

O encontro com Lourdes iniciou-se também nas redes sociais, mas fazendo o caminho inverso ao do senhor Jacinto. Foi sua filha quem postou no mesmo site de relacionamentos, o Orkut, uma mensagem sobre como eram as festas anuais da cidade, a partir das narrativas de sua mãe. Era um protesto sobre o deslocamento do local desta celebração, que antes era realizada no centro e agora está afastada, distante da rodoviária e de onde mora a maior parte da população. Achei curioso a filha contar que a mãe se divertia nas festas sem se preocupar com assaltos ou bandalhas: “a única preocupação eram as brigas de bêbados que eventualmente terminavam em garrafas quebradas na cabeça de algum dos envolvidos”, ela escreveu.

Mas dona Lourdes foi além das festas. Nosso assunto principal foi a política. Assim definimos, brevemente, o seu perfil.

“Eu nasci em Bananal, no verão de 1939. Vivi 38 anos em Bananal e só saí de lá porque não dava mais. Foi uma tristeza a devastação. Às vezes me pego lembrando de como seria aquela região há séculos atrás, totalmente preservada. Devia ser uma coisa linda!

Tive duas irmãs, mais novas, que já faleceram. Durante a minha adolescência, sempre estive engajada com a política, principalmente com os ideais integralistas. Hoje, embora não seja mais militante e até discorde da posição integralista, gosto de ler e estudar coisas à respeito.

Gosto de Cardoso e tenho um enorme carinho por esta terra, onde meus pais e eu fomos criados. Mas lamento que, mesmo após a emancipação, a cidade não tenha se desenvolvido da maneira ideal.”

4.5. “Diga que eu só vou voltar. Quando eu me encontrar”

Para o geógrafo Eric Dardel, há no encontro entre o mundo material e o mundo imaginário uma geografia interior, primitiva, poética. Antes do “ser geógrafo” está o “ser homem”, a quem se descobre “a face da Terra”. A realidade para este homem é o lugar onde ele está, os lugares da infância, o ambiente que atrai a sua presença. A cor, os odores do solo e o arranjo vegetal se misturam com os seus estados afetivos e com as ideias, mesmo aquelas que consideramos serem as mais independentes. Mas essa realidade, permeada pelos sentidos, depende da adesão do sujeito, do seu corpo, de seus hábitos, do seu afeto à terra, fatores que o homem chega a esquecer (assim como chega a esquecer de sua própria vida orgânica). A geografia, para Dardel, responde “à necessidade de fixar a memória dos lugares que nos cercam” (DARDEL, 2011, p. 07).

Quanto mais mergulhamos no passado, diz Bachelard (2006), mais parece indissolúvel o misto psicológico memória-imaginação. Se quisermos participar de um existencialismo do poético, temos que reforçar a união entre a memória e a imaginação, desembaraçando-nos da memória historiadora, aquela que se preocupa simplesmente as com datas, e ir descobrindo a substância do passado.

Refletindo sobre isso, pensei: por que não voltar àquela que durante tantos anos me recebeu com tanto carinho em Bananal? Fui procurar a tia Carminha [Maria do Carmo]. Era na sua casa onde nós passávamos alguns dias das férias de verão. Mas só alguns dias. Não havia energia elétrica – logo, não havia televisão. Apenas um rádio, que só sintonizava na frequência AM.



Fig.11 Tia Carminha e eu, em 1991, com a minha vaca preferida, chamada Amarela (fonte: arquivo do autor)

As tardes de domingo em Bananal eram sempre melancólicas. Aliás, domingo, por si, já é um dia bastante melancólico para a maioria. Mas o som abafado e chiado daquele rádio, sempre ligado em qualquer jogo de futebol que envolvesse os times do Americano de Campos ou do Itaperuna, potencializavam aquela atmosfera depressiva. Nos outros dias era tudo lindo, mas no domingo não. E era nesse momento que eu aproveitava para escrever no meu caderninho de viagem as histórias da semana. Talvez hoje eu tenha esquecido as histórias que anotei, mas mantive o hábito de levar, pra onde quer que eu vá, o caderno de anotações.

Outras vezes o café da tia Carminha, quente e doce servido nas canecas de ágata, quebrava a monotonia daquelas tardes. E foi assim, com uma caneca de café, que ela me recebeu em sua casa, no dia 06 de agosto. Ela não quis participar como depoente. Não insisti. Preferi tê-la como uma das depoentes temáticas.

Carminha: Olhas as minhas cebolinhas, lembra?

Tia Carminha cultivava cebolinhas em uma bacia e costumava pendurá-las em árvores. Eu achava aquilo muito estranho e ela nunca me explicou. Só agora,

muitos anos depois, me contou que as pendurava para que não fossem destruídas pelas galinhas.

Terminei o meu café e estava na hora de visitar o primeiro entrevistado, o Sr. Jacinto. Mas o que eu queria mesmo era ficar mais um pouco e receber mais carinho.

4.6. Entre canas e cantos: o cotidiano daqueles que fazem o moinho da vida rodar

“Uma flor de pelúcia num invólucro rugoso que vinha de encontro ao meu rosto”. É assim que o filósofo Walter Benjamin relembra o afago de sua avó (é assim que me sinto com a minha tia), todas as vezes que a visitava. E era em sua casa onde o jovem Benjamin vivia sentimentos distintos: no mesmo espaço, sentia-se seguro durante o dia e vivia pesadelos durante a noite.

O fato de ter iniciado as entrevistas com os 4 sujeitos buscando evocar a memória através dos detalhes físicos e estéticos da casa é porque o ambiente onde uma criança se desenvolve está repleta de lembranças vigorosas. “Onde está a nossa primeira casa?”, questiona Bosi (2003). Depois de adultos, somente em sonhos podemos retornar a este lugar onde demos os nossos primeiros passos.

Lembrar é retirar da memória o que se sentiu e a casa é responsável pela integração dos pensamentos, sonhos e lembranças do homem. Sem a casa, seríamos seres dispersos, mas ela nos mantém agasalhados, protegidos das intempéries do tempo e da vida. No primeiro capítulo de *A Poética do Espaço* (2000), Bachelard evidencia a casa como nosso ponto de referência no mundo. Um verdadeiro cosmos. Essa imagem da casa constitui-se em um domínio imemorial, para além da mais antiga memória. E é nessa região longínqua, onde memória e imaginação não se dissociam. Uma e outra trabalham aprofundam-se mutuamente. É como se “a memória da primeira moradia acompanhasse-nos durante toda a vida, todo sonho e devaneio, como se ela fosse indelével na nossa imaginação” (COSTA, 2011, p. 01). E, quando na nova casa, recordamos as moradias anteriores, viajamos até ao lugar da infância, recordamos e reconfortamo-nos ao revivermos lembranças de proteção. As cores do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa, diz Bachelard:

Assim, abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper a solidariedade da memória e da imaginação, esperamos fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove a graus de profundidade insuspeitos. Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa. (BACHELARD, 2000, p. 201)

Este fundo poético, estes poemas sobre os quais escreveu Bachelard traduziram-se oralmente por músicas, que permearam as lembranças de infância de alguns sujeitos¹². Quando falava sobre a cozinha de sua casa, o Sr. Jacinto lembrou-se do cheiro da comida de sua mãe e de como o seu pai se sentia atraído pelo aroma das refeições que eram preparadas no fogão a lenha. Imediatamente, associou a isso a canção “Maria, minha Maria”¹³, que fala sobre o amor de um homem por uma mulher e também por sua terra natal:

Rafael: Como era a cozinha da sua casa?

Jacinto: Ah, tinha fogão à lenha. Minha mãe adorava cozinhar no fogão à lenha.

Rafael: E ela cozinava bem?

Jacinto: E como! E como cozinava bem, meu filho. Meu pai sentia o cheiro de longe e já chegava abrindo as panelas.

Rafael: (risos)

Rafael: Você já escutou Biu Roque? Vou colocar pra você escutar, quer?

Rafael: *Depois, mais tarde. Depois da entrevista...*

Jacinto: *Maria, minha Maria / meu doce da melancia / te lembra daquele abraço / que eu te dei ontem ao meio-dia / Vem ver o belo luar / que a tua ausência reclama / ô que noite tão preciosa / não deve dormir quem ama / Debaixo da Condessa / onde canta o Zabelê / saudade da minha terra / onde eu nasci vou morrer / Vem ver o belo luar / que a tua ausência reclama / ô que noite tão preciosa / não deve dormir quem ama.*

Essa... Essa é fundo. Foi Silvana quem mostrou. Ela que me deu o... o... cd.

Rafael: *Fiquei emocionado. (Anexo F, p.178)*

¹² A música também inspirou o pesquisador. Durante os momentos de descanso, escutar música me fazia relaxar e também servia para me fazer relembrar das conversas com os sujeitos. Por isso este trabalho está permeado por músicas, como epígrafes em cada capítulo. São músicas que marcaram algum momento da pesquisa e que foram reunidas aqui a partir da consulta ao meu caderno de campo.

¹³ A canção é de domínio público, mas a versão a qual o Sr. Jacinto se refere é entoada por Biu Roque e gravada no disco Siba e a Fuloresta. É possível escutá-la no espaço da web dedicado ao músico: <http://www.myspace.com/biuroque>. Biu Roque faleceu em 2010.

O canto do Sr Jacinto me fez visitar as minhas próprias memórias. Lembro-me de muitos detalhes da casa onde vivi até os 4 anos de idade em Cardoso Moreira, no Centro.

Éramos 6 pessoas vivendo naquele espaço e só não é muito claro pra mim a distribuição dos móveis pelos dois quartos que haviam. Lembro que dormia na cama com os meus pais, mas com a chegada do sétimo integrante da família (somos 5 irmãos), minha mãe adquiriu um berço - não para o bebê e sim pra mim. O irmãozinho passou a ocupar o meu lugar na cama, ao lado de mamãe. Nos dias em que dormi sozinho no berço, tive sonhos horríveis à noite, em que era perseguido por um homem cujo corpo era coberto por lagartas pretas (!). Dormi (ou ao menos tentei) ali durante um mês, até que eles se livraram do móvel e eu passei então a dormir com a minha irmã. A partir daí, aquela criatura terrível nunca mais me perseguiu. Na minha mente infantil, aquele monstro tinha medo dela. Ela exorcizava o “homem com o corpo cheio de minhocas pretas” e, assim, eu me sentia protegido. Aliás, o cheiro da minha irmã é algo que não se apaga da minha memória. Era como um sonífero. Bastava me deitar ao seu lado, encostar a cabeça em seu peito e adormecer.

Outro cheiro marcante era o de minha mãe fritando ovos¹⁴. Eu ficava na cozinha, ao seu redor, com meu prato na mão, esperando que o ovo quentinho fosse colocado em cima do arroz. Furar a gema amarela, vê-la escorrer sobre o arroz branco e depois misturar as duas tonalidades era como aquarelar o almoço. Aliás, não era somente com a comida no prato que eu gostava de pintar. O estojo de tecido, que mamãe costurou, onde guardava o giz de cera e as canetinhas, vivia em minhas mãos durante o dia todo. Desenhar e pintar eram as minhas atividades prediletas¹⁵ e o próprio estojo tinha o seu odor peculiar, uma mistura de cheiro de cera com o álcool que eu pingava no tubo das canetinhas quando estas estavam ressecadas e as cores esmaecidas.

¹⁴ No momento em que escrevo estas linhas, o cheiro daquela fritura me vem à mente de maneira voraz.

¹⁵ Agora me pergunto: em que momento da minha vida parei de pintar?

Mas não somente os cheiros bons marcaram a minha infância¹⁶. Havia também o mais terrível: o cheiro dos penicos. Em muitas casas da cidade, principalmente os da área rural, os banheiros eram afastados das casas. Não havia (e até hoje, em alguns locais, não há) sistema de esgoto. Logo, ninguém saía no meio da noite para ir ao banheiro¹⁷. No entanto, no dia seguinte, todos deveriam despejar o conteúdo em local apropriado, preferencialmente, no banheiro. Mas, era muito comum as pessoas não fazerem isso imediatamente pela manhã. Comum também era visitar uma casa à tarde e deparar-se com cheiro de penico na sala.

Creio que o leitor possa estar se perguntando: o que um penico tem a ver com o assunto do qual tratamos aqui?

Os cheiros carregam em si relações sociais. As memórias das cores, sabores e odores são também memórias de lugares, ocorrências e fatos, como diz Martins (2008). Analisar a forma como as pessoas do campo lidavam com as suas necessidades fisiológicas explica um dos problemas ambientais de Bananal: a ausência de saneamento básico para a população rural. E, mesmo com a inexistência deste saneamento, a ausência do poder público para instruir as pessoas sobre os riscos à saúde e ao meio ambiente que o descarte impróprio destes dejetos poderia acarretar.

Sobre isso, a fala do Sr Jacinto, quando conversávamos sobre a casa, revela que as crianças eram as mais vulneráveis:

Rafael: E o banheiro?

Jacinto: Era lá fora! Mas as crianças faziam no mato mesmo. Depois limpava com folha de café, de abacate.

Rafael: É mesmo?

Jacinto: Era!

Rafael: E não tinha problema? Como vocês faziam? Enterravam?

Jacinto: Às vezes deixava pra lá! E de vez em quando, a gente dava com o pé em cima de uma bosta. E aí tinha que limpar.

Rafael: E limpava como?

Jacinto: Ah, esfregava na areia, limpava com folha.

¹⁶ O sociólogo José de Souza Martins, na obra “A Aparição do Demônio na Fábrica – Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário” analisa profundamente os cheiros de sua infância, que muito se aproximam dos meus.

¹⁷ Sensações associadas a isso: medo, preguiça, frio.

(...)

Rafael: E doença nos pés, nas pernas, nas mãos?

Jacinto: Tinha frieira. E bicho de pé, verme de cachorro. (Anexo F, p. 182)

Segundo o Ministério da Saúde (2002), o *tungíase* (conhecida popularmente como bicho-de-pé) é uma doença associada à pobreza e diretamente ligada às péssimas condições de higiene das áreas rurais, sendo transmitida pelo contato do corpo com o solo contaminado. Já as frieiras, também citadas, são principais portas de entrada para a bactéria *estreptococos*, responsável pela erisipela, uma doença identificada na entrevista da Sra. Dimea:

Dimea: (...). Foi na frente da casa de Dona Eulália. Ela era rezadeira. E a mãe dela tinha aquela erisipela. (Anexo F, p. 162)

O senhor Amaro relata ainda o caso do que pode ter sido esquistossomose:

Rafael: Era comum morrerem crianças aqui?

Amaro: Morrer? Não.

Rafael: E adoecerem?

Amaro: Ah, sim. Criança tem muito problema de saúde, né?

Rafael: E que tipo de doenças tinham? Ou melhor, que tipo de doença o senhor teve?

Amaro: Tive sarampo. Febre. Quando era criança, fiquei inchado. Por causa da barriga d'água.

Rafael: É mesmo?

Amaro:É. Mas foi rápido, fui no médico e passou logo.

Rafael: E o senhor lembra o que ele te deu?

Amaro: Não lembro. Deve ter dado injeção. Remédio. (Anexo F, p.150)

A Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, divulgou em 2007 um relatório em que indica que ainda há a ocorrência, em Cardoso Moreira, da *Biomphalaria tenagophila*, um caramujo hospedeiro do *Schistosoma mansoni* (esquistossomo), um platelminto causador da esquistossomose, popularmente conhecida como barriga d'água.

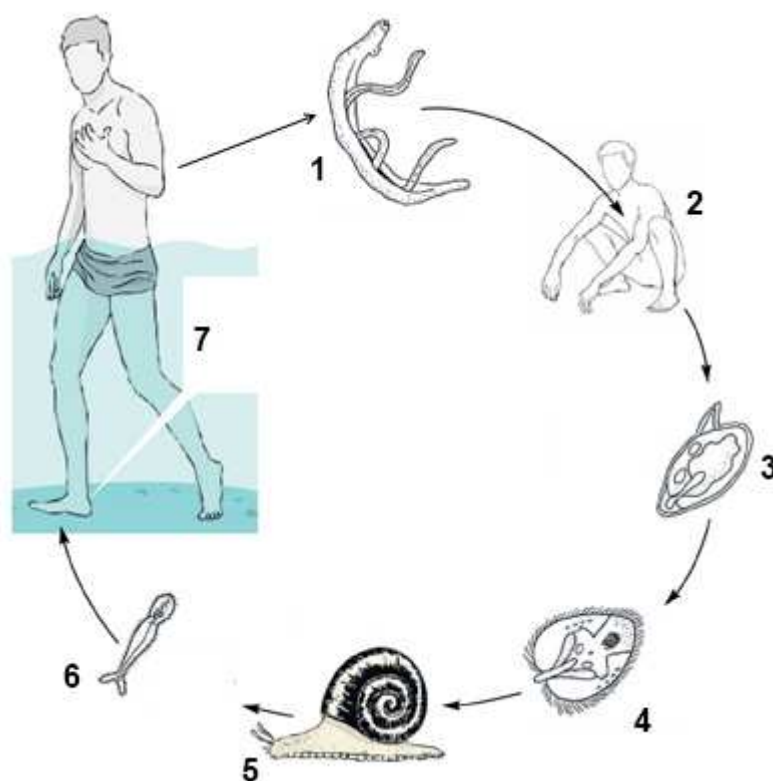


Fig. 12. Ciclo da esquistossomose, adaptada pelo autor a partir de um panfleto.

O esquistossomo possui dois ciclos de vida: um no caramujo (hospedeiro temporário) e outro no homem (hospedeiro definitivo). No homem, hospeda-se nas veias do fígado e dissemina os seus ovos (1), que são eliminados pelas fezes (2). Estes ovos embrionados sobrevivem por vários dias no ambiente (3), até serem carregados pelas chuvas diretamente para os córregos, onde eclodem e originam uma larva chamada miracídeo (4). Estas larvas podem sobreviver até 20 horas na água, até hospedarem-se em um caramujo (5), onde permanecem por um período que varia de 1 a 3 meses, evoluindo para uma outra forma, conhecida como cercária (6). Estas são liberadas pelos caramujos sobrevivendo na água por até 3 dias, até encontrarem um novo hospedeiro definitivo (7) e recomeçar o ciclo.

A eliminação das fezes diretamente no solo auxilia na disseminação da doença, que afeta principalmente as crianças que costumam tomar banho em rios habitados pelos caramujos. Em sua fase aguda, a doença se manifesta por meio de febre, vômito e vermelhidão na pele. Mas na fase crônica, ocorre o aumento do fígado e do baço (daí o nome barriga d'água) além de hemorragias.

O problema da falta de um direcionamento adequado para estes resíduos afetou não somente a saúde, como também interferiu diretamente nos recursos hídricos:

Rafael: Vocês moravam perto do valão?

Amaro: Morava! Tomava banho no valão!

Rafael: É mesmo?

Amaro: É! Olha, ia todo mundo pro valão. Dia de sol, ia todo mundo lá.

Rafael: E dava pra tomar banho?

Amaro: Dava!

Rafael: E tinha peixe?

Amaro: Tinha!

Rafael: Quais peixes tinham lá?

Amaro: Ah, tinha muito cachimbau! Tinha piaba... barrigudinho... mussum... Traíra tinha no açude.

Rafael: Tinha açude ali perto?

Amaro: Tinha. Tinha açude.

Rafael: E vocês usavam essa água do valão e do açude?

Amaro: Usava. Pra tomar banho, pra boi.

Rafael: Tinha muita água lá?

Amaro: Tinha. Tinha cacimba pra beber.

Rafael: A água de beber vinha da cacimba?

Amaro: Sim. Até hoje.

Rafael: Até hoje a água da cacimba as pessoas bebem?

Amaro: Sim.

Rafael: E tomam banho no valão também?

Amaro: ... Não.

Rafael: Por quê?

Amaro: Porque tá sujo, né? Cocô.

Rafael: É mesmo?

Amaro: (risos) Pode falar cocô?

Rafael: Pode.

Amaro: (risos) Tá.

Rafael: (risos) Então ninguém mais toma banho porque a água tá suja.

Amaro: É. Mas no meu tempo não tinha. Era bom. Tinha água. Tinha uma ponte e nós passava debaixo da ponte. No valão, debaixo da ponte. Ia de um lado pro outro debaixo da ponte. (Anexo F, p. 134)

Além dos dejetos, problemas como os recursos hídricos também aparecem associados ao desmatamento e à pecuária:

Rafael: E vocês usavam essa água pra quê?

Dimea: A do valão?

Rafael: É.

Dimea: Plantava arroz, tinha o poço de água doce, pra beber. Do valão, papai tinha vacas. Mas tinha uma bomba... Z.C., não. Botou vaca em tudo, destruía tudo. (Anexo F, p. 159)

Além da contaminação das águas, alguns açudes foram aterrados, para dar lugar à plantação de arroz. No entanto, a própria dinâmica geomorfológica das áreas onde estes açudes se encontram fez com que fossem naturalmente desaterrados:

Carminha: Tem 3 poços¹⁸ que foram entupidos. Lá onde um casal morreu afogado.

Rafael: Como eles aterraram?

Dimea: E qual foi o motivo?

Carminha: Pra colher mais 3 sacos de arroz. Mas tem um poço ali que ninguém consegue entupir. Tenta entupir com a máquina, né?

Rafael: Pra quê?

Carminha: Pra colher mais vagem. Naquela época, plantava arroz e tinha que colher. Eles entopem e depois de 2 ou 3 anos ele abre de novo sozinho. Aquele não fica entupido. Mas nisso que entope o poço a nascente fica lá embaixo. Mas tem um poço que foi fechado sozinho. Desceu barro do morro e fechou.

Dimea: Mas se fizer um replantio na beirada do morro, quando chover, a água vai bater com mais vagareza e não vai arrancar barro mais. (Anexo F, p. 160)

As figuras 13 e 14 a seguir apresentam a área indicada por Carminha:

¹⁸ Poço é como chamam os açudes. Já os poços artesanais, de onde retiram água para beber, são chamados de cacimbas.



Figs. 13 e 14. Açudes na região de Bananal em dois momentos: 2001 e 2010 (imagens capturadas utilizando o software Google Earth)

Nota-se nas imagens algumas alterações realizadas nos açudes, principalmente no que se refere à largura. Os que aparecem no centro da foto e no canto superior direito são aqueles que os agricultores tentaram entupir. Podemos observar na primeira foto que valão do Vinhático corta a vale, sofrendo modificação no seu curso natural nos anos seguintes, tendo sido desviado para o açude localizado no centro da imagem.

As imagens a seguir (figs. 15 e 16) apresentam outra captura comparativa, onde se verifica a remoção de um trecho de mata da encosta e o surgimento de ravinas e voçorocas no período de 10 anos.



Figs. 15 e 16. Formação de voçorocas entre 2001 e 2010 (imagens capturadas utilizando o software Google Earth)

Voçorocas são resultados das erosões superficiais e subsuperficiais do solo. A ação erosiva das chuvas é potencializada pela ausência de vegetação e pelo pastoreio. O tipo e a densidade da cobertura vegetal reduzem os efeitos naturais de remoção dos sedimentos no escoamento superficial, além de minimizar o impacto das gotas de chuva no solo. Logo, a remoção da vegetação favorece a erosão nas

encostas. O pisoteio do gado, ao compactar o solo, impede a penetração da água e acelera o escoamento superficial.

As florestas atuam ainda como “esponjinhas”, que concentram água e gradativamente a liberam para o solo. Ou, como define dona Dimea, funcionam como os “cabelos”:

Dimea: (...) É porque é que nem careca, né? Bate uma água de chuva e vaza. Quem tem cabelo fica pingando. Assim é a natureza. (Anexo F, p. 166)

Além de inutilizarem trechos do terreno e impedirem o trabalho das máquinas agrícolas, as voçorocas representam um risco para o próprio gado. Podem também levar ao assoreamento de córregos e reservatórios, localizados logo abaixo da encosta, como apresenta a fala de dona Dimea:

Dimea: ZC (...) botou vaca em tudo, destruía tudo. Eu morava lá, quando deu uma chuva, abriu um buracão e a vaca caiu dentro do buraco. Tinha um tabual, ali perto de onde tia Zeca morava. Vinha da mata, um chorumezinho. Aí cresceu um tabual. Aí um dia veio uma chuva e arrastou aquele tabual todinho. Tapou o brejo. Sumiu a água. Aí foi sumindo a água. Tiraram a mata, o taboal desceu com tudo. (Anexo F, p.171)

Os corpos d’água e florestas quando ocupam parte da propriedade podem ser vistos como inúteis se para isso for preciso ampliar a produção. Mas este não é o único motivo que leva a uma degradação ambiental. Segundo Carvalho (2005), há um apreço pela natureza “desnaturalizada”, ordenada e racionalizada, onde o belo é a terra bem cuidada, o campo cultivado, e as matas passam a ser tratadas como “mato”.

Sr. Amaro: Era tudo cerca. Às vezes tinha umas que entravam na mata e depois não voltava. Ia ficando escurinho e tinha que entrar na mata pra pegar a vaca.

Rafael: Tinha uma mata, então?

Sr. Amaro: Tinha!

Rafael: Era grande.

Sr. Amaro: Era grande, mas foi acabando, acabando...

Rafael: Acabando por quê?

Sr. Amaro: Porque cortava. Tinha que cortar pra dar espaço pra vaca. (Anexo F, p. 143)

Em geral, é difícil para o agricultor em Bananal entender a função social da propriedade privada. E mesmo quando existe um retorno financeiro por parte dos projetos implantados na área, a rejeição é impactante.

Rafael: E nessa época, Amaro, não parecia ninguém pra falar sobre o corte das árvores?

Sr. Amaro: Não. Porque era nossa, né? Você pode fazer o que quiser com o seu terreno. Ele é seu.

Rafael: Eu perguntei porque hoje existem umas leis que impedem o desmatamento sem controle.

Sr. Amaro: Mas eu não concordo com isso. Se é seu, você pode cortar. (Anexo F, p. 143)

Esta rejeição ocorre com o RIO RURAL BIRD (Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável em Microbacias Hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro), segundo Maurício Zanon, técnico da EMATER que me acompanhou nas visitas às nascentes do Valão Vinhático.

O RIO RURAL BIRD é uma ampliação do RIO RURAL GEF (Projeto de Gerenciamento Integrado de Agroecossistemas em Microbacias Hidrográficas do Norte e Noroeste Fluminense) que foi implantado entre os anos de 2005 e 2010. No GEF, os objetivos eram contribuir para a diminuição das ameaças à biodiversidade, a inversão do processo de degradação das terras e o aumento dos estoques de carbono na paisagem agrícola em ecossistemas críticos e únicos de importância global da Mata Atlântica do Norte e Noroeste Fluminense, através do Manejo Sustentável dos Recursos Naturais (MSRN) por comunidades rurais, utilizando a microbacia hidrográfica como unidade de planejamento.

A fase BIRD teve um orçamento aprovado em R\$79 milhões, englobando 270 microbacias em todo o estado do Rio de Janeiro. A principal meta desta nova fase é manter os agricultores em suas propriedades, reduzindo o êxodo e inserindo-os em uma cadeia produtiva local.

A Educação Ambiental é destacada entre os objetivos do projeto:

“O Projeto propõe uma abordagem para o tratamento das questões ambientais no meio rural considerando a juventude como protagonista das transformações sociais”. A valorização e legitimação do jovem como representante criador da cultura das sociedades e não como membro imaturo e incapaz de criar e conduzir propostas para uma sociedade modificada, que assuma a sustentabilidade da vida em suas diferentes dimensões.

A perspectiva de direcionar as políticas públicas em Educação Ambiental para este público, a juventude do meio rural, vai de encontro à necessidade de formação de um novo paradigma produtivo para a agricultura familiar. O reconhecimento do trabalho no campo, compreendido como o trabalho que reproduz a vida e a qualidade de bem estar para as populações humanas, são premissas de uma abordagem em Educação Ambiental para a juventude do campo que leve em conta sua cultura, seu modo de vida, seus tempos.

Neste sentido, a Educação Ambiental propõe a juventude do campo o desafio do cumprimento das seguintes tarefas:

- a produção de alimentos saudáveis para a população do campo e da cidade;
- a recuperação das áreas degradadas pela agricultura convencional (recuperação de solos, matas, rios/águas), com apoio à criação de viveiros educadores, para produção de espécies nativas de mata atlântica, de recuperação de solos (como leguminosas), medicinais, frutíferas e paisagísticas;
- a conservação dos ambientes preservados com proposição de alternativas produtivas viáveis à sua manutenção;
- o estímulo ao associativismo, ao cooperativismo e ao desenvolvimento de programas de turismo de base comunitária que valorizem os fazeres e saberes locais;
- o estímulo às atividades culturais, formação de grupos de teatro populares, jornais comunitários e outras demandas vinculadas à democratização da cultura e informação nas comunidades,
- o apoio ao reconhecimento dos mecanismos de acesso às políticas públicas, à defesa dos direitos humanos e do “meio ambiente ecologicamente equilibrado” como direito e como “bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”, conforme o artigo 225 da Constituição Federal.
- o apoio à apropriação dos mecanismos que possibilitem o reconhecimento por parte dessa juventude do seu dever, compartilhado com o poder público e com a coletividade, de defender o meio ambiente e “preservá-lo para as presentes e futuras gerações” referendando-nos ainda pelo artigo 225 da Constituição Federal”.

(Trecho do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável em Microbacias Hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.microbacias.rj.gov.br/area_arquivo/area_22/mop_riorural_bird_volume_i.pdf)

A chegada deste projeto se mostrou muito importante para o desenvolvimento do município e para a relação entre agricultores e o poder público. Mauricio Zanon acredita que as ações da prefeitura e das secretarias poderiam ser mais enfáticas, localizadas e organizadas se o acompanhamento da produção agrícola tivesse sido implementado há mais tempo.

Edgar: Precisamos fazer um relatório de produção. Sabemos o que as pessoas produzem, mas não sabíamos quanto, nem a regularidade, perdas, ou até mesmo o destino dessa produção. (Anexo F, p.213)

De fato, existem obras importantes sendo feitas na região. O Kit-Galinha é um deles:

Mauricio: É um galinheiro, um espaço pra galinha caipira. (...). O Programa dá dinheiro pra ele comprar material, a primeira ração, os pintinhos, comedouro, bebedouro, tela. E o produtor entra com- a mão-de-obra. Visa a sustentabilidade, porque mantém o produtor na área dele. Ele precisava de dinheiro pro material, então nós damos o material. E são outros programas. Por exemplo, se ele quer criar boi, mas não tem espaço adequado, a gente faz a reforma do pasto. Mas em contrapartida ele faça uma área ambiental dentro da propriedade.

Rafael: E a renda é de quem?

Mauricio: Toda dele. Toda do produtor. Mas tem produtor que quando sabe do valor máximo que pode pegar, que é 7 mil, ele acha pouco. (Anexo F, p. 174)

No entanto, o tanque de armazenamento de leite é o mais importante projeto implantado em Bananal. Com capacidade para armazenar 3500 litros de leite, o tanque está mudando a rotina dos produtores.

Antes da instalação era preciso recolher o leite das vacas bem cedo, colocar em grandes tonéis de alumínio e entregar ao caminhão da cooperativa, que levava o leite para a cidade, para ser armazenado corretamente. Não era tão simples, pois o leite não dura muito tempo nos tones antes de começar a se deteriorar. E atrasos não eram toleráveis. O caminhão passava sempre por volta das 7h e era preciso estar atento para não perdê-lo – o que poderia significar a perda da produção diária. Agora, o recolhimento é feito por carroças, que passam nas casas, recolhem o leite e depositam no tanque resfriamento e armazenamento, onde a temperatura é

controlada em 4°C. A chegada rápida aos tanques conserva as propriedades do produto. Os caminhões retiram o leite direto do tanque de resfriamento, também em um tonel especial, garantindo a sua qualidade e a renda do produtor.



Fig. 17. Funcionários trabalham na higienização dos tonéis, para recolhimento do leite. Ao fundo, o tanque de armazenamento. (Fonte: arquivo do autor)

Recordo-me que, já morando em Niterói, fazíamos viagens anuais a Cardoso Moreira e sempre íamos do Centro até Bananal a pé. A caminhada era divertida, quase uma aventura, e chegava a durar 3 horas. Catávamos goiabas e jamelões na estrada, desviávamos de bois e eventualmente de cães agressivos. Mas ir a Cardoso e não fazer este trajeto a pé tirava todo o charme da viagem.

Na hora do retorno, porém, ninguém queria caminhar, pelo cansaço, e nem chamar um táxi, pela monotonia da viagem de carro. As crianças (meu irmão, dois primos e eu) insistiam pelo retorno de charrete. Mas como não caberia a família inteira sobre o transporte, a opção mais viável - e com uma dose de folia - era a carona no tal caminhão do leite.

Retornar neste caminhão significava subir com as malas, viajar numa estrada de chão esburacada, de pé, sem ter onde se apoiar ou até mesmo sentado no chão, correndo o risco de ser atingido por um dos tonéis que porventura viesse a

rolar. Tínhamos que descer um pouco antes de entrar no trecho asfaltado, onde já poderia haver fiscalização. Só na cidade poderia haver inspeção.

A negligência de uma fiscalização também na área rural das empresas que transportavam leite e cana-de-açúcar em Cardoso Moreira causou um dos desastres mais chocantes em Bananal. Foi, provavelmente no final da década de 70, quando um caminhão que transportava a cana produzida em Bananal se acidentou, caindo na ribanceira e matando 3 pessoas que viajavam sobre as canas na carroceria.

Rafael: E aquele acidente que teve com aquele caminhão, carregando cana. Era cana de lá de cima?

Dimea: É. eles colheram lá no Sebastião Nunes e depois foram colher lá em cima. E naquilo que eles foram fazer a volta na estrada nova... (...). Veio correndo muito o caminhão. Três homens em cima.

Carminha: Não eles foram desviar do falecido... esqueci... O cavalo espantou o motorista que se assustou...

Rafael: Morreu alguém?

Dimea: Morreram 3 pessoas.

Rafael: Só três pessoas que estavam em cima?

Carminha: Não, tinha mais.

Dimea: Tinha né, o filho de Zé pequeno, né? Que não morreu na hora. Botaram ele lá no chão, mas daí a pouco... Mas João, de Bernarda, furou a barriga de um lado pra outro.

Carminha: De Vicente! O João ficou daqui pra cima pra fora, e daqui pra baixo sufocado na cana. Não tinha como tirar.

Dimea: Só sei que o marido de Carminha ficou arrasado. Ele viu o caminhão virar, foi de dia. Era mais cedo um pouquinho

Carminha: Era 11:30.

Dimea: Era, antes do almoço. Foi na frente da casa de Dona Eulália. Ela era rezadeira. E a mãe dela tinha aquela erisipela. E ela dizia, "na frente da minha casa morreu meu neto". E ela reclamava. Tenho uma saudade de Sebastião Zacarias. Pra mim ele é imortal. Ele dizia, "Dona Eulália, a senhora tá chorando. A senhora sabe do que vai morrer? A senhora não tá livre de morrer de acidente. As pessoas nascem e morrem de alguma coisa. Chegou a hora dele."

Rafael: E quando foi esse acidente?

Carminha: Ah, Catarina era pequena!

Dimea: Isso!

Rafael: O ano, não sabem?

Carminha: Não sei. Mas ela era miudinha! (Anexo F, p.162)

Quando digo que isto “provavelmente” ocorreu no final da década de 70 é porque há uma inexatidão quanto ao ano. Na fala, o tempo não se organiza somente pelos anos, mas também associado ao cotidiano dos sujeitos. Quando perguntada sobre o ano do acidente, Carminha disse que aconteceu quando a sua filha era pequena. A filha, em entrevista informal, também disse que “era pequena”, tinha 5 anos. Logo, calculando a idade, acredita-se que tenha sido no fim da década de 70. Não foram encontrados registros sobre o acidente em arquivos da época.

Esta cana produzida em Bananal integrava a produção que alimentava as usinas de açúcar em Campos:

Carminha: Agora aquele lado ali que está desmatado, era tudo cafezal! Do outro lado, aquilo era canavial. Tudo canavial! (Anexo F, p. 160)



Fig. 18. Ao fundo, a serra completamente desmatada, onde antes se plantou café. No primeiro plano, na parte de baixo da foto, é possível identificar alguns resquícios de cana-de-açúcar (Fonte: arquivo do autor)

Antes mesmo de completar um século de descoberta, o Brasil era o maior produtor de açúcar do mundo, exportando mais de 6 mil toneladas por intermédio de Portugal e fundamentando a invasão holandesa e a ocupação de Pernambuco por Maurice Nassau. Nos tempos da escravidão, a produção de cana em Campos gerava lucros exorbitantes. O município era destaque entre as cidades do interior do Brasil, chegando a se colocar em situação de superioridade em relação a algumas capitais das províncias. Contando com um solo argiloso aluviônico¹⁹ propício para o cultivo da cana, até meados do século XIX, Campos possuía cerca de 800 engenhos ocupando a planície (RODRIGUES, 1988).

Dean (1996) diz que o desmatamento da Mata Atlântica no Norte Fluminense apresenta dois vieses. Em primeiro lugar, a floresta primária, que ocupava os solos mais férteis, precisava ser derrubada e queimada para que o solo fosse ocupado pelos canaviais. A cana plantada nas cinzas da mata era colhida após um ano, deixando os brotos de suas raízes crescerem naturalmente por mais uma ou duas colheitas. Então os fazendeiros queimavam os vestígios e replantavam novas canas, num ciclo que se repetia por mais 3 vezes. Neste processo, o desgaste do solo forçava os donos de terra a estabelecerem um período de pousio, permitindo que uma nova vegetação crescesse. O tempo ideal para que a terra se tornasse novamente agricultável era de 20 anos. Mas a alta dos preços abreviava o período de pousio para 3 anos e os ciclos posteriores também eram reduzidos para somente 1 plantio. Assim, após repetidos cultivos, os fazendeiros declaravam suas terras “cansadas” e solicitavam uma nova sesmaria (DEAN, 1996, p. 191)

Os governadores se empenhavam em distribuir as melhores terras aos plantadores de cana-de-açúcar, inclusive desalojando os agricultores de subsistência quando necessário. Sem manter qualquer cuidado com o ciclo natural de regeneração do solo, estes fazendeiros insistiam junto às autoridades por sesmarias em áreas de floresta primária²⁰ (DEAN, 1996; RODRIGUES, 1988).

¹⁹ Este tipo de solo se desenvolve a partir da deposição de sedimentos transportados pelos rios. A sua presença na área de Campos é um indício das cheias do Paraíba do Sul e do Muriaé. Trata-se de um solo fértil. Podemos lembrar, por exemplo, que a civilização egípcia se desenvolveu na foz do rio Nilo, área de grande depósito de sedimentos e matéria orgânica na época das cheias. No entanto, em épocas de estiagem, era de conhecimento dos egípcios que não se podia ocupar ou construir em determinadas áreas secas, pois nas próximas chuvas o rio ocuparia novamente o seu leito maior.

²⁰ Dean (1996, p. 96) cita brevemente o caso de um agricultor que após somente duas safras estaria com as terras “cansadas” porque nenhuma parte dela fora mata virgem.

A segunda forma de agressão às florestas era o uso da madeira como combustíveis para os tanques de fervura das usinas. Não havia sequer, em algumas áreas, a combinação das duas formas de exploração da mata. Raríssimos eram os casos em que a “mata virgem” era removida para o plantio e esta mesma madeira usada nas usinas. Geralmente, florestas inteiras eram queimadas para dar lugar à cana e outras florestas inteiras removidas para abastecer as usinas. Parte desta lenha chegava a Campos, provavelmente, através do rio Muriaé (DEAN, 1996).

A pesquisa de Carneiro (1985) sobre leis e deliberações na antiga Campos resgatou um decreto de 1844 (nº 310) que tratava da compra das máquinas vindas da Europa para a usina de Campos, onde se estabelecia que as novas usinas equipadas deveriam utilizar o mínimo possível de mão de obra:

“9º Far-se-a o serviço com menos da metade da gente que actualmente se emprega dentro da fábrica, sendo o trabalho feito com toda a regularidade e menos penoso aos trabalhadores”

10º Dará o plano para a construção de uma estufa mecânica a ar quente para secar o assucar, a qual demande o menor número de braços, assistindo ou inspecionando (...)”.

De fato o trato com as máquinas novas demandava menos trabalho braçal. No entanto, a colheita feita pelos homens atravessou o período escravagista, sobreviveu à implantação das máquinas e chegou até a segunda metade do século XX empregando parte da população. E não somente os moradores das áreas rurais, como relatou o Sr. Jacinto. As péssimas condições de trabalho impunham os trabalhadores a riscos, como o acidente já relatado por Carminha, e exploração de trabalho. Incluindo-se, aí, crianças:

Rafael: E quando o senhor foi ficando grandinho?

Jacinto: Eu trabalhava na cana.

Rafael: Na usina?

Jacinto: Não, plantando.

(...)

Rafael: Sim, o senhor plantava e colhia.

Jacinto: E queimava.

Rafael: Como era isso? Pense num dia de trabalho. O senhor acordava que horas?

Jacinto: Muito cedo! Cedinho já tava de pé.

Rafael: Cedo, que horas?

Jacinto: 5 horas da manhã. 5 e meia o caminho passa e pegava o povo na estrada.

Rafael: E o senhor ia de caminhão?

Jacinto: Ia, né? Subia na cacimba e ia.

Rafael: E iam todos na carroceria do caminhão?

Jacinto: Ia! No começo ia. Depois arrumaram um ônibus, mas era caminhão antes.

Rafael: Até quando foi caminhão? Em que época era isso?

Jacinto: Ah, eu tinha uns 13 pra 14 anos.

Rafael: Com 13 ou 14 anos o senhor já trabalhava com a cana.

Jacinto: Já.

Rafael: E não estudava?

Jacinto: Que nada. Era isso que a gente ia fazer na vida. O que mais podia fazer aqui? Era trabalhar na cana, trabalhar na terra. Não tinha muito que fazer aqui. Os meninos cresciam e iam trabalhar na terra.

Rafael: O senhor lembra de algum acidente que aconteceu nessa época. Digo acidente no campo, na usina, no caminhão, no ônibus, picada de bichos?

Jacinto: Acidente? Tinha cobra. Ih! [aumentando o volume da voz e sacudindo a cabeça] Não gosto nem de lembrar! [Pausa longa] Uma vez uma aranha entrou na minha orelha e ficou lá dentro o dia todo, até que eu fui embora e passei no posto. Ela ficava mexendo. Ah! Não gosto nem de lembrar.

Rafael: Ela entrou quando o senhor tava cortando cana?

Jacinto: Foi. Ai, meu Deus! Que coisa terrível.

Rafael: Então não vou mais perguntar sobre a aranha.

Jacinto: Tá.

Rafael: As pessoas que trabalhavam na usina eram todos do Bananal?

Jacinto: Não! Tinha gente da cidade. O caminhão descia e ia pegando todo mundo. Tinha gente do Catarino, de Outeiro, ali do cemitério. Tinha gente de Italva.

Rafael: Qual o nome dessa usina?

Jacinto: A nossa cana era mais pra Cambahyba.

Rafael: Ia pra Usina de Cambahyba?

Jacinto: Isso. Era mais pra lá.

Rafael: Mas então ia pra outras usinas?

Jacinto: Acho que ia.

Rafael: Quem contratava o senhor?

Jacinto: Era um fazendeiro.

Rafael: Lembra do nome dele.

Jacinto: J. A. Nomezinho desgraçento. (risos)

Rafael: (risos). E como era o trabalho por senhor J?

Jacinto: Rapaz, era pesado, viu?

Rafael: Vocês acordavam às 5 e voltavam que horas?

Jacinto: Chegava em casa depois da janta. Umas 8 horas.

Rafael: 8 da noite?

Jacinto: É.

Rafael: E no outro dia saía às 5 de novo?

Jacinto: É. (risos)

Rafael: Quanto ganhavam?

Jacinto: Não comprava nem arroz pro mês inteiro. (Anexo F, p. 186)

Não se produz mais cana em Bananal para venda em grandes lotes. Para o senhor Jacinto, as pessoas pararam de plantar cana porque não “dava dinheiro”. O fato de não dar dinheiro engloba tanto o produtor quanto o trabalhador das fazendas. Diferente do Nordeste, onde a cana se produzia em latifúndios, de acordo com Rodrigues (1988, p.290) em Campos predominavam os minifúndios. E isso não tinha qualquer veia socialista: os minifúndios eram uma marca do “egoísmo e exclusivismo” enraizados na cultura campista. Ao deixar a propriedade de herança para os filhos, os pais criavam uma briga que no fim gerava a distribuição das terras em pequenos lotes. Em uma terra cada vez mais degradada, ter uma área pequena para plantio ou criação de gado não valia a pena. Foi assim com os pais do senhor Jacinto, com a tia de dona Lourdes e é esse também um dos motivos que impedem a implantação de políticas de proteção ambiental, segundo Edgar Rocha:

Rafael: E porque vocês saíram daqui?

Jacinto: Tava muito difícil. Não dava mais pra plantar. Nossa terra é pequena. Você sabe onde fica nossa terra?

Rafael: Não sei não.

Jacinto: Vou pedir pra Silvana te mostrar.

Rafael: Tá. E não dava pra fazer nada com a terra pequena?

Jacinto: Tava tudo seco! Tudo pisado! (Anexo F, p.188)

Lourdes: Depois a minha tia veio de lá também, porque não dava mais nada. Só galinha e hortinha, mas era só pra comer né? (...)Não tem mais aquelas terras grandes. Terra boa, fértil, não tem mais. Quando tem, é pequeno. E quando é grande não dá pra plantar, porque o solo tá duro, seco. Então é uma sinuca de bico. (Anexo F, 211)

Edgar: A legislação ambiental é muito rigorosa. Na verdade ela deixa de ser aplicada, por causa disso. A lei exige que se preserve, no nosso caso aqui, 100 ou 150 metros. É melhor você exigir então que se preserve 50 metros e tenha os 50 metros preservados, do que exigir que se preserve muito e não tenha nada. Tomara que as mudanças melhorem alguma coisa, pra termos como aplicar. Porque ela inaplicável hoje na administração pública. Como você vai chegar numa propriedade hoje em que o cara tem 1 alqueire de terra com um valão cortando a propriedade, ele tem que preservar 30 metros de um lado e 30 metros do outro. Ele perde mais da metade da terra. (Anexo F, p.213)

A presença das pequenas terras gerava ainda conflitos entre vizinhos e o desmatamento trazia consequências para além das propriedades desmatadas:

Dimea: É, e a mata tinha em tudo. Cada um preservava a água do outro. Quando Borges morreu, secou muita água nossa. (...)

Rafael: Por quê?

Dimea: Porque os descendentes dividiram a terra e desmataram tudo! (Anexo F, p.167)

4.7. “Vamos fazer um café?”: Amargas conversas sobre política e o choro dos negros

Serpa (apud Ricouer, 1994) diz que o relacionamento com o depoente durante o processo de pesquisa e entrevista é tão ou mais importante do que qualquer descrição que ele possa nos fornecer, por mais detalhista que ela seja. O deixar-se envolver pela sua narrativa, o tentar partilhar com ele toda a carga afetiva contida, não só em suas palavras, mas na própria atmosfera que ele tenta criar com elas, são estas as possibilidades que fascinam. Esta atmosfera afetiva está carregada de significados existenciais, construídos ao longo de suas experiências de vida, de seu cotidiano. Por isso, a decodificação destes símbolos só pode ser feita através da interpretação destas experiências cotidianas em nível afetivo, e este só é apreensível através da fala.

Por esta razão, grandes momentos das entrevistas foram aqueles em que o cheiro do café perfumava o ambiente. Foram as pausas, geralmente depois de

finalizada uma determinada sessão de conversa, quando nos sentávamos para falar sobre coisas diversas e que, aparentemente, não teriam significado para entrevista: a toalha bordada que cobria a mesa, o cheiro do pó de café, a novela de ontem. Era o momento em que abandonávamos nossa posição de pesquisador e sujeito de pesquisa, e nos tornávamos velhos amigos de infância. Para Benjamin (1985), nada facilita mais a memorização das narrativas, por parte do entrevistador, do que a sensação de que estamos a salvo de uma análise psicológica. Qualquer pesquisa com relatos orais também provoca no entrevistador um intenso trabalho interno, no sentido de acolher e ser acolhido pelo outro. Para o entrevistado, neste momento, a expressão terapêutica da narrativa atinge o seu momento mais sublime.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mas completamente ela se assimilará à sua própria experiência (...). Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. (BENJAMIN, 1985, p.204)

E foi durante um café que Dona Lourdes falou sobre a sua relação com o movimento integralista nos anos 40 e 50.

Lourdes: Eu era integralista! Nasci no meio de integralistas. Meus pais eram integralistas. Morreram integralistas.

Rafael: É mesmo?

Lourdes: É! Minha mãe era muito integralista.

Rafael: E como a senhora se tornou integralista?

Lourdes: Nasci no meio, não é? Existia em Campos um grupo integralista muito forte. Sei que aconteceu um problema muito sério na época que eu era garota.

Rafael: Houve um massacre.

Lourdes: Foi, foi uma coisa horrível. Eu não lembro direito, porque era garota.

Rafael: Você lembra de algum detalhe desse massacre ou conhecia alguém envolvido?

Lourdes: Não, mas minha mãe conhecia gente dessa época, porque ela era desse grupo. Eu não lembro direito. Era muito pequena. Só lembro de algumas coisas. Vi gente apanhando nesse dia. (Anexo F, p.202)

Dona Lourdes se lembra do massacre ocorrido em 1937, mas ela nasceu em 1939. Como pode se lembrar de um fato sem tê-lo vivido? Isto Pollak (1992)

conceituou como *transferência de memórias*²¹. São memórias das memórias. Nos seus primeiros anos de vida, provavelmente escutou os seus pais falando sobre o evento. Pode, ainda, ter frequentado alguma manifestação que a levou a associar o massacre de 1937 com a sua infância. Trata-se de uma associação bastante comum e todos nós talvez tenhamos alguma memória de transferência.

No a região Norte Fluminense, o integralismo adquiriu força, sendo bem aceito pela elite local. No entanto, os embates nas ruas com os comunistas e anarquistas eram frequentes. O chamado massacre de 37 ocorreu no dia 15 de agosto de 1937 durante um comício integralista, resultando em 13 mortos e inflamando os ânimos da Ação Integralista Brasileira (AIB)

Em suas lembranças, a Sra. Lourdes associa o movimento a uma concepção racista:

Lourdes: Eles eram fascistas! Eram preconceituosos! A gente acha maravilhoso quando olha de longe, mas se você... Se você olhar bem de perto, vai ficar com... Eu tenho remorso, sabe?

Rafael: Mas o que te deixa com remorso?

Lourdes: Você sabia que negros e brancos aqui não se misturavam?

Rafael: Me falaram sobre isso, mas gostaria de mais detalhes.

Lourdes: Não se misturavam. Acho que isso vem desde a escravidão. Era uma coisa horrível, mas nós, que éramos brancos, não ligávamos pra isso.

Rafael: Entendo.

Lourdes: Claro porque... Eles não faziam nada contra a gente. Mas a gente fazia. Olha, o que eu já vi aqui nessa cidade. Gente, sendo xingada na rua. Era uma coisa horrível. (Anexo, p. 204)

Dona Lourdes me recomendou ler o Manifesto da Guanabara, um documento da doutrina Integralista, lançado em 2009. Eu não somente li como levei uma cópia impressa²² para que lêssemos em voz alta e que ela apontasse os pontos onde identificava o tal “perigo”:

²¹ Pollak relata uma série de entrevistas feitas sobre a invasão da Normandia, na Segunda Guerra Mundial. Algumas pessoas, que na época teriam entre 15 e 16 anos, caracterizaram os capacetes dos soldados alemães como sendo “pontudos”. No entanto, capacetes assim só foram utilizados até 1917. As memórias da Primeira Guerra, quando os soldados alemães foram apelidados como “capacetes pontudos”, transmitidas pelos seus pais, foram associadas à Segunda Guerra. Inclusive, por ter sido um período tão devastador, para algumas famílias é como se as duas guerras tivessem sido uma só.

²² O arquivo foi extraído do site <http://www.integralismo.org.br/>

“O Integralismo é um movimento espiritualista, afirmando a imortalidade do espírito e o amor a Deus e à Pátria Celestial acima de todas as coisas.”

Lourdes: Não fala aí qual é a religião, né?

Rafael: Fala Deus.

Lourdes: Tem mais coisa aí.

Rafael: Pátria Celestial?

Lourdes: É! Olha o céu. Esse Deus aí não é qualquer Deus.

(...)

Rafael: “O Integralismo é uma frente ampla espiritualista, reunindo pessoas de todos os credos irmanadas na luta contra o materialismo grosseiro e avassalador, tanto em sua face liberal quanto em sua face comunista.”

Lourdes: Como?

Rafael: “O Integralismo é uma frente ampla espiritualista, reunindo pessoas de todos os credos...”

Lourdes: Mentira! Isso não é verdade.

(...)

Rafael: “... reunindo pessoas de todos os credos irmanadas na luta contra o materialismo grosseiro e avassalador, tanto em sua face liberal quanto em sua face comunista”

Lourdes: Eles lutaram a vida toda contra os comunistas! Isso também é mentira!

Rafael: Eu li sobre isso. Havia um conflito em Campos entre comunistas e integralistas.

Lourdes: No país inteiro! Mas continua. Eu quero café. Mas depois.

(...)

Rafael: [risos] Ok. “O Integralismo se propõe a respeitar a liberdade de culto, desde que o culto não constitua uma afronta à Moral, à Ética e aos Bons Costumes ou uma ameaça à Segurança Nacional...”

Lourdes: [risos] Segurança Nacional?

Rafael: É o que diz aqui. “defendendo, em matéria de cooperação religiosa, o regime de Concordata, sem prejuízo da autonomia das partes e visando sempre a grandeza e a felicidade da Nação dentro de suas bases cristãs, do ideal cristão sob cujo signo nasceu e floresceu nossa Sociedade.”

Lourdes: Tá vendo? Eu disse que era cristão. Como falam aí?

Rafael: Base cristã.

Lourdes: Então, é com base cristã que eles vão julgar os outros credos e decidir se interferem na moral e na... Segurança Nacional! [aumentando o volume da voz]

Rafael: “A Família, instituição natural e divina, tendo por fundamento o matrimônio entre pessoas de sexos distintos, é a célula mater da Sociedade, o primeiro e mais importante dos Grupos Naturais, posto que constitui o nascedouro da vida social e o repositório das mais lídimas tradições pátrias.”

Lourdes: Sexos diferentes. Veja bem, sexos diferentes.

Rafael: “O Estado deve fazer tudo o que for possível para manter a integridade da Família, respeitando a intangibilidade de seus direitos e lastreando sua autonomia com sólidas bases de natureza econômica.”

Lourdes: Gays não têm direito [sacode a cabeça reprovando o que foi lido]. Pode esquecer.

Rafael: “A fim de que cumpra sua missão natural e histórica, tem a Família o direito: a salário suficiente para atender a suas necessidades morais, intelectuais e materiais básicas; a moradia digna e sã, tanto no aspecto material como no aspecto moral, e que não seja distante de maneira excessiva do local de trabalho”

Lourdes: Repete um.

Rafael: “a salário suficiente para atender a suas necessidades morais, intelectuais e materiais básicas”.

Lourdes: gays não têm direito a salário que faça isso aí. Só homens e mulheres. Tá entendendo?

Rafael: Entendo perfeitamente. Parece bastante contraditório com a sociedade atual.

Lourdes: Completamente contraditório. Eles tentam enganar.

Rafael: Tem mais uma coisa que eu queria ler e depois tenho uma pergunta.

Lourdes: Veja se nós podemos excluir os gays hoje! Temos é que dar os direitos e não tirar.

Rafael: Concordo.

Lourdes: Eles querem tirar, querem excluir. E isso tudo pro causa de quê? Da religião.

Rafael: Concordo. Mas a senhora acha que todo integralista é racista?

Lourdes: Não. Mas tá vendo com tem brecha nesse texto. (Anexo F, p. 208-211)

A forma impetuosa como a Sra. Lourdes fala sobre a questão do preconceito é exatamente o oposto da expressão do Sr Jacinto. Sempre muito tranquilo e ponderado na fala, é capaz de demonstra no olhar a discriminação sofrida. Quando criança, ele era alvo de chacota, quando os vizinhos o chamavam de saci. Na época chegou a ser apedrejado.

Jacinto: Mas nunca fizeram nada comigo. Só aquilo de me chamar de saci. Já me tacaram pedra também.

Rafael: Quando?

Jacinto: Quando eu era criança.

Rafael: Quem jogou pedra no senhor?

Jacinto: Criança também. E tinha gente grandinha. Eu vareei correndo pra casa. Bati uma carreira e fui parar em casa.

Rafael: E sua mãe?

Jacinto: Não falei pra ela. Corri, quando cheguei na virada linpei a cara e corri pra casa.

Rafael: O senhor tava chorando.

Jacinto: Tava. Mas dali em diante nunca mais chorei pra isso. Ficava quietinho, igual minha mãe falava.

Rafael: O silêncio é uma boa arma também. Às vezes melhor do que brigar.

Jacinto: Minha mãe falava isso! Olha, você falou igualzinho a ela (Anexo F. p. 191)

Mas ele também apresenta, com orgulho, o passado dos seus ancestrais. Na lembrança do Sr. Jacinto, o seu avô e sua avó viveram a escravidão:

Jacinto: Meu pai... Meu vô Jacinto era escravo, sabia?

Rafael: É mesmo?

Jacinto: Era escravo lá numa fazenda em Campos.

Rafael: Quando isso?

Jacinto: Ah, não sei.

Rafael: Qual era o nome do seu avô?

Jacinto: Jacinto também.

Rafael: O senhor sabe quando ele nasceu?

Jacinto: (risos) Ah, isso não sei não.

Rafael: O senhor o conheceu?

Jacinto: Sim! Ele morreu eu era molequinho.

Rafael: O senhor lembra o ano em que ele morreu?

Jacinto: Eu tinha 9 pra 10 anos.

Jacinto: Meus avós eram escravos. Trabalharam muitos anos como escravos, lá em Campos. Meu pai na roça, mas a minha mãe em casa. (Anexo F, p. 176-177)

Segundo o Sr Jacinto, o seu avô teria falecido em 1945 aos 45 anos. Ora, se a assinatura da Lei Áurea data de 1888, o seu pai teria nascido 12 anos depois – e,

logo, não seria mais escravo. Mas neste caso, não se trata, necessariamente, de uma falsa memória ou de uma transferência de memória. O fato é que a situação trabalhista dos negros na região após a abolição não mudou muito. A maior parte dos antigos escravos continuou trabalhando como cortadores de cana nas fazendas da região, morando ainda nas dependências das usinas (LIFSCHITZ, 2008). Daí, a impressão de que a escravidão em Cardoso Moreira, principalmente em Bananal, teria prosseguido no século XX.



Fig. 19. A cidade guarda vestígios de seu passado, embora não haja ainda uma proposta de recuperação ou preservação de antigas construções como as usinas e as casas dos proprietários e trabalhadores (Fonte: arquivo do autor)

Tanto Dona Dimea, quanto Dona Lourdes, têm a mesma impressão sobre a situação dos negros na cidade. Curiosamente, ambas utilizam-se de falas muito parecidas para tratar da discriminação étnica que concordam ainda com a impressão do Sr Jacinto sobre os seus avós:

Lourdes: Acho que a escravidão acabou no Brasil, mas aqui [em Cardoso] nós fomos saber muito tempo depois. (Anexo F, p. 204)

Dimea: Cardoso ficou muito tempo fora²³... Aqui, o pessoal começou a saber que a escravidão tinha acabado e dizia "Quero ver o que esses negros vão fazer agora". E aí é claro que eles não apanhavam mais, mas continuavam sendo escravos das fazendas. Trabalhavam por comida. (Anexo F, p. 157)

Lifschitz (2008) diz ainda que historicamente houve um “ocultamento” cultural da negritude em Campos dos Goytacazes, onde a relação entre os grupos sociais parece ser diferente, por exemplo, do caso da Bahia. Em Campos, onde 60% da população chegou a ser constituída por escravos no século XVIII, a elite local manteve com a população negra um pacto de submissão clientelística e ocultamento cultural que se constitui como um bloqueio étnico.

Dona Dimea descreve esta segregação que atingia o comércio e as celebrações locais:

Dimea: Sr. I.B. botou um armazém e vendia pro pessoal da Leopoldina fiado. Eles entraram e tomaram posse de Cardoso. E aí proibiram aquelas danças que os africanos tinham, aquelas danças de rua. Proibiram aquilo. Fizeram o clube dos brancos e clube dos brancos e o clube dos pretos. Você não entrava no clube dos brancos! Tivesse cabelo ruim, meio mulatinho, não entrava no clube deles. Mas os brancos podiam entrar no clube dos pretos.

Eu: E onde ficavam esses clubes?

Dimea: Era ali na Beira-Rio. Quando chegava no carnaval tinha o bloco dos pretos e o bloco dos brancos. Tinha os Assed, que era uns turcos que não tinham preconceito e lutavam contra. Tinha J.A. e A.A.. E tinha o C.H., que investia no clube dos pretos. E o bloco ficava mais bonito, porque tinha os escravos, mostravam os senhores batendo. E no bloco dos brancos tinha só as princesas. Aí essa briga de preto com branco deu uma vida pra cidade. E era tudo assim: se tivesse futebol era branco pra lá e preto pra cá.

Eu: A senhora lembra bem disso?

Dimea: Lembro!

Eu: Então quando foi?

Dimea: Ih, não é antigo não! Nos anos 70 ainda tinha o clube dos pretos. Nós viemos em Cardoso, na festa. E a Mida disse: "vamos no clube dos pretos?". E aí tinha um rapazinho junto que perguntou: "Que clube dos pretos é esse?". Aí Mida: "É aqui tem clube

²³ Ela quis dizer que Cardoso Moreira não se articulava com as mudanças políticas e sociais que ocorriam no país.

dos brancos e clube dos pretos". Aí ele: "Eu, hein! O que é isso gente!?". Anos 70... E fomos no clube dos pretos. Era uma bagunça danada. Os pobres estavam todos lá, era bom demais. Mas hoje você não vê nenhum preto em Cardoso não. Eles foram saindo daqui e não voltaram mais. Os turcos chegaram varrendo. nem pra empregados deles serviam. Vocês chegava num comércio de turco e não tinha nenhum funcionário preto. Nem pra empregado de casa. Se fizesse coisa errada eles diziam: "Você fez crioulice, hein". (Anexo F, p. 156-157)

A falta de melhores oportunidades na cidade, que hoje afeta parte da população cardosense, afetou inicialmente aos negros:

Eu: Eles foram saindo da cidade então? Os negros.

Dimea: Quando saiu Búzios, quando começaram a construção, os homens iam e deixavam a esposa aqui. Depois elas iam. Foram indo, indo... Muita gente saiu de Cardoso pra trabalhar na construção de Búzios. Aí os brancos voltavam pra cá, às vezes. Mas os pretos, não. Estavam num lugar onde todo mundo tratava bem. Ia voltar pra cá? As pessoas batiam nas costas: "Fala aí, crioulo". E eu era criança e pensava: "Que engraçado, preto chora!". Porque de vez em quando faziam zombaria com eles e descia aquela água do olho, de escorrer, de pingar. E eu só via preto fazer isso. "E pensava: "Preto também chora". Devia chorar mais do que brancos. Meu sogro, quando casei, ainda falava assim: "Uma negra é uma negra, não é uma moça". Quando meu netinho nasceu, meu sogro falou: "Tão bonitinho, pena que é preto". Falou ainda. Por isso que a morte existe, porque se essa gente durasse ia tudo pra cadeia. Mas agora não tem mais branco. Tá tudo misturado já. (Anexo F, p.157)

Recentemente, o jornalista Ricardo André Vasconcellos se manifestou sobre o fechamento do jornal Monitor Campista, emblemático meio de comunicação e patrimônio da população dizendo que "o encerramento das atividades do *Monitor Campista* não surpreende numa cidade [*Campos, RJ*] que despreza sua história como se dela tivesse vergonha. Vergonha de um passado construído com base na exploração da miséria e boa-fé de um povo outrora pioneiro e guerreiro." (Anexo A)

Na paisagem de Cardoso Moreira apresentada pelos sujeitos destacam-se o medo e a indiferença. Uma constante tensão que atravessa as trajetórias tanto daqueles que viviam na área urbana, quanto os moradores de áreas rurais.

As disputas familiares geravam constantes brigas e até mortes em Bananal. Era comum não haver punição para os assassinos, pois antes de tudo não havia

denúncia. Lourdes se lembrou das brigas da família por terras; Jacinto a discriminação sofrida pela família negra e as muitas pedradas que levou em certa ocasião, em Bananal. Mas é a topofobia, identificada em Dimea a partir deste trabalho, que trouxe à localidade e ao poder público uma nova perspectiva de ação.

4.8. A sensibilização dos sujeitos nas práticas educativas: o retorno social da pesquisa com as memórias dos agricultores cardosenses

Nascida em 1948, ela viveu durante 40 anos nesta localidade, antes de se mudar para Niterói na região metropolitana do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida para os seus 5 filhos.

A sua história se cruzou com a de Mauricio Zanon, técnico da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), durante o período de coleta dos depoimentos. Um dos responsáveis pela elaboração do projeto de “Desenvolvimento Rural Sustentável em Microbacias – RIO RURAL”, Mauricio nos havia relatado sobre a dificuldade de acesso às nascentes do Valão do Vinhático, principal córrego daquela localidade e que atravessa diversas propriedades que o utilizam para irrigação e uso com o gado. Até o momento, a equipe da EMATER não havia conseguido acessar a área, impedida por um grupo de fazendeiros que sempre bloqueava o avanço da equipe. Seria impossível finalizar o projeto sem os dados de GPS colhidos naquela área. E foi exatamente ali, naquela área de nascentes, que a Sra. Maria Dimea passou a infância e juventude.

A entrevista ocorreu nos dias 13, 14 e 15 de agosto de 2011, sendo que no dia 14 a conversa se realizou durante um passeio neste sítio em que Maria Dimea viveu e contou com a presença do pesquisador, do técnico Mauricio Zanon e do neto de dona Dimea, Tiago, de 11 anos, que ela levava para conhecer o seu antigo sítio. Desde 1979 ela não visitava a propriedade e durante este tempo, sustentou um sentimento de mágoa com o lugar. Causou-lhe espanto saber que os fazendeiros que moravam na entrada do sítio estavam impedindo a passagem da equipe da EMATER, pois segundo os seus conhecimentos, tratava-se de uma família que não possuía qualquer poder sobre tal propriedade. Portanto, embora não houvesse o que temer, o fato nos mostra como ainda há no interior dos Estados uma espécie de arcaísmo na estrutura agropecuária brasileira, onde alguns donos de terras,

descendentes de antigos coronéis ainda tentam exercer algum poder sobre os organismos municipais e estaduais. E foi preciso enfrentar esta condição, junto com a Emater e com a depoente, para conseguirmos entrar na propriedade e realizar a pesquisa²⁴.

A entrevista do dia 14 foi um grande desafio para a depoente e para os pesquisadores, pois cada passo, fantasmas e mágoas vinham à tona, ao mesmo tempo em que se revelava um passado ambiental impensável para uma região que se mostra tão degradada.

Mauricio: Olha como está o assoreamento. Não tem nem como fazer mais tabuleiro de arroz aqui.

Dimea: Gente, que coisa horrorosa! (Anexo F, p. 162)

Financeiramente, nas décadas de 50 e 60, a situação de sua família era semelhante a de qualquer outra cuja economia doméstica baseava-se na agricultura familiar. De acordo com Souza & Ponciano (2006), a partir de 1960, quando foi adotada a estratégia de modernização da agricultura no país as culturas de exportação tiveram um aumento de produtividade significativo, enquanto a produção dos agricultores familiares do norte fluminense ficou sujeita ao controle dos preços. Algumas consequências desta inserção esmagadora da agricultura industrial no cotidiano dos pequenos produtores de Cardoso Moreira foram o crescimento no contingente de trabalhadores temporários, desalojados no meio rural, sem vínculos empregatícios e em condições precárias (Cruz, 2004).

Dimea: Era muito difícil. Quando a coisa apertava, a gente ia pro Rio (de Janeiro) ganhar dinheiro e depois voltava. Comprava roupa nova, sapato e depois voltava. Mas isso quando já era quase adulta.

A narrativa de Dimea demonstra como nas lembranças destes sujeitos estão intrinsecamente ligadas a História Ambiental do lugar e as suas memórias. A antiga

²⁴ Por várias vezes a EMATER tentou visitar o sítio de dona Dimea, para registrar imagens e coletar dados em GPS. Mas uma família que mora ali impediu a passagem da equipe, inclusive com o uso de espingardas. Na ocasião da nossa visita, ao avançarmos sem pedir permissão avistamos um dos membros da família com espingarda em punho surgir na varanda da casa. Por recomendação de dona Dimea, embora muito tensos, não olhamos para trás. E não fomos incomodados.

casa, onde faleceu o seu pai relaciona-se, exemplo, aos antigos coqueirais de onde emanavam águas.

Dimea: Essa casinha ali que meu pai morreu dentro dela. Tá vendo, Rafael. Lá, lá naquele coqueiral... lá naquele coqueiral tinha água que daqui você via a água descendo. Ai, que coisa triste

Rafael: Por quê triste?

Dimea: Porque não tem mais nada, né. Não tem mais água, tinha muita água. E lá naquela casinha meu pai morreu. Era bonito. (Anexo F, p.163)

Não tínhamos avistado, até então, a casa onde ela passara a infância. Enquanto caminhávamos, dúvidas e lembranças eram verbalizadas. Sua grande preocupação era com o atual estado da estrutura da casa.

Dimea: Mida (Cremilda, sua irmã) disse que a casa não tá mais lá, que derrubaram e fizeram um quatinho que boi dorme dentro. (Anexo F, p.170, trecho editado)

Para Yi-Fu Tuan (1983) a permanência do sujeito na casa é um elemento importante na ideia de lugar. As coisas e os objetos são mais resistentes do que os seres humanos, sempre vulneráveis, com suas fraquezas biológicas e mudanças de humor. No entanto, na ausência das pessoas certas, os lugares perdem significado, sendo que sua permanência física (seja este lugar um cômodo, uma casa, um bairro) deixa de emanar a sensação de conforto e passa a ser uma irritação. O lugar em si pouco oferece sem a relação humana. Talvez a ausência do pai, devido ao falecimento, tenha sido um dos motivos para o desenvolvimento da mágoa que Maria Dimea sente pelo lugar. Mas na medida em que caminhávamos, a possibilidade de recontar e a conscientização da importância de sua história para a pesquisa ambiental, fizeram estes sentimentos opressores dissiparem-se.

O conceito de topofobia refere-se ao sentimento de medo, desprezo, repúdio ou aversão por um determinado lugar. Yi-Fu Tuan (2005), ao falar sobre as paisagens de medo, inclui a seca, a safra murcha, as pessoas mortas e desnutridas como elementos que fundamentam a topofobia.

A morte aparentou ser o elemento responsável pelo distanciamento de Dimea daquele lugar. Principalmente, a morte do pai, que permeava a sua fala durante o início de nossa caminhada e que ela sempre associava à degradação ambiental.

Mauricio: Isso aqui é erosão, olha!

Dimea: Sabe o que era isso aqui? Era um campo de bola. Era reto, bonito. Essa casinha ali que meu pai morreu dentro dela.

(...)

Dimea: Se você não aguentar andar tudo, você volta e depois nós chamamos um taxi.

Mauricio: É muito longe ainda?

Dimea: É longe! Meu pai, morreu aqui. Morava aqui. Aí invadiram aqui... Aqui morava Chico Machado. Minha irmã falou que tinha desmanchado a casa, mas ela tá ali! A casa de Chico Machado foi vendida primeiro.

(...)

Meu pai morou muito tempo aqui. Aí morreu, infartou. Ninguém suporta isso.

(...)

*Saí daqui com o **ZC** com um pau na mão querendo matar a minha mãe. (Anexo F, p. 163)*

Mas ao conceito de topofobia, confronta-se outro, a topofilia. Trata-se do elo afetivo, que une a pessoa aos lugares mesmo que estes estejam geograficamente distantes. Um exemplo disto é quando sentimos um aroma ou um sabor que não nos remetem somente a um tempo, mas também a um lugar. Assim, os termos topofilia e topofobia propostos por Tuan (1980) estão associados ao caráter do ambiente e com os valores e atitudes daqueles que os experienciam.



Fig. 20. Dona Dimea, aproximando-se do quintal de sua casa. Neste momento, as palavras negativas começam a dar lugar às boas lembranças de infância. (Fonte: arquivo do autor)

Tuan (1983) ainda contribui nesta discussão com aquilo que define como um “lugar da memória”. Estes lugares da memória são transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo das lembranças, mas não são guardados como fotografias em um álbum nem percebidos como símbolos comuns: mesmo associados a objetos, quando lembrados produzem uma intensa satisfação. Foi esta satisfação que Maria Dimea demonstrou ao se aproximar da casa e verificar que sua irmã tinha fornecido uma falsa informação: a casa estava lá.

Maria Dimea: Gente, Cristo amado! (...) Como a pessoa destrói uma coisa dessa? Olha, ainda tem um pedaço da casa. Deve ter o fogão! (...) Olha, a casa tá toda aqui! Mentira de Mida. A casa tá aqui, gente! Ih, o fogão tá aqui! O fogão de papai, aqui o fogãozinho. Bate uma foto minha no fogão! (Anexo F, p.170. Trecho editado)



Fig. 21. À esquerda, dona Dimea correndo ao avistar a casa de sua infância, ainda de pé. À direita, o seu antigo fogão à lenha. (Fonte: arquivo do autor)

A alegria em rever a sua casa resultou em um interessante diálogo de gerações. Estávamos com seu neto, Tiago e a partir de um determinado momento deixei que os dois conversassem, me colocando somente no papel de ouvinte:

Maria Dimea: Aqui mamãe tinha um jardinzinho, era tudo cercadinho (...). Não tem mais vestígio de nada. Isso aqui era fundo, sabe? Tinha um valão. Tá tudo aterrado! Isso aqui, não era nada assim. Nada assim... Tem um pé de Jamelão por aqui? Olha lá o pé de Jamelão. Isso aqui ia reto assim, mais alto, bem mais alto. E o pé de Jamelão era lá embaixo. Ele nasceu na beira do valão. Tinha água geral aí. Água, muita água. Não era assim não. Dava pra tomar banho, mais ali pra cima, na lajinha, onde tinha pedra. (Anexo F, p. 170. Trecho editado)

Quando diz que “está tudo aterrado”, ela se refere a uma antiga área alagada, logo na frente de sua casa, que sustentava o córrego que nascia ali. Sua água era utilizada na lavoura e na pecuária. Devido ao desmatamento nas vertentes logo acima, a área foi sedimentada e hoje é somente um areal (fig. 26).



Fig.22. Dona Dimea observa o antigo lago, hoje um areal. (Fonte: arquivo do autor)

Para Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados(...). Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1995, p.42)

A nossa visita ao sítio, que começou marcada por profundos sentimentos negativos, encerrou-se com anseios de vida nova, tanto para a depoente, feliz por vencer os seus fantasmas e reencontrar o seu lugar²⁵, quanto para a prefeitura, que finalmente pôde concluir a etapa de mapeamento da microbacia e conquistou uma importante colaboradora na implantação de projetos ambientais em Bananal:

Mauricio: (..) E aí, deu pra passear bastante?

Dimea: Deu! Fazia 20 anos que eu não ia lá. Se eu tiver criado meus filhos, volto pra lá.

²⁵ Estamos em busca das escrituras do sítio, para tentar reaver a posse da propriedade.

Mauricio: A senhora quer voltar para ali?

Dimea: Eu quero!

Mauricio: Deus abençoe a senhora.

Dimea: Aí, você vai lá! Tomar café, colocar seus projetos!

Mauricio: Aí eu vou mesmo!

Dimea: Eu vou correr atrás desse terreno. (Anexo F, p. 174)

A memória da depoente Maria Dimea também auxiliou no mapeamento da microbacia do Valão Vinhático ao nos apresentar uma história que traduz o passado socioambiental daquela região. O mapeamento começa a ser disponibilizado em: <http://microbacias.eopen.com.br/>, onde em breve será possível verificar os dados quantitativos de produção e a área das microbacias.

Nos trabalhos de campo visitamos ainda o projeto de reflorestamento das margens do Muriaé, em companhia do técnico da SMMA, Edgar Rocha.



Fig. 23. O técnico Edgar observa as mudas já plantadas (Fonte: arquivo do autor)

São, ao todo, 3 mil mudas de plantas nativas em 2 hectares de terra na margem direita do rio. Na margem esquerda, a estrada construída logo na beirada do rio, as encostas e as casas impediram o plantio. Foi a oportunidade também para que dona Dimea descesse até a beirada do rio e relembresse as brincadeiras no Muriaé:



Fig. 24. Dona Dimea leva o seu neto para conhecer o lugar onde pescava camarões de água doce. (Fonte: arquivo do autor)

Dimea: A gente pegava um coador velho e ia pro rio. Debaxo das pedras tinha camarão! A gente pegava o camarão num coador. Tirava a pedra e botava o coador. E pegava o camarão. Agora não tem. Até cachimbau²⁶ tá acabando, porque cachimbau se escondia na oca das pedras. Se Cardoso Moreira pegar firme, daqui uns 20 anos o rio começa a limpar de novo. É um tantão de árvore que tem que plantar na beira desse rio pra fazer efeito. (Anexo F, p.158)

Árvores, camarões e rio. Espera-se que no futuro, estes possam ser novamente desfrutados por outras gerações.

²⁶ Cachimbau é uma espécie de peixe

5. PARA NÃO CONCLUIR E NUNCA ESQUECER

Perto de muita água, tudo é feliz.
(Guimarães Rosa)

Estamos no início de 2012. No exato momento em que escrevo estas linhas, cerca de metade da população cardosense está desabrigada, devido às fortes chuvas que assolaram as regiões norte e noroeste fluminense. E talvez, neste contexto, o verso de Guimarães Rosa citado acima possa soar como ironia.



Fig. 25. A imagem à esquerda apresenta o rio correndo em seu leito menor. À direita, durante a enchente de janeiro de 2012 (Fonte: foto à esquerda, do arquivo pessoal do autor. Foto à direita, retirada de reportagem sobre a enchente, disponível em: <http://conexaocardosense.blogspot.com>)

O problema das enchentes em Cardoso Moreira é antigo e frequente (Anexo B). A última enchente tinha sido em 2009, mas também ocorreram em 2007 e 2003. O município é o último aglomerado urbano antes da foz do rio Muriaé, que deságua, 48km depois, no Paraíba do Sul em Campos do Goytacazes. Toda a chuva acumulada nas sub-bacias do Muriáe encontra ali uma planície, onde se espalham. Diversos projetos de contenção já foram escritos, mas nenhum realizado até hoje. Podemos dizer que a população aprendeu a conviver com as cheias do rio e há um sistema de alerta e precaução entre os próprios moradores, que quando percebem o aumento do nível do rio levam os móveis para o segundo andar da casa. No entanto, para o comércio e para os moradores das casas mais antigas, as perdas são inevitáveis.

Esta pesquisa não pretendeu apresentar culpados para os problemas ambientais. A intenção era mostrar que a memória daqueles que vivem ou viveram

durante anos na cidade guardam informações são importantes nas ações e nas práticas de Educação Ambiental.

Entende-se que os objetivos foram alcançados. Foi possível identificar que os impactos ambientais em Bananal estão relacionados ao trabalho, principalmente ao ciclo canavieiro e a posterior ocupação das terras pelo gado. Percebemos que o ambiente, não somente no campo, como também na cidade, sempre foi marcado por tensões políticas e por uma herança social que durante anos foi embasada em exploração e, depois, em discriminação.

A degradação socioambiental apresenta-se como um fator que interferiu diretamente no cotidiano dos sujeitos, obrigando-os a migrarem para o Centro ou para outros municípios.

A história oral com pessoas idosas mostra-se como uma ferramenta importante na identificação de impactos socioambientais, revelando a dimensão histórica dos fatos e ampliando as possibilidades de intervenção do Estado.

A voz e a experiência de dona Dimea auxiliaram diretamente no mapeamento da microbacia do Vinhático, identificando os antigos e os remanescentes canais e apresentando-nos as transformações do lugar. Ela trouxe, através de sua memória, uma nova perspectiva de ação para o poder público local, onde o envolvimento dos proprietários pode estar relacionado aos projetos de intervenção desde a sua gênese. Ouvir estes sujeitos pode ser a base destas ações, pois a partir de sua fala conheceremos as suas reais necessidades e poderemos promover obras que protejam o meio ambiente, mas tragam benefícios e mantenham estes agricultores nas suas terras, no seu lugar.

A escolha dos sujeitos na pesquisa com história oral pode ser extremamente criteriosa ou mesmo aleatória. Seja como a for a seleção dos depoentes, somente durante a entrevista conseguiremos identificar se fomos ou não bem sucedidos na escolha. No caso deste trabalho, a seleção dos idosos mostrou-se adequada, pois a partir dos seus depoimentos conseguimos cumprir os objetivos da dissertação e ir além, sensibilizando o poder público para a importância de ouvi-los. As entrevistas registradas são ricas e é possível sempre retornar a elas, com novas questões, em busca de novas informações.

A minha emoção ao escutar o canto do Sr. Jacinto, repetiu-se em outros momentos, com cada um dos entrevistados. Ao início de cada entrevista, buscava me concentrar em estabelecer uma “aproximação distanciada”, manter aquele limite

em que a cumplicidade que se estabelecia também estivesse separada pela relação de trabalho entre o pesquisador e o sujeito depoente. No entanto, por diversas vezes me encontrava numa situação de pupilo, aprendiz. Alguém que estava ali para conhecer, desejando que aquele momento jamais acabasse. E realmente não terminou. Seguirá vivo em minha memória. Entrevistar e conviver com estas pessoas, me fez crescer como pesquisador e como sujeito ecológico.

Quando o senhor Jacinto falou da aranha que entrara em sua orelha, logo percebi que aquela discussão poderia nos levar a novas pistas. Só quem estava por perto sabe o quanto aquele assunto era desagradável pra ele. A pausa longa que deu durante a descrição do caso foi o mais longo e angustiante momento de silêncio dentre todas as entrevistas da pesquisa. Um educador ambiental, antes de tudo precisa ser sensível e estar, antes de qualquer coisa, preocupado com os sujeitos de sua pesquisa.

Nas semanas seguintes às entrevistas, procurei manter contato com os 4 depoentes. A minha preocupação era com o impacto emocional que essa lembrança poderia lhes causar. Vasculhar o baú de memórias pode trazer consequências inesperadas ao nosso equilíbrio psíquico, porque nunca sabemos o que encontraremos lá no fundo.

O senhor Jacinto e o senhor Amaro, aparentemente não demonstraram qualquer alteração significativa, mas a cada conversa por telefone, um assunto voltava à tona, uma lembrança era revelada. Poderíamos passar uma vida pesquisando juntos, porque há muita, muita história para contar. Infelizmente, o senhor Jacinto veio a falecer no início de 2012.

Meu contato com a Sra. Lourdes, em um determinado momento, passou a ser feito com a sua filha. Foi no período em que precisamos conversar sobre a função da entrevista, a aplicação do trabalho. Felizmente chegamos a um consenso e logo pude retomar os contatos com a depoente. E eu soube, pela própria, que em outubro, cerca de 1 mês após a nossa última conversa, ela havia retomado o seu crochê. Adquiriu, por indicação minha, uma pequena máquina manual de tear e agora prepara cachecóis (embora a temperatura no Rio de Janeiro impossibilite o uso diária da peça) e mantas.

A Sra. Dimea me preocupava mais. Se nossa visita ao sítio de sua infância havia sido impactante pra mim, ficava imaginando o quão significativa teria sido para ela. Nas semanas seguintes, ela fez questão de fazer contato e solicitar minha ajuda

para tentar resgatar a propriedade da família. Quer transformar a área em modelo de sustentabilidade para a região. Quer voltar comigo a Cardoso Moreira e visitar umas áreas que eu não conheci, mais afastadas da região central e também de Bananal. É um lado que eu realmente não conheço. Lembro-me vagamente de visitar um cemitério ali, quando era muito pequeno. Talvez aos três anos de idade. Muito novinho. Me pergunto se isso seria uma memória falsa, mas ao mesmo tempo me vem à mente um trecho da música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré: *Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer*. Essa música me arrepiava, porque a associei a esta visita que fiz ao cemitério. Então me nego a acreditar que seja uma falsa memória. Como saber?

A memória não só identifica o impacto como promove e amplia a possibilidade de ações de intervenção ambiental porque traz as necessidades e anseios dos sujeitos envolvidos com as atividades econômicas, políticas e sociais realizadas no lugar analisado. Portanto, amplia a noção geográfica embasada somente em imagens e números, incorporando a experiência humana aos estudos ambientais. A memória destes antigos sujeitos fornece às gerações de hoje uma gama de informações úteis para reflexões sobre como a sociedade se desenvolveu e quais as necessidades sociais implicaram naquelas atitudes de manejo (hoje considerados) incorretos. Para Halbwachs (1990) as lembranças precisam ser pensadas a partir dos quadros sociais que antecedem os indivíduos, o que nos levará à consideração e sobre a relação de autonomia e dependência que existia entre os diversos níveis de construções coletivas. Este vínculo com outras épocas adquirido através da memória destes grupos sociais, representados pelos anciões, que carregam em si a consciência de tudo o que viveriam, traz alegria, conforto e propicia um momento para que estes sujeitos apresentem suas faculdades, suas competências, as quais nós temos que começar a valorizar. A vida do idoso ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.

Certamente precisamos das lembranças, dos esquecimentos e das saudades para vivermos. A memória nos lembra, nos constitui e nos leva para onde queremos ir.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História Oral: A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1989.

_____. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2005.

ALENCAR, E. 1993. *Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras*. In: Furtado, L., Leitão, W. e Mello, A. F. d. (org.). **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém, PA: MCT/CNPq/Museu Goeldi: 63-81.

ALEXANDRE, F., OLIVEIRA, S. F. *Fenomenologia e memória: novos aportes para a práxis em EA*. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental PPGEA/FURG**. Rio Grande, RS, v. 22, janeiro a julho de 2009.

ALMEIDA, R.C. *A memória dos idosos como instrumento de avaliação dos impactos da urbanização sobre os recursos hídricos*. In: FELICIDADE et al. **Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil**. São Paulo: Editora RIMA, 2001.

AMADO, J. & FERREIRA, M.M. *Apresentação*. IN: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Ática, 2000.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III: Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLESSMAN, E.J. *Corporeidade de envelhecimento*. **Revista Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento**. Porto Alegre, RS, v. 6, p. 21-39, 2004.

BORGES, M.C.M. *Idoso e as políticas públicas sociais no Brasil*. In: SIMSON, O.R.M., NERI, A.L.& CACHIONI, M (orgs). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Ed Alínea, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Dermatologia na Atenção Básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. **Censos Demográficos-IBGE** 1970/1980/1990/2000/2010. Rio de Janeiro, IBGE. Disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 19/10/2011.

BRASIL. Portaria 2528. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528%20aprova%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20da%20pessoa%20idosa.pdf>. Acesso em: 20/01/2012.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

CARNEIRO, M.B.S. Atos e Fatos da antiga Campos. Campos dos Goytacazes, RJ: UFF, 1985.

CARVALHO, E. B. *O mal-estar dos civilizados: ou como os agricultores lembram a floresta em Engenheiro Beltrão, Paraná*. **História Oral**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 127-143, 2005.

CARVALHO, A.M., TOTTI, M.E.F. *Dinâmica, organização e qualidade de vida da rede urbana*. In: CARVALHO, A.M., TOTTI, M.E.F. (orgs). **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia fluvial**. São Paulo: Edgar Blucher, 1981.

CHRISTOFOLETTI, A. *Impactos no meio ambiente ocasionados pela urbanização tropical*. In: SOUZA, M.A.A. et al (orgs). **Natureza e Sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

COSTA, S.A.P. *A poética do espaço*. **Revista do Centro de Estudo do Imaginário**. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/res9.html> Acesso em: 05/12/2011.

CRUZ, J.L.V. *Origem, natureza e persistência das desigualdades sociais no Norte Fluminense*. In: Carvalho, A.M., TOTTI, M.E.F. **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEAN, W. **A Ferro e Fogo: a História e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

DILTHEY, W. **A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas**. SP: Unesp, 2010.

FOSTER, J. K. **Memória**. Porto Alegre, RS: LP&M, 2011.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989

GUERRA, A.J.T., CUNHA, S.B.(orgs). **Geomorfologia:** uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

GUIMARÃES, E. **Reflexão sobre a velhice.** CES Revista. Juiz de Fora, MG. V. 5, p. 11-23, 2007. Disponível em: http://web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/cesrevista/edicoes/2007/reflexao_sobre_a_velhice.pdf Acesso em: 09/02/2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAMY, M. **As Camadas Ecológicas do Homem.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LE GOFF, J. *Memória.* In: **História e Memória.** Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LIFSCHITZ, J.A. Percursos de uma neocomunidade quilombola: entre a “modernidade” afro e a “tradição” pentecostal. **Afro-Ásia**, n.37, p 153-173, 2008. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/770/77013085006.pdf>

LOZANO, J.E.A. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea.* In: **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

MARTINS, M. L. **História e meio ambiente.** São Paulo: Annablume, 2007.

MARTINS, J.S. **A aparição do demônio na fábrica:** origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

MAUAD, Ana Maria, 2001. *Passado composto: palavras e imagens, a intertextualidade em história oral.* In: Antonio Torres Montenegro e Tânia Maria Fernandes (orgs.) **História oral: um espaço plural.** Recife, PE: editora Universitária- UFPE.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga.** Belo Horizonte, MG: Autentica, 2009.

NERI, A L; YASSUDA, M. S. *Apresentação.* In: NERI, A L; YASSUDA, M. S (orgs) CACHIONI, M (colab). **Velhice bem sucedida:** Aspectos afetivos e cognitivos. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

NERI, A L. *Palavras-chave em Gerontologia.* Campinas, SP: Ed. Alínea, 2008.

ONU – Organização das Nações Unidas. *A Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento.* Madri, Espanha: ONU, 2002.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. *A Filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 59-72. 1996.

PRADO, D.P. **A Figueira e o machado – Raízes de EA no sul do Brasil**: práticas educativas e militância ambiental na perspectiva do cronista Henrique Luiz Roessler. 2008. Tese de Doutorado (PPGEA/FURG)

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**: tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, H.S. **Campos**: Na taba dos Goytacazes. Niterói, RJ: Imprensa Oficial, 1988.

ROSARIO, C.C. *O lugar mítico da memória*. Morpheus : Revista Eletrônica em Ciências Humanas . Ano 01, número 01, 2002. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero01-2000/claudiarosario.htm> Acesso em: 01/12/2011.

SANTOS, R.F. **Planejamento ambiental**: teoria e prática. São Paulo: Oficina de textos, 2004.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: USP, 1997.

SERPA, I.V. *Vale de Histórias: O cotidiano da Imigração Italiana numa comunidade do Vale do Itajaí-Mirim. Um ensaio de micro-narrativa histórica*. **Esboços**. Florianópolis, SC, v. 4, n. 4, p. 55-63, jun./dez. 1996.

SOUZA, A. M. **Viagens e observações de um brasileiro**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.

SOUZA, P.M., PONCIANO, N.J. *O perfil da produção agrícola na região Norte Fluminense: uma análise das alterações ocorridas no período de 1970 a 2000*. In: Carvalho, A.M., TOTTI, M.E.F. **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VONNEGUT, K. **Matadouro 5**. Porto Alegre, RS: LP&M, 2005.

WIECZYNSKI, M. *Envelhecimento com cidadania – realidade ou utopia?* Disponível em: <http://www.portalsocialufsc.br/publicacao/envelhecimento.pdf> . Acesso em 20 de novembro 2011.

YUNES, M.A.M, SZYMANSKI, H. *Resiliência: Noções, conceitos, afins e considerações críticas*. In. TAVARES, J. **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre, RS: artes Médicas, 2001.

Filme:

Morangos Silvestres. Direção de Ingmar Bergman. Suécia, ABS Svensk Filmindustri. Vesátil Home Video, 1957. 95 min: em preto & branco, DVD.

ANEXO A



Observatório da Imprensa

Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito

Segunda-feira, 05 de Dezembro de 2011 | ISSN 1519-7670 - Ano 16 - nº 670

IMPrensa EM QUESTÃO

MONITOR CAMPISTA

O fim do jornal centenário



Apoio



FORD FOUNDATION

Por Ricardo André Vasconcelos

O encerramento das atividades do *Monitor Campista* não surpreende numa cidade [*Campos, RJ*] que despreza sua história como se dela tivesse vergonha. Vergonha de um passado construído com base na exploração da miséria e boa-fé de um povo outrora pioneiro e guerreiro.

Nada mais previsível para uma cidade que derrubou o Trianon – um dos mais belos teatros do Brasil – e pôs abaixo o Cine Don Marcelo e o Coliseu. O que esperar de uma gente que entrega aos cupins os belíssimos solares dos Ayrises e Visconde de Araruama, a Lira de Apollo e o Hotel Amazonas, apenas para citar alguns?

O fechamento do *Monitor Campista* está cercado de nebulosas transações e só o tempo poderá clarear uma eventual negociata urdida nas promíscuas relações público-privadas. Oficialmente o jornal está deixando de circular porque suas despesas superam as receitas, estas últimas combatidas com a retirada do Diário Oficial da Municipalidade após um século de publicação. Se houve insensibilidade dos atores envolvidos no processo que resultou neste desfecho, ou desinteresse dos donos do jornal (Diários Associados) em garantir o funcionamento a despeito dos prejuízos, são temas que não discuto. O que me move é a indignação com a passividade e conivência de uma cidade que caminha para o abismo. E se sabe disso, pouco se importa.

Reféns permanentes

Fecha o *Monitor Campista* porque governantes, empresários, representantes classistas, enfim, a sociedade optou por prescindir de uma mais voz, de mais um canal de expressão. Essa gente, que se convencionou chamar de "elite campista" é herdeira dos barões do café e do açúcar, aqueles que exploravam as riquezas e as gentes da planície para gozar dos prazeres da antiga capital do Império ou da Europa. Nada de novo sob o sol.

A elite remoçada substituiu a carruagem pelas caminhonetes cabines duplas e outros carros importados. Sofisticaram a exploração mas, pouco criativos, gozam dos prazeres nas mesmas plagas, além da paradisíaca Búzios, enquanto continuam exaurindo as riquezas e as gentes que sustentam suas futilidades. Aliás, não é à toa que é nas colunas sociais abundantes que se sentem "importantes" de verdade.

Fechar um jornal é mais do que calar uma voz ou um canal de expressão – por menos expressivo que ele possa parecer –, porque reduz as opções de diversidade de informações, opiniões, visões de mundo. Isso é mais grave numa cidade bipolarizada e onde as principais forças de mídia representam segmentos políticos distintos, mas são antagônicos apenas nos interesses de ocasião.

É um momento grave para a democracia. Sem exagero, o fechamento do *Monitor Campista* não representa apenas o desemprego de 45 profissionais. É mais que isso: sinaliza que a sociedade está se lixando para a coletividade e que cada um mira o próprio umbigo como se fosse o centro do mundo, sem nenhuma responsabilidade com os graves e antigos problemas sociais da comunidade. Fingem não perceber que corremos o risco de virar reféns permanentes das quadrilhas que se revezam na tarefa criminosa de privatizar os bens públicos para reparti-los entre aliados recrutados nos mais diferentes setores que dirigem a cidade.

Retrato da sociedade

Campos fica mais pobre na mesma proporção em que a minoria de sua elite enriquece materialmente – e talvez até por isso mesmo. Muito dinheiro aumenta a tentação desde os primórdios tempos e poucos, muito poucos a ela resistem. Mas é cômodo culpar apenas os grupos políticos siameses e momentaneamente em campos opostos. Eles são fruto do meio, são o resultado da química maldita de uma sociedade que fecha jornais, teatros, cinemas e renega a própria história por um inconfessável complexo de culpa. E quanto mais se esconde, mas afunda no massapê dos canaviais também em extinção.

Uma sociedade que fecha jornais é como aquela que começa queimando livros e acaba levando pessoas às fogueiras.

Com o objetivo de mobilizar os leitores e amigos do *Monitor Campista* contra o fechamento do jornal foi criado o [blog](#) da campanha "Viva Monitor". Você também pode assinar um abaixo-assinado online [aqui](#).

Carta pública aos Diários Associados

Nota do Sindicato dos Jornalistas do Rio, 12/11/2009

Diante do anúncio, por meio de nota publicada no *Monitor Campista* do dia 11/11/2009, de que os acionistas do Grupo Diários Associados discutirão em Assembleia em 23/11/2009 proposta de encerramento das atividades deste jornal, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio se fez presente em abaixo assinado solicitando especial atenção para a gravidade deste possível crime contra o patrimônio histórico campista e irreversível dano ao acesso a um jornalismo de qualidade.

Solicitamos de modo veemente que o Grupo Diários Associados reconsidere a proposta de fechamento do jornal, e se coloque de modo aberto para a sociedade campista no sentido de estudar meios para manter a sua circulação.

Um jornal de 175 anos não pertence mais somente a uma empresa. O *Monitor Campista* faz parte da história do jornalismo brasileiro e, particularmente, é de propriedade afetiva de todos os campistas, e também de todos os cidadãos fluminenses. Segue nota da Associação de Imprensa Campista (AIC) sobre a questão:

"A Associação de Imprensa Campista, entidade que neste ano de 2009 comemorou os seus 80 anos, manifesta grande preocupação em relação à nota publicada hoje (11/11/09) no jornal *Monitor Campista*, com convocação de assembléia de acionistas, para discutir a proposta de encerramento das atividades da publicação. Esta entidade entende nem ser necessário dizer, para os seus próprios donos, o tamanho da perda histórica e cultural que esta decisão representaria para o Brasil e, particularmente, para o Norte Fluminense.

Acreditando ser porta voz não apenas de jornalistas neste anseio, mas de toda a comunidade campista, a Associação solicita da direção dos Diários Associados um tratamento mais cauteloso em relação ao jornal campista, com a manutenção dos esforços pela superação da sua crise econômica.

Um jornal de quase duzentos anos, com credibilidade inatacável e patrimônio de todos os campistas, não pode desaparecer. Nos colocamos à disposição para qualquer diálogo que contribua para a manutenção do bravo *Monitor Campista*.
Campos dos Goytacazes, 11 de novembro de 2009

A Diretoria da Associação de Imprensa Campista

ANEXO B

Cardoso Moreira, a cidade no lugar errado

Erguido no leito do Rio Muriaé, município sofre constantemente com inundações; metade dos moradores estava desabrigada na semana passada

15 de janeiro de 2012 | 3h 04

FELIPE WERNECK , ENVIADO ESPECIAL , CARDOSO MOREIRA - O Estado de S.Paulo

"A gente é igual a sapo. Eu fui criada dentro d'água", disse a aposentada Jair Batista, de 82 anos, moradora de Cardoso Moreira, no noroeste fluminense. Erguida sobre o leito de cheia do Rio Muriaé, a cidade está condenada a inundações. A última, na semana passada, deixou metade dos 12,6 mil habitantes desabrigados ou desalojados.

Precavida, Jair abasteceu a despensa com comida, água e gás para esperar a enchente. Ela é uma privilegiada: mora em uma parte mais alta do município e não precisou deixar sua casa. No entanto, 80% de Cardoso Moreira está dentro do leito de cheia do Muriaé, segundo estudo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Cada morador tem uma história de enchente para contar. "É muito fácil culpar os céus, mas o que falta aqui é ação pública", reclamou o pastor da Assembleia de Deus Wagner da Cruz Vieira, de 36 anos, com um rodo na mão. Nas paredes do templo, a marca da água chegava a quase 2 metros. "A cidade precisa sair do leito do rio. A natureza vai retomar o que é dela. Nós é que estamos errados."

No distrito de Outeiro, soldados do Exército distribuía 4.500 litros de água. O temor de desabastecimento era grande. O pintor desempregado Edgar Durães, de 47 anos, garantiu o seu sustento e o de muita gente no rio que lhe tirou a casa. Ele carregava um balde com peixes e distribuía a amigos na parte baixa de Outeiro, ainda alagada uma semana após a inundação. A lavadeira Antônia Maria da Silva, de 59, abrigada em uma escola, ficou feliz da vida. "Garanti o almoço e a 'janta'."

Instalada no ponto mais alto de Outeiro, a Igreja de Santa Rita de Cássia virou refúgio para desabrigados. O desempregado Marcelo Silva da Penha, de 36 anos, cuidava da mãe, Maria Sebastiana Silva da Penha, de 70, no local. "Não deu tempo de trazer tudo de casa. Perdemos muita coisa. É isso praticamente todo ano", lamentou Penha.

O prefeito de Cardoso Moreira, Gilson Nunes Siqueira (PP), almoçou um prato feito com bombeiros e funcionários da Defesa Civil na quinta-feira. Ele afirmou ter a promessa do governo de investimentos de R\$ 200 milhões para a construção de barragens com o objetivo de controlar enchentes - a cifra corresponde a quatro vezes o orçamento anual do município. "Não temos condições de reconstruir a cidade. O governo federal tem de mandar verba." O prefeito descartou a transferência de moradores. "Isso é impossível. O povo não aceita. O município acaba." Segundo ele, a cheia "é vagarosa" e "dá tempo de tirar as coisas" das casas. Siqueira está no terceiro mandato e é o quinto prefeito de Cardoso Moreira desde a emancipação de Campos. A cidade tem sua economia baseada na agricultura e na pecuária leiteira e rendimento médio domiciliar per capita de R\$ 429.

Em Três Vendas, distrito de Campos próximo de Outeiro, casas continuavam submersas uma semana após o rompimento de um trecho da BR-356 que funcionava

como dique. Dezenas de famílias se recusavam a deixar o local, temendo saques, e dormiam nas lajes, aparentemente alheias aos riscos de contaminação.

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **OUVIR CONTAR: A MEMÓRIA DOS IDOSOS NA ANÁLISE DE IMPACTOS E COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Pesquisador Responsável: Rafael de Souza Dias

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (*informar o problema específico da pesquisa*) é (*descreva de forma breve os motivos e a importância, etc.*) _____ . A pesquisa se justifica (*justifique de forma breve a justificativa da pesquisa*). O objetivo desse projeto é (coloque o seu principal objetivo) _____. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: (*explicitar como serão coletados os dados: entrevistas, questionários, etc., e a frequência que o(s) participante(s) será/serão requisitados*).

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)**PARTICIPANTE:**

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) _____

dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: _____/_____/_____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

ANEXO D

Roteiro para pré-entrevista

- Nome
- Idade
- Escolaridade
- Profissões exercidas ao longo da vida?
- Onde o Sr(a) nasceu?
- Em que momento se mudou para o município (caso não tenha nascido lá)?
- Como era a sua casa? Quantos cômodos? Quantas pessoas viviam ali?
- Com qual idade começou a trabalhar? O que fazia?
- Extensão aproximada da propriedade da família e o que era cultivado?
- Quantas horas por dia trabalhavam?
- Havia muitas casas no local onde morava? Os moradores mantinham contato entre si?
- Que melhorias foram introduzidas na cidade após a emancipação?
- Que mudanças ruins ocorreram após a emancipação?

ANEXO E

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Rafael de Souza Dias

DEPOENTE E SUA FAMILIA

O que é a velhice para o (a) Senhor (a)?

Vamos começar a nossa conversa perguntando o seu nome todo, quando e onde nasceu e o nome de seus pais.

Onde eles nasceram? Que idade tinha seu pai e sua mãe quando o (a) Sr (a) nasceu? E quando morreram?

Qual era a ocupação de seus pais?

O (a) Sr (a) tem irmãos? Pode dizer o nome deles?

A CASA

Quantos anos o (a) Sr (a) morou na casa onde nasceu?

Como era a casa onde passou a sua infância? (pedir para descrever quantos cômodos, o material de que era feita, se era própria ou alugada, etc.)

E depois, foi morar onde?

O (a) Sr (a) pode descrever um dia comum na sua infância, do momento em que acordava até a hora de se deitar para dormir?

Havia diferença entre as estações?

Quais eram as brincadeiras? Com quem brincava?

Vamos conversar um pouco sobre a rotina da casa. (ajudava na arrumação ou na limpeza da casa? De onde vinha a água para a limpeza? E para beber? A água tinha algum tratamento? A respeito da roupa, era feita em casa ou comprada? Consertadas? Sobre as refeições o que se comia todo dia? E aos domingos? Quem cozinhava? Onde se buscava o combustível para o fogão? Que bichos tinham por lá? Seus pais cultivavam alguma coisa? Faziam melhorias na casa? Quais?)

O(a) sr(a). conheceu seus avós? Lembra deles? Eles contavam histórias? Lembra de algumas?

Quem cuidava das crianças? Alguém de fora ajudava?

Quais foram os principais problemas de saúde que o sr. e seus familiares tiveram?

Como se lidava com estes problemas?

Lembra de morte na família? E de nascimento? E casamento?

Como era a relação com os seus pais?

O que eles esperavam de si quando se tornasse adulto?

Levavam para visitar amigos ou parentes?

O que a religião significou para o (a) Sr (a) quando criança?

O TRABALHO

Quando começou a trabalhar? O que fazia?

Em que momento da vida começou a trabalhar por conta própria? De que tirava o sustento? Já tinha família?

O (a) Sr (a) pode descrever um dia de trabalho, do começo ao fim da jornada?

Descreva as atividades que mencionou.

Trabalhava sozinho ou com outros? Quem participava?

Pode falar de épocas de fartura e de prejuízo e os motivos disso?

Havia criação de animais? Lembra de doenças que os afetaram?

Como se lidava com a água compartilhada por todos?

Lembra de tragédias acontecidas na cidade?

Política

Havia muitas casas no local onde morava? Os moradores mantinham contato entre si?

Quais eram os meios de transporte na época da infância? Quanto tempo se levava da casa ao centro da cidade?

O que se ia fazer no centro da cidade?

Quem eram os moradores do centro nesta época?

Vamos falar um pouco das principais festas da cidade.

O (a) Sr (a) lembra quando chegou a energia elétrica na cidade? E em sua casa? O que mudou?

Estamos falando da cidade: como eram escolhidos os candidatos ao governo municipal? E as eleições? Poderia citar o nome de alguns prefeitos?

Que melhorias foram introduzidas na cidade no período de sua vida adulta?

O (a) Sr (a) se interessava por política?

FINALIZAÇÃO

O que é a velhice para o (a) senhor (a)?

Gostaria que o(a) sr(a) indicasse nomes de pessoas que nós pudéssemos procurar para falar dos assuntos que conversamos. Se possível um parente, um amigo (compadre) e um vizinho.

Uma última pergunta: o(a) sr(a). lembra de algum acontecimento diferente ou mesmo fantástico que tenha presenciado?

ANEXO F

AMARO FIGUEIRA DA SILVA

Rafael: Hoje são 27 de julho de 2011. São 9:30 da manhã. Nós estamos em Bananal, Cardoso Moreira, para conversar com o senhor Amaro.

Amaro: Isso.

Rafael: Senhor. Amaro, vou começar perguntando qual o nome, a data e o local de nascimento dos seus pais.

Amaro: Ih, agora! Agora você me pegou...

Rafael: Não tem problema se o senhor não souber responder. Me diga o nome deles então.

Amaro: Minha mãe chamava Maria da Conceição Figueira da Silva. Meu pai era Antonio José Antero da Silva. Minha. Minha mãe tinha o mesmo nome da minha avó.

Rafael: E eu tenho o mesmo nome do meu avô.

Amaro: Ih, sobrenome não lembro, não. Mas sei que era Maria da Conceição e Amaro.

Rafael: Por parte de pai ou por parte de mãe?

Amaro: Como?

Rafael: Digo, eram os pais do seu pai ou eram os pais da sua mãe?

Amaro: ... Minha avó chamava Maria. Era mãe da minha mãe Maria. Meu avô era pai do meu pai.

Rafael: Então a Dona Maria, sua avó, era casada com quem?

Amaro: Com avó Augusto. É. Ele era português.

Rafael: Português! E avó Maria?

Amaro: Minha vó era índia.

Rafael: Índia?

Amaro: Isso. Minha vó... Meu vô laçou a minha vó. É. Ela tava... Meu pai que contava isso. Meu vô... Minha vó, tava na beira do rio lavando roupa. E meu vô via ela lavando roupa quando ia cuidar das vaca. E toda vez ele ficava olhando a minha vó. Lavando roupa, junto com as outras índias. (risos).

Rafael: E como foi que ele a laçou?

Amaro: Um dia ela foi sozinha no rio e ele laçou. Jogou a corda nela. Laçou.

Rafael: Mas ela não se machucou?

Amaro: Ah, deve de ter machucado, né? Naquele tempo era assim, ué.

Rafael: De qual tribo era sua avó?

Amaro: Goitacá. O sobrenome dela era Goitacá. Camopí.

Rafael: Como?

Amaro: Goitacá Camopí.

Rafael: Esse era o sobrenome dela então?

Amaro: Vesse! Lembrei do sobrenome dela.

Rafael: Tá vendo só! (risos). O senhor não tem uma fotografia da sua avó?

Amaro: Não tenho. Nem sei com ela era. Num lembro. Mas meu irmão, mais velho, lembra.

Rafael: Quantos irmãos o senhor tem?

Amaro: 3.

Rafael: Mais velhos que o Senhor?

Amaro: Não. Tem um mais novo.

Rafael: Todos homens?

Amaro: Não, uma menina. Filó.

Rafael: Voltando a falar dos seus avós. O que aconteceu depois que ele a laçou?

Amaro: Ah, ele levou ela pra casa, né? Depois eles voltaram lá e ela ficou com ele.

Rafael: Voltaram onde?

Amaro: Ela voltou em casa. Pra casa dela. E pediu pra ficar com ele.

Rafael: Desculpe, não entendi. Ela pediu aos pais pra ficar com o seu avô?

Amaro: É, né?

Rafael: E eles deixaram.

Amaro: É. Ia fazer o quê?

Rafael: Então ela gostou dele?

Amaro: É. E nunca mais voltou.

Rafael: Nunca mais foi ver os pais?

Amaro: Nunca mais.

Rafael: E os pais da sua avó moravam onde? Na floresta?

Amaro: É. Na mata.

Rafael: Quando foi isso, o Senhor sabe dizer? Em que época, em ano?

Amaro: Ah, faz muito tempo. Tem que procurar pra saber. Não sei, não.

Rafael: E onde foi isso? Aqui em Cardoso Moreira?

Amaro: Em Campos. Lá em Campos.

Rafael: Mas aqui também era Campos naquela época, porque Cardoso só se emancipou em 89.

Amaro: Aqui sempre foi Cardoso. Mas fazia... era Campos. Fazia parte.

Rafael: Sim. O Senhor. Sabe em que região de Campos isso aconteceu?

Amaro: Não sei, não.

Rafael: Então eles se casaram e tiveram seus pais. Quer dizer, tiveram sua mãe.

Amaro: Isso.

Rafael: Só ela?

Amaro: Tiveram 4 filhos.

Rafael: Sim e sua mãe nasceu onde?

Amaro: Nasceu em casa.

Rafael: Em que cidade...

Amaro: Em Campos.

Rafael: Em que ano ela nasceu?

Amaro: ... Olha... Isso eu não vou lembrar...
(interrompidos pelo afilhado)

Rafael: O Senhor. Sabe quando ela morreu?

Amaro: ...

Rafael: Em que ano?

Amaro: Em 1993.

Rafael: Quantos anos ela tinha?

Amaro: 74.

Rafael: Então depois eu faço a conta e descubro para o senhor o ano em que ela nasceu.

Amaro: Tá.

Rafael: E os seus avós por parte de pai. Vamos começar pela sua avó, mãe do seu pai. Ela era brasileira, portuguesa...

Amaro: ... Ela era brasileira.

Rafael: E seu avô?

Amaro: Meu avô também.

Rafael: O senhor sabe em quê eles trabalhavam?

Amaro: Na roça. Tinham sítio. Eles compraram um terreno que tá até hoje lá.

Rafael: O terreno existe?

Amaro: Existe!

Rafael: Mas existe no nome de vocês?

Amaro: Ah, ninguém vai lá.

Rafael: Mas vocês têm escritura do terreno?

Amaro: Olha, eu nunca vi. A gente cuida pra ninguém invadir.

Rafael: Entendo. Onde fica esse terreno?

Amaro: Lá pra cima!

Rafael: E mora alguém lá?

Amaro: Não. Tá vazio. Não mora lá, não.

Rafael: E o que eles plantavam no terreno?

Amaro: Café, arroz... Feijão... fava... milho.

Rafael: Bois?

Amaro: Tinha umas vaquinhas.

Rafael: Galinhas eles tinham?

Amaro: Sim! Galinha, pato, marreco. Ovo, né?

Rafael: E carne!

Amaro: É. Ovo e leite.

Rafael: E o que eles faziam com esse café, esse milho?

Amaro: Vendia né? Eu lembro que meus pais guardavam o arroz, o feijão.

Rafael: Seus pais guardavam o arroz e o feijão?

Amaro: Sim. E café eles também guardavam, mas botava um pouco pra vender.

Rafael: Então eles plantavam pra comer e pra vender?

Amaro: É.

Rafael: E o leite e os ovos?

Amaro: Leite vendia também. Ovo comia.

Rafael: E pra quem eles vendiam o leite?

Amaro: Vinha gente lá de Campos. Num caminhão.

Rafael: Mas agora nós já estamos falando dos seus pais. Isso quer dizer que seus pais foram morar no sítio que era dos seus avós.

Amaro: ...É. Eles foram pra lá... Eles casaram e foram morar lá. Mas não sei dizer se... Se foi...

Rafael: Então eles foram pra lá e continuaram produzindo a mesma coisa dos seus avós? A mesma coisa que seus avós plantavam? E também as vacas e os ovos?

Amaro: É. Tô contando da minha mãe e pai.

Rafael: Ok. Eu queria saber então quando foi que o senhor nasceu... Dia, mês e ano.

Amaro: Eu nasci em... 21 de abril de 1936.

Rafael: Onde foi que o senhor nasceu?

Amaro: Nasci em casa. Tudo aqui nascia em casa.

Rafael: Em qual cidade?

Amaro: Em Cardoso.

Rafael: Em Bananal?

Amaro: No Bananal.

Rafael: E em casa.

Amaro: Em casa.

Rafael: Foi um médico que fez o parto?

Amaro: Era parteira. Naquele tempo não tinha médico. Era parteira, que vinha e tirava a criança.

Rafael: Como era o nome dessa parteira?

Amaro: Greice. Ela fez tudo de parto por aqui.

Rafael: Era ela que fazia os partos?

Amaro: Sim. Ela que fez o parto de tudo que era criança aqui.

Rafael: E como era a sua casa, o senhor lembra? A casa onde o senhor morava quando era bem pequenininho.

Amaro: ...

Rafael: O chão, o teto...

Amaro: Ah, era uma casa grande.

Rafael: Quantos cômodos, senhor lembra?

Amaro: ...

Rafael: Como era a cozinha?

Amaro: Era grande. Tinha um fogão de lenha. Naquele tempo era só lenha. Não tinha gás, não.

Rafael: Sim. E a sua mãe cozinhava ali?

Amaro: Sim, tinha que cozinhar, né?

Rafael: Ela cozinhava sozinha ou alguém ajudava?

Amaro: Tinha que ajudar, né? Descascar um milho, pegar feijão.

Rafael: E ela era boa cozinheira?

Amaro: Ah, era. Comida cheirosa...

Rafael: É mesmo? Era cheirosa a comida dela?

Amaro: Era! Fazia galinha, arroz.

Rafael: Qual era a comida de vocês do dia-a-dia?

Amaro: Ah, era arroz, feijão, galinha... galinha com batata... Tomate. Essas coisas.

Rafael: E tinha data especial? Assim, Natal, Ano novo, Páscoa?

Amaro: Ah, sim! Tinha muitas. Vinham uns parentes.

Rafael: Que parentes?

Amaro: Uns primos. Tem vez que os irmãos vinham também.

Rafael: E aí se fazia algo especial?

Amaro: Muita comida! Matava porco, galinha.

Rafael: E de onde vinham esses parentes?

Amaro: De Itaperuna.

Rafael: E...

Amaro: De Campos também.

Rafael: E a sua casa ficava cheia!

Amaro: Ih! Deitava todo mundo no chão, dormia na sala (risos).

Rafael: E a sala era grande?

Amaro: Não. Era pequenininha.

Rafael: E cabia todo mundo?

Amaro: Cabia!

Rafael: E quantos quartos tinham nessa casa?

Amaro: Dois.

Rafael: Dois. E...

Amaro: Não, três.

Rafael: E de quem eram esses quartos?

Amaro: Um da minha mãe. E do meu pai. Os outros eram dos meninos.

Rafael: O senhor tinha o seu quarto?

Amaro: Era nosso, né? Dormia todo mundo junto. Os três.

Rafael: Tá mas e a sua irmã? Como era mesmo o nome dela?

Amaro: Filomena... Mas a gente chama ela de Filó. Até hoje é Filó... Oh, Filó, vai buscar água na cacimba. Aí ia lá a Filó, pegava o balde...

Rafael: Onde a sua irmã dormia? O senhor falou que eram 4 filhos.

Amaro: Ela dormia com a minha mãe?

Rafael: Então o outro quarto... Você dormia com seus irmãos. A sua irmã, a Filó, dormia com seus pais... O outro quarto da casa?

Amaro: Servia pra guardar... Retalho, esteira...

Rafael: Ninguém dormia lá?

Amaro: Não.

Rafael: Então sua casa era grande?

Amaro: Era grande... Não era muito grande não, mas nós se misturava...

Rafael: O senhor se dava bem com seus irmãos?

Amaro: ...

Rafael: Vocês eram amigos, brincavam juntos?

Amaro: Sim. Tinha vizinho também. E uns primo.

Rafael: Mas você gostava dos seus irmãos?

Amaro: Gostava, né.

Rafael: E brincavam também com a sua irmã?

Amaro: Ah, brincava... Mas era brincadeira de menino. Às vezes ela tinha que trabalhar. Minha mãe botava ela pra trabalhar, pra ela não brincar.

Rafael: Por quê a sua mãe botava ela pra trabalhar?

Amaro: Porque era...

Rafael: Ela não podia brincar?

Amaro: Ela podia, mas... às vezes era brincadeira de menino. Nós ia pro mato.

Rafael: Ela tinha medo de deixar sua irmã com os meninos?

Amaro: É.

Rafael: E você só brincavam o dia todo?

Amaro: Ah, brincava muito.

Rafael: E seus pai trabalhava na terra?

Amaro: É. Mas nós ajudava muito. É... Em época de colheita, ia todos os filho pra roça.

Rafael: E o que vocês faziam na roça?

Amaro: Trabalhava... Capinava... Tirava, né?

Rafael: Colhia?

Amaro: Isso. Fazia a... a colheita.

Rafael: A sua irmã também?

Amaro: Às vezes. Ela e mamãe.

Rafael: E vocês estudavam?

Amaro: Não.

Rafael: nenhum de seus irmãos ia pra escola?

Amaro: Só depois de grandinho que eu fui. Tinha uma professora perto e dava aula pra nós.

Rafael: Então quando o senhor era pequeno, não ia pra escola?

Amaro: Não. Só depois de grande.

Rafael: Com quantos anos o senhor foi pra escola?

Amaro: Com 14 anos.

Rafael: Com 14. E até aí, até entrar na escola o senhor. Não sabia ler?
(Interrupção)

Amaro: Não. Sabia sim. Minha mãe ensinou pra nós. Só meu irmão mais novinho que num tinha idade ainda. Mas ele era esperto.

Rafael: Então sua mãe sabia ler? Ela tinha estudado?

Amaro: Não. Minha avó que ensinou pra ela.

Rafael: Sua avó índia?

Amaro: Isso. E os outros parente também.

Rafael: Entendo. E não tinha escola por aqui?

Amaro: Tinha essa professora. Dona Chica. Francisca. A gente chamava de Chica.

Rafael: E como era a da Dona Chica?

Amaro: Era boa! Levava nós pra casa dela. Casa bonita, arrumada. Botava todo mundo na mesa. Limpinha... Cheirosa.

Rafael: Cheirosa a Dona Chica?

Amaro: Sim. Cheirosa.

Rafael: Que cheiro tinha a Dona Chica?

Amaro: Cheiro de flor...

Rafael: E era boa?

Amaro: Era boa. Todas as crianças respeitava... A Dona Chica.

Rafael: E quantas crianças iam na casa dela?

Amaro: Muitas.

Rafael: É mesmo? Quantas, o senhor lembra?

Amaro: ... Umas 8, 9...

Rafael: Tinha muita criança lá perto de onde vocês moravam?

Amaro: Muita criança.

Rafael: E todas tinham aula com a Dona Chica?

Amaro: Não.

Rafael: Por quê?

Amaro: Porque pai num deixava, né?

Rafael: Por que não deixavam?

Amaro: Porque... tinha que trabalhar. Uns num gostavam da Dona Chica.

Rafael: Não gostavam?

Amaro: Não. Diziam que ela não valia... não prestava pra nada.

Rafael: Mas ela ensinava vocês.

Amaro: Você vê.

Rafael: E quando vocês começaram a ficar grandinhos, continuaram brincando, estudando, trabalhando...

Amaro: Sim.

Rafael: E quais eram os trabalhos que vocês faziam?

Amaro: ...

Rafael: Assim, deixa eu perguntar novamente. Nessa época, em que vocês estudavam com a Dona Chica. 14, 15 anos...

Amaro: Sim.

Rafael: Vocês brincavam de quê?

Amaro: Ah, mesma coisa de sempre, né? Brincava no mato, jogava bola. Subia em árvore...

Rafael: Vocês moravam perto do valão?

Amaro: Morava! Tomava banho no valão!

Rafael: É mesmo?

Amaro: É! Olha, ia todo mundo pro valão. Dia de sol, ia todo mundo lá.

Rafael: E dava pra tomar banho?

Amaro: Dava!

Rafael: E tinha peixe?

Amaro: Tinha!

Rafael: Quais peixes tinham lá?

Amaro: Ah, tinha muito cachimbau! Tinha piaba... barrigudinho... mussum... Traíra tinha no açude.

Rafael: Tinha açude ali perto?

Amaro: Tinha. Tinha açude.

Rafael: E vocês usavam essa água do valão, do açude?

Amaro: Usava. Pra tomar banho, pra boi.

Rafael: Tinha muita água lá?

Amaro: Tinha. Tinha cacimba pra beber.

Rafael: A água de beber vinha da cacimba?

Amaro: Sim. Até hoje.

Rafael: Até hoje a água da cacimba as pessoas bebem?

Amaro: Sim.

Rafael: E tomam banho no valão também?

Amaro: ... Não.

Rafael: Por quê?

Amaro: Porque tá sujo, né? Cocô.

Rafael: É mesmo?

Amaro: (risos) Pode falar cocô?

Rafael: Pode.

Amaro: (risos) Tá.

Rafael: (risos) Então ninguém mais toma banho porque a água tá suja.

Amaro: É. Mas no meu tempo não tinha. Era bom. Tinha água. Tinha uma ponte e nós passava debaixo da ponte. No valão, debaixo da ponte. Ia de uma lado pro outro debaixo da ponte.

Rafael: Era fundo?

Amaro: Não, era rasilho...

Rafael: E quando chovia, ficava mais cheio?

Amaro: Quando chovia era uma beleza! Enchia tudo! Ia pro arrozal, ficava tudo cheio de água. Nós tomava banho ali mesmo, no arrozal.

Rafael: E o senhor se lembra de algum acidente nessa época? Ali no rio... Ali no valão...

Amaro: Acidente?

Rafael: É. Alguma coisa que tenha acontecido com alguém. Alguém se machucar...

Amaro: Olha, minha irmã caiu no valão uma vez. Começou a afogar. Mas tava raso, foi susto.

Rafael: E que bichos tinha ali, perto da sua casa?

Amaro: Tinha cobra! Na roça tinha cobra.

Rafael: É mesmo? E picou alguém?

Amaro: Nunca, graças a Deus. Mas meu pai já pisou em cobra. Minha irmã pisou numa jibóia.

Rafael: Numa jibóia?

Amaro: É. Deu um pulo, correu pra casa e chamou meu irmão pra matar.

Rafael: E seu irmão fez o quê, matou a jibóia?

Amaro: Matou. Meteu uma enxada nela e matou.

Rafael: O que mais tinha lá?

Amaro: Tinha muito sapo. Muito passarinho. E dez em quando o povo via saci.

Rafael: Saci? O senhor já viu saci?

Amaro: (risos) Eu não. Mas já escutei. O povo falava que era saci.

Rafael: Escutou o quê?

Amaro: O assovio. De noite ele assoviava. Minha mãe botava todo mundo pra dentro e nós ficava quietinho...

Rafael: O senhor. Tinha medo?

Amaro: Ah, claro. Todo mundo tinha medo.

Rafael: Tinha luz elétrica lá?

Amaro: Não. Era tudo escuro. E quando tinha saci nós nem ligava o lampião. Porque era lampião naquela época, tinha luz não.

Rafael: E o que vocês faziam quando escurecia?

Amaro: Nós ia pra cama. Ia cedo.

Rafael: E acordava que horas no outro dia?

Amaro: Ah, acordava cedinho. Quando começava a...

Rafael: clarear.

Amaro: Isso. Aí levantava.

Rafael: E quando levantava ia fazer o quê?

Amaro: Ah, uma porção de coisas, né? Ia tirar leite... das vacas, né? ... Levava o leite na porteira, pro caminhão da cooperativa pegar.

Rafael: Ah, era uma cooperativa, então?

Amaro: Era.

Rafael: De onde? Daqui mesmo de Cardoso?

Amaro: Não. Era de Campos. Vinha de Italva, rodeava por lá, saía lá em Cardoso e ia pra Campos.

Rafael: E todo mundo aqui vendia leite?

Amaro: É. Quem tinha né.

Rafael: E era somente uma cooperativa que fazia esse trabalho?

Amaro: É. Passava de manhã.

Rafael: E depois de entregar o leite na porteira?

Amaro: Aí nós ia um pouco pra roça, né? Ajudar papai... Na plantação. Ia fazer ferramenta... essas coisas.

Rafael: Vocês freqüentavam a igreja?

Amaro: Todo mundo aqui ia na igreja.

Rafael: Todo mundo quem?

Amaro: Todo mundo aqui das redondezas.

Rafael: E qual igreja?

Amaro: Do Padre Davi.

Rafael: Católica?

Amaro: É. Todo mundo era católico aqui.

Rafael: E ia muito na igreja?

Amaro: Não dava pra ir todo dia, porque é longe.

Rafael: E como vocês iam?

Amaro: De charrete. De cavalo, puxando a charrete. Uns iam de bicicleta.

Rafael: Quanto tempo levava daqui na igreja de charrete.

Amaro: Uma hora. Dependendo do trans... Do trânsito, não. Dependendo da estrada. Ia devagarzinho, se tivesse chovido.

Rafael: Se tivesse lama, buraco, tinha que ir devagar.

Amaro: É. Mas se tivesse muito sol não dava pra ir. Como é que vai daqui até lá com o sol batendo no rosto. Periga passar mal. Domingo de tarde, não dava.

Rafael: Claro. E falando em sol e chuva, existia período de seca aqui?

Amaro: Rapaz, existir existia. Em dezembro e janeiro ficava muito quente, mas chovia também muito.

Rafael: Era calor com chuva?

Amaro: É. Em julho é menos calor e menos chuva.

Rafael: E nessa época, julho, agosto...

Amaro: Rapaz, olha... Não ficava como tá hoje, não. Pode ver que tá tudo seco aí.

Tem jeito mais não. O negócio é rezar. Pedir a Deus.

Rafael: O senhor diz que na sua época não era assim?

Amaro: Não era não. Fazia estiagem, mas dava pra ter água nas nascentes.

Rafael: Como assim nascentes?

Amaro: Nascentezinhas. A gente furava o chão perto das nascentes.

Rafael: Mas a água escorria por cima da terra?

Amaro: Por cima. Mas era em baixo, né? Tinha que cavar.

Rafael: E como vocês encontravam essa nascente?

Amaro: Ah, encontrando.

Rafael: Vocês sabiam onde furar pra encontrar água.

Amaro: Sabia! A gente da roça sabia de muita coisa.

Rafael: E sabem mesmo! Como eu disse pro senhor, eu visitei a minha vida inteira essa região. Escorreguei muito com cachopa de côco pelos morros de Bananal. O senhor riu. Fazia isso também?

Amaro: Claro! Que criança não fazia? Teve uma vez que subiu eu e umas outras crianças em cima de uma cachopa grande e descemos o morro, rolando, caindo lá de cima do morro, abaixo.

Rafael: Vocês caíram da cachopa?

Amaro: Nós saímos da cachopa e descemos o morro rolando! Ralamos tudo! Descemos com a bunda no morro.

Rafael: E tinha muito coqueiro no seu sítio?

Amaro: Tinha! Nos morros sempre tinha e lá em casa fazia doce!

Rafael: Que delícia! Adoro doce de côco. Sua mãe quem fazia?

Amaro: Minha mãe e minha irmã. Minha irmã ralava o côco. Nós também dávamos uma ajuda.

Rafael: Era a família inteira reunida pra fazer doce de côco.

Amaro: Era uma beleza! Levava quase meio dia pra fazer tudo, porque tinha que ralar na mão, né? E nós que fazíamos o ralador.

Rafael: É mesmo? Como?

Amaro: Não tinha liquidificador, porque não tinha luz lá. Então a gente pegava uma lata de goiabada vazia, furava com uns pregos na parte de dentro e fazia um ralador.

Rafael: Eu me lembro disso! Acho que minha avó fazia também.

Amaro: Todo mundo fazia isso.

Rafael: Mas o senhor nessa época era pequeno? Quantos anos tinha?

Amaro: Não! Era grandinho já. Tinha uns 15 anos, 16... Pra mexer nessas coisas de cozinha tinha que ser grande. Era perigoso. Fogão de lenha.

Rafael: E o senhor nessa época já namorava?

Amaro: Já! Ah, eu gostava muito de uma moça, chamada Selma. Mas a mãe dela era brava, não dava.

Rafael: E o senhor namorou essa Selma?

Amaro: Não. Eu queria. Mas a mãe dela era brava, não deixava as meninas sozinhas. Depois de um tempo elas foram embora.

Rafael: E aí?

Amaro: Aí eu conheci a Rosamaria.

Rafael: Rosamaria!

Amaro: É. E casei com ela, né?

Rafael: Sim, aquela da foto.

Amaro: Isso! E ela morreu. Mas quando eu conheci a Rosamaria, não gostava mais da Selma, não. Tinha desistido já.

Rafael: Pensei que ela tivesse ido embora.

Amaro: Não, ela foi depois. Eu lembro dela indo. Veio um tio buscar elas de carro. Ela tava bonita. Era bonita aquela mulata.

Rafael: Ela tinha irmã?

Amaro: Tinha. Mais nova que ela. Era só as duas.

Rafael: Mas a Rosamaria não ficou com ciúme?

Amaro: Hein? Não. Ela chegou e a outra foi.

Rafael: E como foi o namoro de vocês.

Amaro: Namoro? Durou 7 anos! Fui casar com ela quando eu tinha 22 anos.

Rafael: Então deve ter se casado em 1958.

Amaro: Por aí.

Rafael: E quantos anos ela tinha?

Amaro: 24.

Rafael: E como foi o casamento?

Amaro: Foi na igreja.

Rafael: Em Cardoso?

Amaro: É.

Rafael: E tinha muita gente?

Amaro: Ih, muita gente! Depois teve festa na roça. Muita gente. Vestido de noiva.

Rafael: Ela estava com vestido de noiva? Tava bonita?

Amaro: Vestido de noiva. Moça virgem.

Rafael: Casou virgem.

Amaro: (risos) [silêncio, com um sorriso] É, o povo... a mãe dizia...

Rafael: Ué, mas o senhor acha que não era?

Amaro: (risos) Olha, eu sei que não era, porque... (risos) Porque nós tivemos... Antes de casar...

Rafael: Vocês tiveram uma relação antes do casamento.

Amaro: (risos) Pois é.

Rafael: (risos) Entendi. Mas não contaram pra ninguém.

Amaro: Não podia contar, né?

Rafael: Então ela casou virgem.

Amaro: Casou (risos).

Rafael: E as moças aqui casavam virgens?

Amaro: (risos) É, né?

Rafael: (risos) Entendi, senhor Amaro.

Amaro: Não podia falar muito. Hoje em dia vocês falam, mas naquele tempo não podia falar. Mas ninguém era virgem, não. Que fosse com égua, mula.

Rafael: Tinham sexo com animais?

Amaro: Alguns tinha. Mas eu prefiro não falar.

Rafael: Ok, não tem problema.

Amaro: Porque parece que é crime.

Rafael: E vocês tiveram filhos.

Amaro: Sim, três. Mas um morreu.

Rafael: Morreu de quê?

Amaro: Nasceu morto.

Rafael: Nossa. Mas a sua mulher ficou bem?

Amaro: Bem. Foi o primeiro, mas logo veio o segundo. Que hoje é o primeiro.

Rafael: Quanto tempo depois veio esse?

Amaro: 1 ano depois.

Rafael: Um nasceu morto e aí um ano depois veio o outro?

Amaro: Isso.

Rafael: E quando foi?

Amaro: Foi logo depois de casados. Casamos, ela engravidou. Aí nasceu morto.

Rafael: O senhor sabe o ano de nascimento desse filho?

Amaro: Do vivo ou do morto?

Rafael: Dos dois.

Amaro: Não sei.

Rafael: Nem do vivo.

Amaro: Não.

Rafael: E a idade dele?

Amaro: Ih, rapaz. Não sei dizer. Mas é mais de 50. Eu fui no aniversário de 50 anos dele, no Rio.

Rafael: Ele mora no Rio?

Amaro: Mora. Eu vou pra lá também. Mês que vem.

Rafael: O senhor tá indo embora então?

Amaro: Tô. Não dá pra focar sozinho mais.

Rafael: O senhor não se sente bem aqui, sozinho.

Amaro: Ah, não. Se precisar de socorro, quem me ajuda?

Rafael: E o senhor vai morar com seu filho?

Amaro: Vou. Ele tá arrumando um cantinho pra mim.

Rafael: Ele é casado?

Amaro: É. Mas eu não vou morar na casa dele. Vou morar do lado.

Rafael: Entendi.

Amaro: Acabou?

Rafael: Prefere parar por aqui?

Amaro: É... Não sei... Você que sabe...

Rafael: Tá. Volto amanhã pra ver as fotos, pode ser?

Amaro: Pode.

Dia seguinte:

Rafael: Hoje é dia 28 de julho e nós vamos continuar, então, a entrevista com o senhor Amaro. Amaro, nós falamos da sua infância e agora entramos no seu casamento. O senhor se casou com 22 anos, teve 3 filhos, sendo que um nasceu morto. Nessa época do casamento o senhor trabalhava com o quê?

Amaro: Trabalhava com leite.

Rafael: Era pecuarista.

Amaro: Isso. Assim que chama.

Rafael: Quantas vacas o senhor tinha?

Amaro: 6

Rafael: 6 vacas de leite?

Amaro: 6.

Rafael: E criava no seu sítio?

Amaro: É.

Rafael: Tinha espaço para 6 vacas?

Amaro: Tinha! Até pra mais. Mas eram só 6. Tinha o curral, pra tirar leite, pra dormir. Cedinho acordava, tirava leite, depois soltava. De tardinha pegava de novo, porque de manhã elas tinham que estar no curral.

Rafael: Elas dormiam no curral?

Amaro: É. Porque se dormisse lá fora, como a gente ia pegar pra trazer e tirar o leite e levar pro caminhão?

Rafael: Entendi. E durante o dia elas ficavam soltas.

Amaro: É.

Rafael: E não fugiam?

Amaro: Era tudo cerca. Às vezes tinha umas que entravam na mata e depois não voltava. Ia ficando escurinho e tinha que entrar na mata pra pegar a vaca.

Rafael: Tinha uma mata, então?

Amaro: Tinha!

Rafael: Era grande.

Amaro: Era grande, mas foi acabando, acabando...

Rafael: Acabando por quê?

Amaro: Porque cortava. Tinha que cortar pra dar espaço pra vaca.

Rafael: E o que faziam com a madeira da mata?

Amaro: Lenha. Usava no fogão. Fazia tronqueira. Era lenha nossa.

Rafael: E nessa época, Amaro, não parecia ninguém pra falar sobre o corte das árvores?

Amaro: Não. Porque era nossa, né? Você pode fazer o que quiser com o seu terreno. Ele é seu.

Rafael: Eu perguntei porque hoje existem umas leis que impedem o desmatamento sem controle.

Amaro: Mas eu não concordo com isso. Se é seu, você pode cortar.

Rafael: Mas e se todos pensarem assim? Não vamos acabar com as matas?

Amaro: É. Mas eu não acho justo proibir de cortar. Porque onde vamos criar as vacas?

Rafael: Eu entendo o seu ponto de vista. Mas naquele tempo não aparecia ninguém?

Amaro: Não. Porque veja, eu não posso entrar na sua casa e dizer o que você não pode fazer, certo?

Rafael: Mas se eu sei que o senhor está deixando o seu gás de cozinha vazar e se isso representar um risco pra mim, eu preciso te denunciar.

Amaro: Mas que risco o corte traz pro governo?

Rafael: Isso que eu ia te perguntar. O que o corte dessa mata trouxe de ruim pro terreno de vocês?

Amaro: Trouxe que não tinha mais árvore.

Rafael: As árvores foram acabando?

Amaro: É.

Rafael: Eu entendo o que o senhor diz sobre isso. Eu estou aqui exatamente pra te ouvir e entender o seu ponto de vista.

Amaro: Não vamos brigar.

Rafael: Não, não vamos. Uma coisa que eu queria saber do senhor é se os seus filhos também nasceram de parto natural, com a parteira.

Amaro: Não. O primeiro, quando começou a nascer, eu fui pra estrada e peguei uma carona. Nasceu morto no hospital.

Rafael: E o segundo?

Amaro: Esse foi no hospital. Rosamaria ficou 3 dias na casa de uma conhecida. Depois foi pro hospital e ficou dois dias lá até nascer.

Rafael: E depois que ele nasceu ela foi pra onde?

Amaro: Ficou uns dias na cidade e depois veio pro Bananal.

Rafael: E como era cuidar de uma criança no Bananal?

Amaro: Como era? Era difícil.

Rafael: Tô perguntando porque não tinha luz, não tinha estrada boa, água. Acho que não tinha esgoto.

Amaro: Tinha não. Era difícil, mas a gente criava os filhos assim. Com a ajuda de Deus. Com cuidado.

Rafael: Quantos anos depois do primeiro veio o segundo?

Amaro: Logo depois. Nem dois anos depois.

Rafael: Era rápido entre um filho e outro.

Amaro: Era rápido.

Rafael: E esse também foi no hospital?

Amaro: Foi igualzinho. Ela foi pra cidade e depois pro hospital.

Rafael: E foi tudo bem no parto?

Amaro: Foi.

Rafael: E por que não veio o terceiro?

Amaro: Porque ela operou. Falou pra enfermeira: “agora chega”. E chegou mesmo. Se não, teria outro e mais outro.

Rafael: E não tinha prevenção? Não tinha como evitar?

Amaro: Tinha umas lavagens que faziam depois, mas não sei bem como era não. Sei que depois... as moças faziam uma lavagem. Mas não sei não.

Rafael: Pra não engravidar?

Amaro: É. E não pegava barriga.

Rafael: E no que o senhor trabalhava na época do nascimento dos filhos?

Amaro: Na terra mesmo. Continuei na terra.

Rafael: Tinha cana por aqui?

Amaro: Tinha mais lá pra cima. Na parte de baixo, tinha cana. Mas foi acabando também. O pessoal começou a plantar arroz e a cana foi sumindo.

Rafael: Eles começaram a plantar arroz onde era a cana?

Amaro: É. Terra boa, né? E tinha o valão que quando enchia molhava tudo.

Rafael: Sim! Eu lembro do arroz. Não lembro da cana. Em 1988, mais ou menos, tinha bastante arroz.

Amaro: Sim e café teve também. Mas depois acabou tudo.

Rafael: Por que acabou o café?

Amaro: Porque foi acabando. Não dava mais pra vender. Ninguém comprava mais. E café é assim, você planta e vende. Não é que nem o arroz, que você come. Café, ninguém vive de café. Ninguém tá com fome e bebe café. Mas arroz dá.

Rafael: Mas como vendiam o café antes?

Amaro: Seco.

Rafael: Vendia seco?

Amaro: Era. Secava e vendia as sacas.

Rafael: E dava um bom dinheiro?

Amaro: Pra quem plantava não dava muito. Mas dizem que dava pra quem comprava.

Rafael: Vocês vendiam pra quem? Quem passava comprando, era uma cooperativa? Era um fabricante?

Amaro: Era um atravessador.

Rafael: Hum! Tinha atravessador no café também.

Amaro: Tinha em tudo! (risos)

Rafael: Em tudo o quê?

Amaro: Ah, já teve laranja também. Eu não trabalhava com laranja, mas na laranja também tinha.

Rafael: E vocês secavam esse café no sítio e vendiam. Como negociavam o preço?

Amaro: Pela colheita. Dez quilos de café maduro dava 3 quilos de café seco. E vendia o saco fechado.

Rafael: Me ensina a colher café?

Amaro: Não pode ser do chão. Tem que ser na caçamba de palha ou na peneira. E tem que estar maduro. Não pode estar verde.

Rafael: Que tipo de café vocês plantavam?

Amaro: Conilon.

Rafael: E o senhor lembra de alguma safra que tenha sido muito ruim?

Amaro: Já deu praga e nós perdemos tudinho.

Rafael: É mesmo? E como resolveram a praga?

Amaro: Botando remédio, era o único jeito.

Rafael: Veneno? Agrotóxico?

Amaro: É, agrotóxico. Mas não tinha jeito.

Rafael: E resolvia?

Amaro: Resolvia, mas o café não ficava bom. Dava pouco café.

Rafael: Mas o senhor então além das vacas tinha café?

Amaro: Tinha uns pezinhos. Eu vendia junto com meu cumpadre. Cada um plantava um pouquinho e vendia.

Rafael: E seus filhos quando foram crescendo cuidaram da terra junto com o senhor?

Amaro: Meus filhos? Sim. Mas a Rosa queria que eles estudassem mais. Então tinha aquela escolhinha ali e eles foram. Mas depois parou.

Rafael: A escolinha do Bananal!

Amaro: Era. Agora parece que eles abriram de novo.

Rafael: Sim, eu vou visitar!

Amaro: Isso.

Rafael: O senhor gostaria de ir comigo?

Amaro: Ah, não. Obrigado.

Rafael: E os seus filhos estudaram até qual idade?

Amaro: Esse meu filho mais velho estudo até os 15 anos, lá em Cardoso. Depois foi embora pra Campos.

Rafael: E foi morar com quem?

Amaro: Com a tia, irmã da Rosa. Ele se formou. Fez o ginásio. Agora tá morando no Rio

Rafael: E o outro?

Amaro: O outro mora lá em Campos.

Rafael: Fez o ginásio também?

Amaro: Fez. Mas esse trabalhou comigo até grandinho. Era muito carinhoso com a mãe. Só depois de grande é que foi embora, mas sempre visitava. O mais velho não. Vinha poucas vezes. Mas o mais novo vinha sempre aqui visitar.

Rafael: E vocês ficaram morando sozinhos? Você e Rosamaria?

Amaro: É. Até ela morrer. Aí fiquei eu só.

Rafael: E vocês moravam na outra casa?

Amaro: Isso. Mais lá pra cima. Depois nós viemos pra cá, porque tem luz.

Rafael: Como foi que ela morreu, o senhor pode contar.

Amaro: Ela adoeceu. Ela teve um... um infarto.

Rafael: Em casa?

Amaro: Em casa.

Rafael: Aqui?

Amaro: Foi. Tava vendo televisão aí no sofá. Deu um soluço e ficou sentada no sofá. Mas não morreu na hora.

Rafael: O que o senhor fez.

Amaro: Sorte que eu tava em casa. Chamei um carro ali no seu Antonio e fomos pro posto. De lá levaram ela pra Campos e ela ainda ficou 3 dias até morrer.

Rafael: Vocês se davam bem?

Amaro: Muito! Ela era muito boa pra mim. E eu pra ela também, né? Marido tem que ser assim.

Rafael: Quando foi que ela morreu?

Amaro: Em 2009.

Rafael: Faz pouco tempo então.

Amaro: Faz.

Rafael: Aqui já era Cardoso, já era município.

Amaro: Já. Virou município em 1989.

Rafael: E o senhor acha que foi uma mudança boa pra cidade.

Amaro: Ah, foi. Porque quando era Campos não era Cardoso. Eu era cardosense, mas era campista. Agora eu sou cardosense só.

Rafael: E quais mudanças o senhor acha que essa emancipação trouxe?

Amaro: Mudou pra melhor. Agora tem luz até lá em cima no Bananal. A estrada melhorou. Vê, agora tem o leite. O tanque de leite.

Rafael: O que é que poderia melhorar na cidade?

Amaro: Tá bom do jeito que tá.

Rafael: Não precisa mudar nada.

Amaro: Mais emprego pro pessoal. Mais escolas. Mais ajuda pro pessoal.

Rafael: O senhor vai morar no Rio. Vai sentir saudade de Cardoso?

Amaro: Ah, vou. Já to com saudade. Não sei quando vou voltar aqui de novo. Quero voltar.

Dia 15 de agosto de 2011

Rafael: Amaro, o senhor falou na outra vez sobre uma tal Dona Chica, que ensinava vocês. Ela morava com quem?

Amaro: Morava sozinha.

Rafael: O que houve com ela?

Amaro: Ah, ela foi embora. Depois de uns tempos ela foi embora. Ninguém teve notícia dela.

Rafael: Era comum morrerem crianças aqui?

Amaro: Morrer? Não.

Rafael: E adoecerem?

Amaro: Ah, sim. Criança tem muito problema de saúde, né?

Rafael: E que tipo de doenças tinham? Ou melhor, que tipo de doença o senhor teve?

Amaro: Tive sarampo. Febre. Quando era criança, fiquei inchado. Por causa da barriga d'água.

Rafael: É mesmo?

Amaro:É. Mas foi rápido, fui no médico e passou logo.

Rafael: E o senhor lembra o que ele te deu?

Amaro: Não lembro. Deve ter dado injeção. Remédio.

Rafael: Doía?

Amaro: Olha, não lembro direito. Era muito novinho. Minha mãe que contava da barriga d'água.

Rafael: E quais outras doenças?

Amaro: Não lembro.

Rafael: Problemas nas mãos, nos pés, na pele?

Amaro: Frieira e bicho-de-pé! Olha, era triste!

Rafael: Era ruim? Doía?

Amaro: Coçava. E só arrancava furando com agulha e tirando ele. Doía!

Rafael: O senhor andava muito descalço?

Amaro: Vivia descalço. Calçado era só pra ir na igreja.

Rafael: Então vocês pisavam muito em fezes de animais. Galinha, porco...

Amaro: Era.

Rafael: E como era o banheiro de vocês?

Amaro: Era afastadinho. Depois meu pai fez um banheiro dentro de casa.

Rafael: E pra onde ia o esgoto?

Amaro: Tinha esgoto não. Ia pra fossa.

Rafael: Mas a fossa não enchia?

Amaro: Enchia. Aí construía outro banheiro. Desmanchava aquele e fazia outro.

Rafael: Mas e o banheiro dentro de casa? Como fez quando construíram o banheiro na casa?

Amaro: Isso eu não vou saber dizer, não. Mas esgoto não tinha. Até hoje não deve ter.

DIMEA CARVALHO DE SOUZA

(As entrevistas apresentadas foram feitas durante as saídas de campo)

12 de agosto de 2011 - Visita ao riacho dos índios Puris e acampamento do MST (estavam presentes: Edgar, Dimea, Tiago, Rafael)

Dimea: Tem nada mais lindo do que água.

Edgar: Os pesquisadores dizem que aqui era um lugar de encontro dos índios. Porque muitos dos caminhos dos córregos, os índios que faziam. Então uma curva, para água descer mais lenta, para eles lavarem suas coisas....

Dimea: É pra isso, né? Porque aí ela chega ali e dá uma paradinha.

Edgar: Ali pra frente tem mais córregos.

Dimea: Quanto mais ela ficar paradinha, melhor. Aí os bichos vem beber água...

Rafael: Quais índios viviam aqui?

Edgar: Eu não sei preciar não, mas no site da prefeitura tem. Vou pesquisar pra você.

Rafael: Vou olhar no site também.

Tiago: Pisou na poça, vó?

Dimea: Eu tô acostumada a pular valão. Não tem sapinho aqui, nem barrigudo. Tem que trazer uns barrigudos pra cá.

Edgar: Água limpinha, né? Clarinha...

Dimea: E ela não é muito salobra, não. Ela é boa, dá pra beber.

Tiago: Bebeu vó?

Dimea: Claro! É limpinha! Não tem esgoto aqui, não. Não tem bosta de gente, aqui não. Pode beber. Aqui, bota a mão, olha. Adoro água, fui criada em valão.

Por aqui.

Edgar: Esse lado de cá já é um assentamento. Esse lado de cá é uma fazenda particular.

Dimea: E de fazenda, virou Fazendinha?

Edgar: É.

Dimea: Como é que se chama essa árvore aqui? Era Monjolo...

Edgar: É Monjolo mesmo.

Dimea: Tá vendo, Rafael.
(...) Aqui tem cerca de arame.

Edgar: É divisa.
(...)
Aquele córrego, vai sair aqui.
(...)
Tem uma figueira aqui, centenária.

Rafael: Nossa!

Neto: Cararro!

Dimea: Aqui já derrubaram a cerca.

Neto: Olha a grossura da árvore, vó!

Dimea: ãnh! (Surpresa) Que árvore é essa?

Neto: Figueira!

Dimea: Vê se consegue subir! Ou vai te calejar?

Tiago: Taí.

Dimea: Tá faltando barrigudo aí!

Rafael: Não, aqui tem.

Dimea: Tem barrigudo? Olha tem barrigudo. Parece que nem é barrigudo,
né?
Diferente. Parece que é piabinha, né?

Rafael: É, deve ser.

Tiago: Entrando por aqui sai lá naquela trilha?

Edgar: Sai mais é... muito fechada a mata.

Dimea: Acho que não tem só barrigudo não. Tem mais peixinhos...

Tiago: Quer tirar uma foto?

Dimea: Se for tirar uma foto eles escondem, não?

Rafael: Minha nossa, que peixe grande!

Edgar: Tem peixes maiores aqui.

Dimea: Tem piabinha lá no fundo. Olha lá. Tem comida aí dentro sobrando. Essas folhinhas que caem aí. Tem tudo que eles precisam. Dá pra filmar o peixinho maior, Rafael?

Edgar: Acho que não. Eles não gostam da luz, porque queima os olhos.

Dimea: Não pra pular pro outro lado? Sujei meu pé. Tá vendo, parece que ele não vai pro rio, mas à prestação ele chega lá, limpinho!

12 de agosto de 2011 - Revendo fotos com Carminha (estavam presentes: Dimea, Tiago, Carminha, Rafael)

Dimea: Casamento de quem essa aqui?

Carminha: Não sei, não tô vendo.

Dimea: Uma noiva, com duas crianças.

Carminha: Deve ser Marilza, de Demar.

Dimea: Ah, é branquinha. Olha, Zezinho. É Zezinho. Vou mostrar pra Rafael onde a gente brincava. Aqui é Marizainha e Deoclécio. As meninas... Carminha e João... E quem tá do lado? Deixa ver se conheço... Tem um moreno do lado, mas não conheço, não.

Carminha: Deixa eu ver.

Dimea: Deixa ela ver, Tiago.

Tiago: Acho que é vovô.

Dimea: Vou perguntar de novo. Quem é essa menininha de vestidinho e chapéu rosa?

Carminha: Ou é Zilma ou é...

Dimea: Filha de Deoclécio.

Carminha: Carminha

Dimea: Eles vieram esse ano aqui?

Carminha: Não, esse ano não vieram, não.

Dimea: E você com esse bebezinho é o batizado de Tião? Jesus Cristo, imagine um quadro com essa foto!

Rafael: Essa aqui é quem?

Dimea: Carminha, no batizado de Tião. Era assim, uma camisola que usava.

Tiago: Quem é essa daqui, vó?

Dimea: É a garotinha de chapéu rosa.

Carminha: Filha de Deoclécio.

Dimea: Filha de Deoclécio. Parente de vocês que nunca viram! Esse aqui também é parente de João Terceiro.

Tiago: Ela tá grandona?

Carminha: Tá casada!

Dimea: Tá casada! São uns amores. E esse nenezinho morrendo de rir?

Carminha: O que é isso, eu não tô vendo daqui!

Dimea: Um bebezinho assim, no sofá, assim, rindo. (risos) Vou te matar de curiosidade (risos).

Carminha: Reginaldo de Deca!

Dimea: Deca é irmã de Janga e Zé é irmão de Isaque. O bebê tá rindo, mas tá lindo! Tá lindo né menina. Ele riu de graça! Gente Carminha e a criançada dela! Olha isso aqui. Tudo pequetinho. Olha como o filho de Catarina parece com Tião quando era pequeno.

Rafael: Eu tô vendo uma de Tião aqui.

Dimea: Olha como Tião parece com o filho de Catarina. (...)Esse aqui é Selmo. Sentado no sofá, é Selmo. Selmo é o que mais parece que é da família de vovô Benedito. (...) Esse aqui é meu bebezinho... Essa aí eu vou fazer. (...) Ih, caramba! Uma criança loira e um bebezinho chorando! Esgoelando! (...) Essa aqui eu não conheço. Acho que é aquela mulher que morreu, com uma criança no colo. (...) Essa aqui eu gosto, olha. João Terceiro e as meninas. Era quem que tinha pavor das meninas? Era Cristiano. Vê se você conhece esse homem aqui? Ele ficou assustado e me perguntou: "não são bruxas, não?". Eu falei: "Que Bruxa, o quê, menino. São boazinhas". Gente, os filhos de Carminha tudo pequenininho. A melhor coisa pra criar filho é assim, igual pintinho! (...) Olha aqui, a calça de Reginaldo tá mais azul do que a blusa. Porque ela torceu... Ele tava mijado e ela vestiu de novo pra tirar a foto. Vocês fecham o olho pra ver?

Rafael: Eu fecho. Tiago falou: "não precisa botar o dedo no outro olho não. Mas eu não consigo ver se não fechar um olho!"

Dimea: Olha, vai num oculista.

Rafael: Mas é porque eu não consigo ficar só com um olho fechado, eu acabo apertando os dois. Então, eu coloco a mão na frente do esquerdo.

Dimea: Mas olha como é que eu vejo sem fechar? Se a gente fizer um quadro dessa foto de Reginaldo e dar de presente pra ele, ele vai gostar. Ele bebê, né? Esse aqui é Tião e Jonza. Já viu esse? Acho que não. De novo a menina de vestido rosinha. Você falou que é filho de quem? É um menino e uma menina?

Tiago: E esse aqui é casamento de quem?

Dimea: De Silma. (...) Aqui é Selmo. E esse aqui que tem um menininho e uma menininha de macacãozinho amarelinho. Esse aqui eu gosto demais! A gente já brigou muito na infância. Mas tem muita gente da família que eu não conheço. E essa aqui de vermelhinho e chapeuzinho de crochê?

(...) Esse aqui, Rafael, é Pedro, Clementino, Antonio...

Rafael: Quando vocês nasceram, vocês foram morar onde?

Carminha: Hã?

Rafael: Onde vocês foram morar lá?

Carminha: Onde eu nasci? Eu nasci lá no alto do Jenipapo.

Rafael: Aí vocês foram morar onde?

Carminha: Aí de lá, a gente veio pro Brejinho. Do Brejinho, pro Bananal. Mas no Bananal lá em cima. E dali agente veio pro lugar que você conheceu.

Rafael: Lá em cima?

Carminha: Lá no Tira-Choco. E foi descendo pra ali e dali fiquei ali mesmo. Quando eu fui morar ali embaixo eu já tinha Maria. Casei e morei lá perto da minha mãe um tempo.

13 de agosto de 2011 - Conversa Dimea (estavam: Dimea, Tiago, Rafael)

Dimea: Senhor **I.B** botou um armazém e vendia pro pessoal da Leopoldina fiado. Eles entraram e tomaram posse de Cardoso. E aí proibiram aquelas danças que os africanos tinham, aquelas danças de rua. Proibiram aquilo. Fizeram o clube dos brancos e clube dos brancos e o clube dos pretos. Você não entrava no clube dos brancos! Tivesse cabelo ruim, meio mulatinho, não entrava no clube deles. Mas os brancos podiam entrar no clube dos pretos.

Rafael: E onde ficavam esses clubes?

Dimea: Era ali na Beira-Rio. Quando chegava no carnaval tinha o bloco dos pretos e o bloco dos brancos. Tinha os Assed, que era uns turcos que não tinham preconceito e lutavam contra. Tinha José Assed e Abadias Assed. E tinha o Chiquito, que investia no clube dos pretos. E o bloco ficava mais bonito, porque tinha os escravos, mostravam os senhores batendo. E no bloco dos brancos tinha só as princesas. Aí essa briga de preto com branco deu uma vida pra cidade. E era tudo assim: se tivesse futebol era branco pra lá e preto pra cá.

Rafael: A senhora lembra bem disso?

Dimea: Lembro!

Rafael: Então quando foi?

Dimea: Ih, não é antigo não! Nos anos 70 ainda tinha o clube dos pretos. Nós viemos em Cardoso, na festa. E a Mida disse: "vamos no clube dos pretos?". E aí tinha um rapazinho junto que perguntou: "Que clube dos pretos é esse?". Aí Mida: "É aqui tem clube dos brancos e clube dos pretos". Aí ele: "Eu, hein! O que é isso gente!?". Anos 70... E fomos no clube dos pretos. Era uma bagunça danada. Os pobres estavam todos lá, era bom demais. Mas hoje você não vê nenhum preto em Cardoso não. Eles foram saindo daqui e não voltaram mais. Os turcos chegaram varrendo. nem pra empregados deles serviam. Vocês chegava num comércio de turco e não tinha nenhum funcionário preto. Nem pra empregado de casa. Se fizesse coisa errada eles diziam: "Você fez crioulice, hein".

Rafael: Eles foram saindo da cidade então? Os negros.

Dimea: Quando saiu Búzios, quando começaram a construção, os homens iam e deixavam a esposa aqui. Depois elas iam. Foram indo, indo... Muita gente saiu de Cardoso pra trabalhar na construção de Búzios. Aí os brancos voltavam pra cá, às vezes. Mas os pretos, não. Estavam num lugar onde todo mundo tratava bem. Ia voltar pra cá? as pessoas batiam nas costas: "Fala aí, crioulo". E eu era criança e pensava: "Que engraçado, preto chora!". Porque de vez em quando faziam zombaria com eles e descia aquela água do olho, de escorrer, de pingar. E eu só via preto fazer isso. "E pensava: "Preto também chora". Devia chorar mais do que brancos. Meu sogro, quando casei, ainda falava assim: "Uma negra é uma negra, não é uma moça". Quando meu netinho nasceu, meu sogro falou: "Tão bonitinho, pena que é preto". Falou ainda. Por isso que a morte existe, porque se essa gente durasse ia tudo pra cadeia. Mas agora não tem mais branco. Tá tudo misturado já. Cardoso ficou muito tempo fora... Aqui, o pessoal começou a saber que a escravidão tinha acabado e dizia "Quero ver o que esses negros vão fazer agora". E aí é claro que eles não apanhavam amis, mas continuavam sendo escravos das fazendas. Trabalhavam por comida.

Tiago: Porque chama Cardoso?

Dimea: O homem era Cardoso Moreira.

Tiago: Ele morreu?

Dimea: Morreu. Era dele isso aqui tudo. "Onde você vai?" "Ah, eu vou lá no Cardoso". Mas ele foi vendendo, vendeu para os Belieni.

Rafael: Era Cardoso até por volta de 1890. Mas antes tinha um outro nome. Era Taquarassu. Aí até a década de 30 se chamou Porto de Braga. Porque tinha um porto ali perto da ponte. Não, acho que era onde se batiza.

Dimea: Onde batiza! Eu andei naquelas barcas. Tinha a ponte e tinha as barcas. Eu andei nas barcas ainda. Tinha gente que não passava pela ponte.

Tiago: Tem barca ainda?

Dimea: Não, mas poderia ter. Mas o rio tá sem água...

Rafael: Pois é, nós fomos perto do rio, na pinguela, chegamos a molhar os pés. No meio do rio tem um monte de areia, lama.

Dimea: Mas antigamente era pedra! A gente dizia, quando a maré tava baixa, que o rio estava de "costela de fora". Agora não, agora é areia e lama da erosão.

Rafael: É agora, não daria pra atravessar de barca. Dá pra atravessar a pé!

Dimea: A gente pegava um coador velho e ia pro rio. Debaixo das pedras tinha camarão! A gente pegava o camarão num coador. Tirava a pedra e botava o coador. E pegava o camarão. Agora não tem. Até cachimbau tá acabando, porque cachimbau se escondia na oca das pedras. Se Cardoso Moreira pegar firme, daqui uns 20 anos o rio começa a limpar de novo. É um tantão de árvore que tem que plantar na beira desse rio pra fazer efeito.

Rafael: Porque esse rio é muito largo, muito grande, né?

Dimea: Tem que desapropriar e plantar árvores, de folhas grandes, de sombra, de frutinhas. De flores. Se você plantar, daqui 6 anos já estão grandes as árvores. Sem falar nas folhinhas que vão caindo e adubando. Ah, mas o ser humano é muito ganancioso.

Tiago: Eu vi um monte de coisas, o tanque de leite...

Dimea: Ah, o tanque!

Rafael: É, porque antigamente eles traziam um caminhão cheio de galões de leite.

Dimea: Era pra perto do cemitério.

Rafael: Agora não, eles levam lá pra escola, colocam no tanque e o caminhão vai lá e traz de uma vez só.

Dimea: É.

Rafael: Tipo um caminhão pipa, né? Ele falou que pode ficar 4 horas no latão antigo, mas no tanque agora pode ficar até 30 dias no tanque.

Dimea: Mas eles levam pro tanque naquele latão antigo, né?

Rafael: Isso. E as pessoas podem continuar trabalhando no campo. Isso é bom.

Dimea: Mas em Cardoso não tem mais nada pra você trabalhar.

Rafael: Quem falou isso hoje à tarde, foi a filha de Fátima. Ela disse "não tem emprego aqui. A gente cresce e tem que ir embora". Então ela só vem de vez em quando.

Dimea: Eu mesma quando via que minhas roupas, meus sapatos estavam acabado, eu ia pro Rio. Trabalhava lá uns 3, 4 meses e quando já tinha sapato, roupa, pra durar mais tempo eu voltava.

Rafael: E trabalhava no quê lá?

Dimea: Em casa de família. Trabalhava e morava lá. E lá você ganha dinheiro, ganha comida, ganha a dormida, não é difamado. Aqui qualquer pessoa que trabalha em casa de família era visto como cachorra. E aqui ninguém sabia o que a gente tava fazendo lá, só sabia que tava viajando. Trabalhei na Urca, no Rio Comprido, depois na Praça Saes Peña. Nossa, muito bom! Apartamento, tudo limpinho. Muito bom. Aqui tinha até preconceito contra empregada. Outra cosia que não gostava aqui é esse preconceito. "Ah, mataram uma mulher ali" "Ah, não é ninguém não. Deve ser uma piranha". Era assim que falavam.

13 de agosto de 2011 - Caminhando em direção à casa de Carminha (estavam presentes: Dimea, Tiago, Carminha, Rafael)

Rafael: E vocês usavam essa água pra quê?

Dimea: A do valão?

Rafael: É.

Dimea: Plantava arroz, tinha o poço de água doce, pra beber. Do valão, papai tinha vacas. Mas tinha uma bomba... **Z.C.**, não. Botou vaca em tudo, destruía tudo. Eu morava lá, quando deu uma chuva, abriu um buracão e a vaca caiu dentro do buraco. Tinha um tabual, ali perto de onde tia Zeca morava. Vinha da mata, um

chorumezinho. Aí cresceu um tabual. Aí um dia veio uma chuva e arrastou aquele tabual todinho. Tapou o brejo. Sumiu a água. Aí foi sumindo a água. Tiraram a mata, o tabual desceu com tudo.

Rafael: Um dia desses eu tava lendo uma pesquisa sobre o Valão dos Pires.

Dimea: Sim, lá em cima.

Rafael: E aí tava falando da Folia de Reis.

Dimea: Ainda tem lá, né?

Rafael: Parece que tem. Aqui tinha também antigamente?

Dimea: Marido de Carminha era um folião.

Rafael: E era lá no Bananal?

Dimea: Era, mas o homem levou pra Cabo Frio. Aí o marido dela saiu. Aqueles cantos de Cabo Frio, né? Valão do Pires tem, né. Em Minas Gerais também tem muito. Você viu como é?

Rafael: Não.

Dimea: Superstição, tem que andar de costas.

13 de agosto de 2011 - Na casa de Carminha (Estavam presentes: Dimea, Tiago, Carminha, Rafael)

Carminha: Tem 3 poços que foram entupidos. Lá onde um casal morreu afogado.

Rafael: Como eles aterraram?

Dimea: E qual foi o motivo?

Carminha: Pra colher mais 3 sacos de arroz. Mas tem um poço ali que ninguém consegue entupir. Tenta entupir com a máquina, né?

Rafael: Pra quê?

Carminha: Pra colher mais vagem. Naquela época, plantava arroz e tinha que colher. Eles entopem e depois de 2 ou 3 anos ele abre de novo sozinho. Aquele não fica entupido. Mas nisso que entope o poço a nascente fica lá embaixo. Mas tem um poço que foi fechado sozinho. Desceu barro do morro e fechou.

Dimea: Mas se fizer um replantio na beirada do morro, quando chover, a água vai bater com mais vagareza e não vai arrancar barro mais.

Carminha: Agora aquele lado ali que está desmatado, era tudo cafezal! Do outro lado, aquilo era canavial. Tudo canavial! Café era canelon (conillon)! E foi morrendo, porque ninguém mais cuidava.

Dimea: Bom é o Java! Sabe pra quê se usa canelon? Canelon é barato. Baratinho. Eles usam nas plantações, sabe pra quê? Bota assim: 1 Java e 1 canelon. Aí o café é bom. Quando é canelon puro, é esse café mais barato, que a gente compra mais barato.

Carminha: Café Pilão eu acho que é puro Java.

Dimea: Pilão é Java. Quem nunca plantou café, diz que "Pilão é café e os outros são misturados com pau e outras coisas". Eu digo, "não gente, é canelon. Canelon é fraco. tem outro sabor". Quer ver café bom? Colhe ele bem maduro! Ou colhe de vez, dá uma cozinhada, soca no pilão e bota no sol. Aí quando tá sequinho, soca no pilão e soca. Café cozido.

Carminha: Eu já cozinhei tanto café, que não quero nem saber mais! (risos)

Rafael: risos

Dimea: risos

Carminha: Só de você falar já me deu agonia.

Dimea: Ih, se eu chegar num lugar que eu possa fazer isso tudo, vou ficar que nem eu tô hoje, dolorida.

Rafael: E aquele acidente que teve com aquele caminhão, carregando cana. Era cana de lá de cima?

Dimea: É. eles colheram lá no Sebastião Nunes e depois foram colher lá em cima. E naquilo que eles foram fazer a volta na estrada nova... A gente fala estrada nova, porque antigamente a estrada não era ali. Não sei se você sabe onde tinha um pé de caju. Passava no pé de caju. Veio correndo muito o caminhão. Três homens em cima.

Carminha: Não eles foram desviar do falecido... esqueci... O cavalo espantou o motorista que se assustou...

Rafael: Morreu alguém?

Dimea: Morreram 3 pessoas.

Rafael: Só três pessoas que estavam em cima?

Carminha: Não, tinha mais.

Dimea: Tinha né, o filho de Zé pequeno, né? Que não morreu na hora. Botaram ele lá no chão, mas daí a pouco... Mas João de Bernarda furou a barriga de um lado pra outro.

Carminha: De Vicente! O João ficou daqui pra cima pra fora e daqui pra baixo sufocado na cana. Não tinha como tirar.

Dimea: Só sei que o marido de Carminha ficou arrasado. Ele viu o caminhão virar, foi de dia. Era mais cedo um pouquinho

Carminha: Era 11:30.

Dimea: Era, antes do almoço. Foi na frente da casa de Dona Eulália. Ela era rezadeira. E a mãe dela tinha aquela erisipela. E ela dizia, "na frente da minha casa morreu meu neto". E ela reclamava. Tenho uma saudade de Sebastião Zacarias. Pra mim ele é imortal. Ele dizia, "Dona Eulália, a senhora tá chorando. A senhora sabe do que vai morrer? A senhora não tá livre de morrer de acidente. As pessoas nascem e morrem de alguma coisa. Chegou a hora dele." Eu vi Dona Alice morrer, menina! Ela chegou do hospital. Tinha uma varanda assim. Ela chegou do hospital, sentou num banco assim e morreu. Morreu numa alegria, de ter chegado em casa! Coisa boa de morrer assim. Ela merecia. Era uma mulher boa. Quem morre assim não sofre.

Rafael: E quando foi isso?

Carminha: Ah, Catarina era pequena!

Dimea: Isso!

Rafael: O ano, não sabem?

Carminha: Não sei. Mas ela era miudinha!

14 de agosto de 2011 - Visita ao vinhático (estavam presentes: Dimea, Tiago, Mauricio Zanon, Rafael)

Maurício: Esse aqui já é o córrego do Vinhático. O valão Vinhático.

Dimea: O verdadeiro Vinhático é esse aqui. Aqui as crianças tomavam muito banho aqui! Era um poço de água! Era fundo. Tinha muita água.

Maurício: Olha como está o assoreamento. Não tem nem como fazer mais tabuleiro de arroz aqui.

Dimea: Gente, que coisa horrorosa!

Maurício: Esta estrada estava horrível, na outra vez que vim.

Maurício: Olha os pontos de voçoroca. Na outra vez que eu vim, eu parei aqui. Daqui pra lá não deu pra ir.

Dimea: Não para aí, vai direto.

Maurício: Daqui pra lá, não sei como está.

Dimea: Tem estrada. tem buraco, mas tem estrada.

Maurício: Isso aqui é erosão, olha!

Dimea: Sabe o que era isso aqui? Era um campo de bola. Era reto, bonito. Essa casinha ali que meu pai morreu dentro dela.

Maurício: Nessa casa aí não tem ninguém mais não.

Dimea: Tem, minha prima!

Maurício: Não mora ninguém aí.

Dimea: Eu sei, mas é da minha prima. Se eu falasse pra ela que viria, ela está estaria aí!

Rafael: Quem?

Dimea: Evacy, ué!

Maurício: Daqui pra lá, não dá pra ir de carro.

Dimea: Se você não aguentar andar tudo, você volta e depois nós chamamos um taxi.

Maurício: É muito longe ainda?

Dimea: É longe! Meu pai, morreu aqui. Morava aqui. Aí invadiram aqui... Aqui morava Chico Machado. Minha irmã falou que tinha desmanchado a casa, mas ela tá ali! A casa de Chico Machado foi vendida primeiro. Olha aqui, tá descendo uma água. Tem uma nascente aqui.

Maurício: Mas a nascente dele mesmo é lá na frente.

Dimea: É lá naquele morro! Você nem vai aguentar chegar lá.

Maurício: Tá louco!

Dimea: Ainda tem uma aguinha descendo na beira da estrada. Esse aqui era o caminho da escola, Rafael. Era como eu andava pra ir para a escola. E pra Igreja. Era a Igreja Batista de Cachoeiro. Ia duas vezes no domingo, de manhã e à tarde.

Tiago: Só domingo, né?

Dimea: Não! Terça-feira se tivesse alguma coisa, eu ia. Domingo, sexta-feira de novo.

Rafael: Em que época era isso?

Dimea: Isso? Eu tinha meus 20 anos. 43 anos atrás. Esse sítio era dividido. Chico Machado e aqui era outro dono. Acho que continua sendo. Olha, ali tem água. Não acabou não. Agora o sítio, onde está o curral, nunca teve água. A água sempre foi de Chico Machado. E o senhor. Tião usava a água daqui do sítio do Chico Machado. Mas com certeza agora o sítio é do mesmo dono, porque comprou, viu que não tinha água e deve ter comprado o daqui também. Emendou pra criar boi, porque o de lá nunca teve água. Meu pai morou muito tempo aqui. Aí morreu, infartou. Ninguém suporta isso. Essas pedras sempre existiram. Olha, com certeza, passa carro aqui.

Maurício: Sobe moto.

Dimea: Eu tenho uma prima que tem terra aqui. E aí quando vem, ela faz uma marmita e sobe. Almoça lá pra cima. Isso aqui era do meu avó paterno, olha! Era tudo cafezal. Mas tá cheia de taboa.

Eu: E você lembra do cafezal ainda?

Dimea: Lembro, deles pegando café sim! Aqui tá preservado. Era do meu avô. Ali naquela gruta tinha um buracão, tá vendo que lugar bonito? Tinha café até lá em cima! A gente sentava e via meu pai pegar aquela toiceira de café pra tocar mula.

Maurício: Era tudo café?

Dimea: Era, tudo café. E depois virou pasto. Agora é capim gordura aquilo ali. Antigamente as pessoas faziam tudo de palha né. Esteiras! Era tudo natural! Olha ali uma cerca.

Rafael: E essa cerca tá ajudando a segurar a água, né?

Dimea: Claro! E acho que é essa cerca que tá ajudando a levar a água aí pra baixo.

Rafael: Vai até lá, olha!

Dimea: Mas se botar boi aí, seca. Às vezes a pessoa tem água e nem sabe o porquê. É um riozinho lá em cima que tá preservando pra ele. Da cerca pra lá, era do meu avô. Tudinho! Na cerca lá em cima, onde estão aqueles bois.

Rafael: Lá também era café?

Dimea: Não. Fazia lavoura no meio do café, mas lá era uma reserva. Tinha mato... Matinha, né? Ali, sim. Um dia quis passar pra ir lá no Benjamin. Mas Cininho

não deixou, não: "Não aqui não mora mais ninguém". Eu não sei como ele receberia alguém da EMATER. A mulher dele era professora de corte e costura da Emater. Estudei com ela, lá no Jenipapo. Por que a EMATER às vezes ocupa só uma parte e os outros usufruem daquilo. Lá naquele coqueiral tinha uma água que daqui você via descendo! Olha meu tio marava aí, quando Isaías matou ele. Era divisa com Isaías. Isaías, pra cima, tio Zezinho pra baixo.

Rafael: Tem uma nascentezinha aqui. Mora alguém lá naquela casa?

Dimea: Essa casinha ali que meu pai morreu dentro dela. Tá vendo, Rafael. Lá, lá naquele coqueiral... lá naquele coqueiral tinha água que daqui você via a água descendo. Ai, que coisa triste

Rafael: Por quê triste?

Dimea: Porque não tem mais nada, né. Não tem mais água, tinha muita água. E lá naquela casinha meu pai morreu. Era bonito.

Maurício: Daqui pra cima não mora mais ninguém aqui. Não mora e não tem casa habitável, não. Quem falou foi aquela mulher ali da entrada.

Dimea: Eles devem ter se mudado pra Cardoso. Ela foi minha professora de corte e costura. Mas deve ter alguém aí.

Maurício: Não, não mora ninguém aí não.

Dimea: E os bois, quem olha?

Maurício: Boi é só olhar e ir embora.

Dimea: Se não tiver vaca de leite, né?

Maurício. Não tem vaca de leite. A nascente é pra lá ainda ou por aqui?

Dimea: Não a nascente, é mais na frente. Mas se não aguentar, você volta e nós vamos até lá.

Maurício: A última nascente deve ser aquela ali, porque deve ser a última vertente.

Rafael: É. Porque não tem mais passagem.

Dimea: Passagem?

Maurício: Daquela cadeia de montanha pra lá, não tem mais como verter água pra cá.

Dimea: Ah, então vamos andar até aquele bambu pra você ver dali. É ruim de não ter. De lá verte água pra cá, pra lá...

Maurício: Então, mas depois de lá não tem mais como verter pra cá.

Dimea: Ali tem um buraco!

Eu: Pois é, isso que eu queria saber. Se ali atrás ainda segue e está escondido pela montanha.

Dimea: Tá escondido. Mas vamos andar mais um pouco, pra ver como tem uma subida.

Maurício: Pra cá tem uma entrada?

Dimea: Tem e depois tem mais morro! Subindo aqui, você sai lá no Jenipapo.

Maurício: Sem vertente pra lá?

Dimea: Como assim?

Maurício: Eu chego no Jenipapo sem subir morro?

Dimea: Sobe morro!

Rafael: Então as nascentes são essas aqui. Toda a água que bate aqui nesta área vai pro Vinhático.

Dimea: Isso. Mas dá pra ver que tem uma aguinha aqui.

Maurício: Mas mesmo em época de chuva, é só isso mesmo. Não melhora não.

Dimea: É mesmo? É porque é que nem careca, né? Bate uma água de chuva e vaza. Quem tem cabelo fica pingando. Assim é a natureza. Bate água ali, escorre, enche o valão e acabou! Olha, naquela casa tinha um homem que matou o meu tio. A briga era nesse valão aí. Não tinha passagem. Só tem um pé de Jenipapo. Tá bonito esse pé. Tá vendo não tô vendo boi nenhum aí. Que arredou isso foi o marido da Edilene.

Dimea: Como eu era criança, tenho aquela emoção de subir esse morro. Esse Jenipapo é bom. Esse aqui era o curral de Nenê Carreiro.

Mauricio: Ninguém cuidou, né? Foi acabando, acabando, acabando... Ninguém fez projeto pra melhoria. Mas você vai cercar uma nascente, o cara não deixa, porque é onde o boi bebe água.

Rafael: Como vocês fazem quando encontram uma propriedade que não tem um dono, um contato? Tem como executar alguma ação?

Mauricio: Não tem como executar nenhuma ação.

Rafael: Olha o bezerro, se jogou na cerca de arame!

Dimea: Ih, pulou pro pasto de outra pessoa.

Mauricio: Eles estavam lá, vieram pra cá, e pularam de novo.

Rafael: Mas aquele outro ali não está com coragem.

Mauricio: Eles nunca veem gente. Quando veem ficam assustados.

Dimea: Isso aqui sempre teve boi. Esse era o caminho da nossa escola.

Mauricio: Aqui não sai no Jenipapo?

Dimea: Não, mas a gente quando queria ir lá, vazava por cima.

Mauricio: Pra lá tem mais morros?

Dimea: Tem! E tem uma pedreira, o sítio do meu pai é no fim! Lá no fim e acabou. Se você subir na pedreira, vai ver a Fazenda Borges lá pra baixo.

Mauricio: Então ainda tem caminho de água.

Rafael: É.

Dimea: Tem!

Mauricio: Vai até na Fazenda Borges?

Dimea: Não.

Mauricio: Vai até na pedreira, então.

Dimea: É, e a mata tinha em tudo. Cada um preservava a água do outro. Quando Borges morreu, secou muita água nossa. Aristídes Borges, de um lado, meu pai de outro. Você quer ir até naquela porteira ali?

Rafael: Por quê?

Dimea: Porque os descendentes dividiram a terra e desmataram tudo!

Mauricio: Vamos. Eu gosto de andar, só não gosto de sol.

Dimea: Na volta, a gente volta correndo. Ali você vai ver um poço de água. Muita água, mesmo. Aquele poço foi questionado à beça! Um queria, outro queria. Olha, carambola! Desde criança eu comia carambola nesse pé.

(neste momento somos atacados por bois).

Dimea: Daqui você vê quanto morro ainda tem! E bois (risos). Mais morro e bois! Como cria boi numa buracada daquelas? Se o boi cai ali dentro, cai uma vez só e já era! Aqui sempre teve água. Tem que passar um pauzinho em cima pra passar por cima dessa aguinha. Ou procurar um lugar mais seco. Perto daquela árvore ali tem um poço grandão.

Rafael: O quê? Onde?

Dimea: Perto daquela árvore seca tem um poço!

Rafael: Perto daquela árvore seca ou daquela cortada que tá lá atrás?

Dimea: Seca.

Rafael: Ah, essa daqui?

Dimea: Os bois foram para onde? Acho que tem sim. Tem mais bois! Eu também tenho medo de boi. Por isso que eu faço essas brincadeiras, porque eu tenho medo. Mas esse bezerros soltos assim não pegam, não. E quando saiu essa herança, Evacy ficou com o poço. Água boa! Isso aqui era dela. Ela morava ali quando casou. Lá tem mais bois. Mas é só solteiro. Boi solteiro não pega ninguém!

Rafael: Mas como eu vou saber se é solteiro? (risos)

Dimea: Bois solteiro é boi sem vaca de leite. Só boi.

Mauricio: Será que aqueles ali são casados?

Rafael: (risos)

Tiago: Olha o morro que tem que subir!

Dimea: Isso não é morro, gente! É morrinho. Morro é aquele do Cristo de Cardoso. Você já subiu naquele Cristo, Mauricio? Que Cristo danado!

Rafael: (risos)

Tiago: Ele foi de carro!

Dimea: Olha, isso aqui renova! Parece um toco seco, mas ele brota, renova!

Mauricio: Espero vocês aqui.

Dimea: Espera a gente aqui, Maurício. Tem 29 anos que não venho aqui.

Rafael: 29 anos?

Dimea: Saí daqui com o Zezé Cabral com um pau na mão querendo matar a minha mãe.

Rafael: Você morava aqui quando tinha seus filhos?

Dimea: Eu mudei pra cá quando fiquei grávida de Fernando. Falei pra Antonio: "vamos mudar lá pra casa de papai". Olha, a gente vai andar muito. Mas se não aguentar, a gente só tira foto da pedreira. Tinha água à beça!

Rafael: Tem lama aqui, cuidado.

Dimea: É, tá mole. Cuidado.

Rafael: Aqui tem uma trilha melhor, não?

Dimea: Tá vendo aqui, era nosso.

Rafael: Aqui é o final do Vinhático. Ou melhor, o começo do córrego.

Dimea: Tem umas pedreiras lá na frente e uma lagoa. Uma reserva de chuva. Essa pedreira era uma coisa linda! Mas depois que Aristίδes Borges morreu, desmataram e acabou toda a água. Gente, não tem mais nada! Será que u tô preparada pra ver?

Rafael: Se quiser, voltamos.

Dimea: Não! Vamos! Não tem sinal de nada. Graças a Deus!

Rafael: Por que, a senhora achou que fosse encontrar alguma coisa?

Dimea: Não, acho que não.

Rafael: Não tem mais vestígios?

Dimea: De nada! Isso aqui não era assim, não. era fundo! Tinha um valão! Tá tudo aterrado!

Rafael: Vou tirar uma foto então.

Dimea: Vamos andar mais. Parece que onde era a casa, tem um cômodo onde uns bois dormem.

Rafael: Vamos passar pro outro lado? Não dá pra passar, porque ali na frente tem um buraco.

Dimea: É buraco? Eu não tô sabendo nem onde estou. Vou me localizar. Olha, aqui onde era a lajinha! Tudo tapado, Ademir falou certo. Olha o pé de jaca! Ih, a lajinha era por aqui. Ah, gente, era lindo! Era uma pedreira, que subia. E aqui tinha uma banheira. Essa jaqueira dava uma jaca boa! Caía e rolava cá embaixo, a gente pegava ela aqui. Não é tempo de jaca, né? Esse buraco aqui, nem sonhava em existir. Não dá nem pra passar, não. Passar aqui, né? Vamos passar, Tiago?

Rafael: Quaçquer coisa a gente volta por aqui.

Dimea: Vamos passar, Tiago.

Rafael: Não é melhor por cima aqui? Eu acho que passo por cima

Tiago: Eu passo por baixo

Rafael: A casa ficava onde?

Dimea: Bem, se a jaqueira ficava ali...

Tiago: Olha, tem uma casa ali.

Rafael: É tem uma casa lá.

Dimea: Fizeram uma casa! Mas não mora ninguém, não. Vamos falar que tem

uma casa e nós bebemos até café. Nós demoramos porque deram até café pra nós. Não, mas acho que tem um pedacinho da casa de papai. Porque Mida tirou foto. Gente, Cristo amado! O caminho era lá, ó! Pra ir pra casa. Não tinha nada disso aqui não. Esse caminho é boi que faz. Como a pessoa destrói uma coisa dessas? Ainda tem um pedaço da casa, deve ter até o fogão. Fiquei até tonta agora. Dizem que boi dorme dentro, então não é tão pequena assim. A casa tá toda aqui, mentira de Mida! Mentira de Mida. A casa tá toda aqui! A casa tá aqui, gente! Aqui mamãe tinha um jardinzinho, era tudo cercadinho! E, o fogão tá aqui! A cozinha, a despensinha e o fogão de papai! Aqui, o fogãozinho... Mas esse fogão foi... Aqui eu vou tirar uma foto! Mida falou que só ficou a cozinha, mas a cozinha era imensa, né! E aqui tinha um quarto, Aqui tinha outro quarto.

Dimea: É, eles preservaram e deixaram isso aqui pra boi.

Tiago: Tijolinho de barro, né? Era longe!

Dimea: Bate uma foto minha no fogão. Aqui, Tiago! Aqui era o lugar das crianças jogarem bola! Eu tenho fotos dos meus filhos nesse pé de manga, miudinho, mas que já dava manga. Ali os canos d'água! Dali que vinha água pra casa. Vinh água lá de cima, para aqui e daqui pro banheiro. Só que banheiro não tem mais.

Rafael: Isso aqui era o quê?

Dimea: Isso era uma despensa da casa. Lugar de guardar coisas. Ih, cachopa de côco! Muita cachopa! Vamos levar? Sentava dentro, olha! E descia o morro escorregando. Mas os côcos estão velhos. Zely, pegava as cachopas de côco. Pintava com tinta prateada e fazia uns arranjos de flor, lindos! Rafael, tira umas fotos pro lado de baixo! Olha, dá pra vir morar aqui! Só tirar titica de boi.

Tiago: (risos) Convida o Rafael.

Dimea: Aqui os meninos jogavam bola. Mas o barranco não ia até lá, não. Era mais perto. Mamãe não doida de fazer uma casa tão perto do barranco. Foi minha mãe que fez essa casa!

Tiago: Era assim antes?

Dimea: Não, Tiago. Isso aqui não era nada assim. Isso aqui era grande! Tem um pé de jamelão por aqui? Olha lá. Isso aqui era reto, descia reto, mais alto! E o pé

de jamelão ia lá em baixo. Tinha água em geral aí. Água, muita água de um lado e do outro. Não era assim, não?

Tiago: E o poço, onde você tomavam banho, era essa aqui?

Dimea: Tinha poço! Uma água boa! Era ali, mas acho que não tem mais não. Talvez se furar tem, né?

Rafael: Dava pra tomar banho aqui?

Dimea: Lá na lajinha dava. Tinha queda d'água. Olha, abricó! Minha mãe fazia horta e meu pai plantava as fruteiras dentro. O caminho onde a gente passava era aqui.

Tiago: Esse caminho existia?

Dimea: Não, isso aqui era tudo pedreira! Tira uma foto pra mostrar pro Mauricio.

Rafael: Vou tirar e mandar pra ele pela Internet.

Tiago: Olha que areia boa!

Rafael: Então, a areia da praia vem daqui. Chove, a água arrasta pro rio. O rio leva lá pro rio de Cardoso, que vai pra outro rio e vai parar lá no mar.

Tiago: Ele tinha boi?

Dimea: Meu pai?

Tiago: É.

Dimea: Tinha, mas eram pouquinhos. Ele cercou ali onde era a porta da sala. E botou uma vaquinha de leite.

Rafael: E essa curral aqui?

Dimea: Não tinha esse curral. Aqui dentro desse curral tem saída, vamos passar por aqui. Ali tinha um taboal, que desceu pra cá. Lembra que eu falei? Olha, um tanque! Tá caindo água? Tá caindo! Pode beber! Será que é boa? Hummm... Né não. Mas tá fresquinha! Tira uma foto minha bebendo água, igual boi!

Tiago: Tira uma minha também!

Rafael: Aí vem uma cobrinha aí nadando e te dá um beijo.

Dimea: Olha, aqui era a casinha de tia Zeca. Brincamos muito nessas pedreiras... Tinha uma fruta que a gente chamava de buta, era igual uma jaboticaba, só que mais azedinha. Uma delícia! Olha um pedaço de azulejo da pia da minha mãe! Minha mãe trouxe do Rio esse azulejo. Ganhou lá e trouxe.

Tiago: Vó, aposenta com quantos anos?

Rafael: 60 ou 65.

Tiago: Você tem quantos?

Dimea: 63. Amanhã eu vou ver se vou lá na casa onde a gente trabalhou e pego um documento pra provar que eu trabalhei na roça.

Dimea: Tá muito degradado! Buraco, feito pela erosão. Horrível. Ninguém quer investir, só explorar.

Mauricio: Acha que é só botar boi, né?

Dimea: É. Esse que invadiu ali, tem comércio lá em Campos.

Mauricio: E vem, roça, vai embora.

Dimea: Lá no papai não tava nem roçado, né Rafael?

Mauricio: Mas é longe, hein! Nem se me pagarem eu moro aqui!

Dimea: Poxa se me ajudassem, eu mudava pra cá.

Tiago: Imagina, todo dia visitar a minha avó aqui!

Dimea: Ia botar as minhas galinhas ali dentro, tirava os bois! Começa a plantar. E deixar a mata crescer. A chuva ia lavar aquela areia e deixar as pedras aparecerem de novo. Bebi água fresquinha, igual boi, Mauricio!

Tiago: Muito boa.

Dimea: Tá vendo, Rafael. Onde eu andava pra chegar no sítio.

Mauricio: Você perguntou como fazemos numa área assim, que não tem ninguém morando, né? Não faz, porque esses programas são pra quem está no campo. A gente faz extensão rural, pra quem tá no campo.

Dimea: Mas se você vem olhar, você tem um parecer.

Mauricio: Pois é, eu vim naquele senhor ali, que eu não lembro o nome agora. Eu tava fazendo levantamento de leite. Ele disse que pra cima, não tinha mais ninguém morando.

Dimea: É, mas lá no topo tinha muita vaca! Mas não vi curral, não.

Mauricio: Mas se for pra tirar só 3 litros de leite, melhor deixar solto. Você no mercado compra por dois reais o litro. Mas aqui você compra por 65 centavos o litro de leite. Um cara que produz 30 litros de leite por dia, tá perdido! Mas aí solta os bois e eles causam erosão.

Dimea: Tem lugar que não pode colocar boi, não! Tem que cercar e isolar.

Mauricio: Negócio é colocar na cabeça do produtor. Como vai convencer o produtor que aquela área ali ele tem que preservar?

Dimea: Aquilo ali era um bananeiral antigamente! Era muita banana!

Mauricio: A gente isola e deixa. Mas essas matas ali não estão isoladas. Então se tiver pisoteio de animal, não tem reflorestamento.

Dimea: Mas se não cuida, tem que tirar deles!

Mauricio: Mas é aqui não são fazendas, são sítios. Não dá pra dizer que é improdutivo. Se o cara tem meia dúzia de bois, ele tá produzindo. Se fizer uma hortinha, tá produzindo.

Dimea: Mas agora tem um assentamento em Cardoso.

Mauricio: O problema do assentamento dali é porque são urbanos. Como você faz pra transformar os assentados urbanos em produtores rurais?

Rafael: Esse Programa Rio Rural tem algum prazo? Alguma meta?

Mauricio: O Rio Rural não tem prazo. Ele foi um piloto de 5 anos, chamado Rio Rural GEF. Agora nós entramos numa segunda fase, chamada Rio Rural BIRD, com um abrangência maior. Não só no Norte e Noroeste, ele foi piloto na região Norte e Noroeste, mas agora ele está em todo o Rio de Janeiro. Aumentou a quantidade de dinheiro que tinha e ele tem não um prazo pra terminar, mas sim, nessa fase BIRD, 5 anos pra implantar os projetos. A intenção dele é melhorar sustentabilidade, com projetos econômicos e o meio ambiente. Ele é um projeto que visa o meio ambiente, mas como não tem como você dá um projeto ambiental pra uma propriedade e exigir, ele dá o econômico pra incentivar. A parte piloto encerrou no ano passado, mas agente tem 15 projetos prontos dessa última fase, dos 60 implantados, desde que a gente entrou. Conseguimos fazer... Formamos um comitê gestor da comunidade, que faz funcionar o Rio Rural. O Kit-Galinha, é um projeto piloto, que o pessoal gostou. Foi uma demanda da região serrana, o pessoal criava muita galinha. Hoje a gente tem no Valão dos Pires e aqui.

Rafael: Como é esse Kit-Galinha?

Mauricio: É um galinheiro, um espaço pra galinha caipira. Só cria galinha. O Programa dá dinheiro pra ele comprar material, a primeira ração, os pintinhos, comedouro, bebedouro, tela. E o produtor entra com a mão-de-obra. Visa a sustentabilidade, porque mantém o produtor na área dele. Ele precisava de dinheiro pro material, então nós damos o material. E são outros programas. Por exemplo, se ele quer criar boi, mas não tem espaço adequado, a gente faz a reforma do pasto. Mas em contrapartida ele faça uma área ambiental dentro da propriedade. O material o Programa dá. Ele que vai na loja, compra, devolve a nota. O dinheiro vai

pra conta do produtor, ninguém bota a mão nesse dinheiro. E ele presta a conta. Não tem como o dinheiro ser desviado. Mas é só pra quem mora na terra? Não. Se ele mora na área rural, mas tem um comércio, ele também tem direito, mas uma menor porcentagem.

Rafael: E a renda é de quem?

Mauricio: Toda dele. Toda do produtor. Mas tem produtor que quando sabe do valor máximo que pode pegar, que é 7 mil, ele acha pouco. Mas se 7 mil é pouco, nada então. A única coisa que o Programa pede é que você dê o retorno ambiental. São 72 projetos ou mais, que você escolhe. Tivemos melhoria, tivemos os tanques de leite. Não tá voltado só pra uma área. É em grupo, individuais, tem cooperativas. Tem uma cooperativa de corte e costura, eles querem ampliar as máquinas. Vamos correr atrás. A dificuldade hoje da EMATER é que não vem verba pra gente. Pra contratar um funcionário, pagar estadia, pagar salário, a EMATER não recebe dinheiro pra isso.

Dimea: Eu fiz curso de corte e costura na EMATER, mas a gente ia na casa da costureira, fazia na máquina dela!

Mauricio: Mas a gente faz por demanda. E aí, deu pra passear bastante?

Dimea: Deu! Fazia 20 anos que eu não ia lá. Se eu tiver criado meus filhos, volto pra lá.

Mauricio: A senhora quer voltar para ali?

Dimea: Eu quero!

Mauricio: Deus abençoe a senhora.

Dimea: Aí, você vai lá! Tomar café, colocar seus projetos!

Mauricio: Aí eu vou mesmo!

Dimea: Eu vou correr atrás desse terreno.

Conversa com Dimea e C.

Dia 15 de agosto de 2011

Catarina: Não tem mais passarinho lá pra cima.

Dimea: Canarinho tem. rafael chegou a ver os canarinhos? A gente bota a canjiquinha no chão, os canarinhos vêm! Tinha muito canarinho.

Catarina: Diz que é gente que tá pegando.

Dimea: E não é não? Pegando pra vender.

Catarina: É certo. Devem tá pegando.

Dimea: É. Ignorância. Pega pra vender. Sabiá. Um homem botou umas gaiolas com sabiá. Mas cantam que é uma beleza.

Catarina: Sabiá-laranjeira!

Dimea: Fiquei com uma pena. Vontade de abrir a gaiola assim e soltar.

Catarina: Pede pro Jonza trazer umas jaboticabas pra você, Rafael!

Rafael: Hum! Boa ideia!

Catarina: Deve ter jaboticaba madura lá.

JACINTO DA MATA JUNIOR

20 de julho

Rafael: Hoje é dia 20 de julho de 2011 e vou conversar com o senhor Jacinto. Senhor Jacinto, vou começar perguntando se o senhor é parente de Maria do

Carmo Dias da Mata?

Jacinto: Não.

Rafael: Ela é minha tia, foi casada com Sebastião da Mata. Não tem Sebastião na sua família?

Jacinto: ... Não. Bastião de dona Neves?

Rafael: Não sei...

Jacinto: Ele mora em Itaperuna.

Rafael: Não, esse que eu tô falando já morreu.

Jacinto: Ah...

Rafael: Então não é. Então vamos falar sobre os seus pais. Gostaria que o senhor me dissesse os nomes do seu pai e da sua mãe e a data de nascimento deles. Não, vamos falar primeiro do seu pai.

Jacinto: Minha mãe é Francisca Gomes da Mata. Meu pai é Jacinto da Mata. E eu sou Jacinto da Mata Junior. Junior porque sou filho, né?

Rafael: Sim! E a data de nascimento da sua mãe?

Jacinto: Minha mãe nasceu em 22 de fevereiro de 1920.

Rafael: E seu pai...

Jacinto: Meu pai é de... peraí... acho que é de... Janeiro... Dezembro, 12 de 1915.

Rafael: Que boa memória!

Jacinto: Ia fazer 100 anos agora se tivesse vivo!

Rafael: É mesmo!

Jacinto: Meu pai... Meu vô Jacinto era escravo, sabia?

Rafael: É mesmo?

Jacinto: Era escravo lá numa fazenda em Campos.

Rafael: Quando isso?

Jacinto: Ah, não sei.

Rafael: Qual era o nome do seu avô?

Jacinto: Jacinto também.

Rafael: O senhor sabe quando ele nasceu?

Jacinto: (risos) Ah, isso não sei não.

Rafael: O senhor o conheceu?

Jacinto: Sim! Ele morreu eu era molequinho.

Rafael: O senhor lembra o ano em que ele morreu?

Jacinto: Eu tinha 9 pra 10 anos. Meus avós eram escravos. Trabalharam muitos anos como escravos, lá em Campos. Meu pai na roça, mas a minha mãe em casa.

Rafael: Quantos anos ele tinha quando morreu?

Jacinto: Era novo! Tinha 45 anos! Naquele tempo morria mais novo.

Rafael: O senhor nasceu em qual data?

Jacinto: Eu nasci no dia 3 de agosto de 1935, na cama da minha mãe.

Rafael: É mesmo? Na cama da sua mãe?

Jacinto: Foi. Em cima da cama dela.

Rafael: E quem fez o parto?

Jacinto: Ninguém fez não. Eu queria nascer e não teve jeito.

Rafael: (risos) O senhor tava com pressa pra nascer.

Jacinto: Tava! E depois veio o médico, cortou as coisas.

Rafael: Mas o parto não foi ele.

Jacinto: Não. Foi Deus.

Rafael: E agora o senhor está aqui.

Jacinto: É.

Rafael: Vamos falar mais dos seus avós. O senhor disse que eles eram escravos.

Jacinto: Eram. A gente já nascia escravo, já nascia trabalhando.

Rafael: O senhor trabalhou desde cedo então.

Jacinto: Desde novinho. Com 4 anos já apanhava lenha.

Rafael: Onde?

Jacinto: Na mata, pra fazer fogo.

Rafael: Fogo no fogão?

Jacinto: É.

Rafael: Como era a cozinha da sua casa?

Jacinto: Ah, tinha fogão à lenha. Minha mãe adorava cozinhar no fogão à lenha.

Rafael: E ela cozinhasse bem?

Jacinto: E como! E como cozinhasse bem, meu filho. Meu pai sentia o cheiro de longe e já chegava abrindo as panelas.

Rafael: (risos)

Jacinto: Você já escutou Biu Roque? Vou colocar pra você escutar, quer?

Rafael: Depois, mais tarde. Depois da entrevista...

Jacinto: Maria, minha Maria / meu doce da melancia / te lembra daquele abraço / que eu te dei ontem ao meio-dia / Vem ver o belo luar / que a tua ausência reclama / ô que noite tão preciosa / não deve dormir quem ama / Debaixo da Condessa / onde canta o Zabelê / saudade da minha terra / onde eu nasci vou morrer / Vem ver o belo luar / que a tua ausência reclama / ô que noite tão preciosa / não deve dormir quem ama / Essa... Essa é fundo. Foi Silvana quem me mostrou. Ela que me deu o... o... cd.

Rafael: Fiquei emocionado. Eu conheço uma cantora que fez uma música chamada "Valsa para Biu Roque". O nome dela é Céu. É uma música linda, mas eu nunca entendi direito. Vou escutar quando chegar no hotel. Vou trazer pro senhor um cd dela.

Jacinto: Ah, obrigado.

Rafael: O senhor gosta muito de música?

Jacinto: Gosto muito.

Rafael: Na sua casa vocês cantavam?

Jacinto: Cantava muito. Minha mãe só trabalhava cantando.

Rafael: É mesmo? Que bacana isso.

Jacinto: É. E quando nós pegávamos na enxada, também era sempre cantando. Aquele monte de homem cantando.

Rafael: E cantavam o quê?

Jacinto: “Com licença do curiandamba / Com licença do curiacuca”. Era canto dos escravos eu acho.

Rafael: Vou procurar saber pro senhor.

Jacinto: A Clementina fez disco.

Rafael: Clementina?

Jacinto: É.

Rafael: Ah, Clementina de Jesus!

Jacinto: Isso. Ela fez disco do Curiacuca. Você sabe o que é Jongo?

Rafael: Não.

Jacinto: É uma dança. Você dança e canta. É dos escravos. É uma dança de tambor. Muito respeito. Tem que ter muito respeito. Eu vejo que você tem respeito.

Rafael: E tenho mesmo. E gosto muito de estudar e ouvir as pessoas falarem sobre a cultura africana.

Jacinto: É. Mas não é todo mundo. Os pretos são... [silêncio, pensando em um termo adequado]

Rafael: O senhor está falando de preconceito.

Jacinto: É. Muito preconceito.

Rafael: É verdade. [Silêncio]. O senhor sentia esse preconceito quando era criança?

Jacinto: Sentia. “Ô, filhote de saci. Sacizinho”, quando eu passava.

Rafael: Falavam isso pro senhor?

Jacinto: Falavam, não. Gritavam! É.

Rafael: E qual...

Jacinto: E riam.

Rafael: E o que o senhor fazia?

Jacinto: Nada. Não podia fazer nada. Minha mãe dizia pra não mexer, não dar ouvido.

Rafael: Nessa época o senhor tinha quantos anos.

Jacinto: Foi assim grande, pequeno.

Rafael: Foi assim a vida toda.

Jacinto: Só depois que fui ficando mais velho que parou. Acho que parou, né?

Rafael: Acha que as crianças sofrem mais do que os adultos?

Jacinto: Sofre.

Rafael: Mas vocês eram os únicos negros daquela região?

Jacinto: Não. Tinha mais. E todo mundo se juntava pro Jongo.

Rafael: Eu queria entender isso. Vocês viviam como? Vocês tinham uma terra?

Jacinto: Tinha uma casinha e uma terrinha.

Rafael: Era de vocês.

Jacinto: Era. Era do meu avô e meu pai ficou morando lá. Morava junto, filho, avó, avô... mãe. Neto.

Rafael: Vocês moravam juntos?

Jacinto: Morava.

Rafael: Quantos?

Jacinto: Era 5. Meu avô, minha vó, minha mãe, meu pai. E eu.

Rafael: Você era o único filho?

Jacinto: Sim! Meu pai também era um só. Minha vó quis ter um filho só porque não queria ver um monte de filho sendo escravo. E minha mãe também não.

Rafael: Seus avós só tiveram um filho e seus pais também.

Jacinto: Isso.

Rafael: E...

Jacinto: E se tivesse mais não criava, porque era difícil. Era 5 e era difícil.

Rafael: Vocês passavam por dificuldades?

Jacinto: Sim. Era uma dificuldade.

Rafael: Conta pra mim como era essa casa onde vocês viviam.

Jacinto: Era de barro. Bambu e barro. Sapata de madeira, de tora. E o resto era tábua, bambu, barro.

Rafael: Conheço bem esse tipo de casa.

Jacinto: Era assim pra todo mundo.

Rafael: Quantos quartos a casa tinha?

Jacinto: Era dois.

Rafael: E você dormia onde?

Jacinto: Ah, dormia na sala. Tinha vezes que dormia com minha vó.

Rafael: Como era o piso?

Jacinto: Madeira. Tábua.

Rafael: E o teto?

Jacinto: Telha. Telha de barro.

Rafael: Era grande a casa?

Jacinto: Não era muito grande, mas cabia todo mundo. Era nossa casinha, tinha só ela. Tinha que cuidar.

Rafael: Essa casa existe ainda?

Jacinto: Não, desmancharam.

Rafael: Seu pai desmanchou?

Jacinto: Não, desmancharam quando saímos de lá.

Rafael: Nós vamos chegar nessa parte. Quero falar nisso depois.

Jacinto: Tá.

Rafael: E o banheiro?

Jacinto: Era lá fora! Mas as crianças faziam no mato mesmo. Depois limpava com folha de café, de abacate.

Rafael: É mesmo?

Jacinto: Era!

Rafael: E não tinha problema? Como vocês faziam? Enterravam?

Jacinto: Às vezes deixava pra lá! E de vez em quando, a gente dava com o pé em cima de uma bosta. E aí tinha que limpar.

Rafael: E limpava como?

Jacinto: Ah, esfregava na areia, limpava com folha.

Rafael: E doença nos pés, nas pernas, nas mãos? Não dava?

Jacinto: Tinha frieira. E bicho de pé, verme de cachorro...

Rafael: Barriga d'água?

Jacinto: Isso tinha, mas eu nunca tive. Mas os mulatos aí tinha.

Rafael: Que mulatos?

Jacinto: As crianças. Adulto também tinha.

Rafael: O senhor tá falando dos meninos negros?

Jacinto: De todos. Branco também tinha.

Rafael: O banheiro era longe?

Jacinto: Ficava meio longe. Tinha cheiro. Tinha que ser longe. Era mais perto do chiqueiro.

Rafael: E se acordasse à noite querendo ir ao banheiro?

Jacinto: Tinha penico de baixo da cama, ué!

Rafael: Ah, claro!

Jacinto: Aí de manhã jogava fora.

Rafael: Então vocês tinham porco.

Jacinto: Sim. Uma porca. Criava e vendia os leitõezinhos. Era dinheiro também.

Rafael: E nessa época seu pai trabalhava em quê?

Jacinto: Em cana.

Rafael: Fazendo o quê na cana?

Jacinto: Cortando, queimando, botando no caminhão.

Rafael: E onde ele trabalhava?

Jacinto: Em Campos.

Rafael: Sua mãe trabalhava também.

Jacinto: Minha mãe cuidava do serviço. Lavar roupa, cuidar da horta, cozinhava. Essas coisas que mulher fazia.

Rafael: E seu avô, trabalhava também?

Jacinto: Meu vô até trabalhou na cana. Mas ele depois foi plantar arroz. Aí eu ia com ele. Foi lá no arroz que comecei a cantar. E nunca esqueci do Curiacuca.

Rafael: Curiacuca. O que é Curiacuca?

Jacinto: É um bicho. Tem coisa que eu não sei dizer, mas a música falava da Curiacuca.

Rafael: O senhor nunca viu uma Curiacuca?

Jacinto: Não.

Rafael: Ninguém viu uma Curiacuca?

Jacinto: Não, mas saci já. Eu Já vi também.

Rafael: E como ele era?

Jacinto: Eu tava indo na casa de dona Augusta pegar vela. Sozinho. Apareceu um saci pulando e eu voltei correndo, nem olhei pra ele. Ele é astuto.

Rafael: Quem era dona Augusta?

Jacinto: Era uma gorda que morava lá. Era preta do jongo também. Ela foi embora.

Rafael: Ela se mudou?

Jacinto: É.

Rafael: E quando foi que esse saci apareceu? O senhor tinha qual idade?

Jacinto: Uns 9 pra 10 anos.

Rafael: Como era esse saci.

Jacinto: Era um pretinho, com olho grande. Tava fumando

Rafael: Tava vestindo o quê?

Jacinto: Calça e blusa. E tava com sapato também. O falecido Zé Vicente foi lá em casa e minha mãe falou que eu tinha visto ele. Que não era saci. Mas Zé Vicente não fuma. E o saci tava fumando.

Rafael: O senhor teve medo do saci?

Jacinto: Eu tive! Ele é astuto, o saci.

Rafael: Foi nessa época que o seu avô morreu. O senhor disse que tinha 9, 10 anos.

Jacinto: É. Meu vô morreu muito novo. Tinha 45 anos!

Rafael: Então quando seu pai nasceu ele era novo também.

Jacinto: Tinha 14 pra 15 anos.

Rafael: Nossa!

Jacinto: E meu pai também era novo quando eu nasci.

Rafael: E o senhor teve filho?

Jacinto: Nunca. Nem casar.

Rafael: Nunca quis?

Jacinto: Não. Até quis, mas depois não quis mais.

Rafael: E quando o senhor foi ficando grandinho?

Jacinto: Eu trabalhava na cana.

Rafael: Na usina?

Jacinto: Não, plantando.

Rafael: No campo?

Jacinto: Não, plantando.

Rafael: Sim, o senhor plantava e colhia.

Jacinto: E queimava.

Rafael: Como era isso? Pense num dia de trabalho. O senhor acordava que horas?

Jacinto: Muito cedo! Cedinho já tava de pé.

Rafael: Cedo, que horas?

Jacinto: 5 horas da manhã. 5 e meia o caminha passa e pegava o povo na estrada.

Rafael: E o senhor ia de caminhão?

Jacinto: Ia, né? Subia na cacimba e ia.

Rafael: E iam todos na carroceria do caminhão?

Jacinto: Ia! No começo ia. Depois arrumaram um ônibus, mas era caminhão antes.

Rafael: Até quando foi caminhão? Em que época era isso?

Jacinto: Ah, eu tinha uns 13 pra 14 anos.

Rafael: Com 13 ou 14 anos o senhor já trabalhava com a cana.

Jacinto: Já.

Rafael: E não estudava?

Jacinto: Que nada. Era isso que a gente ia fazer na vida. O que mais podia fazer aqui? Era trabalhar na cana, trabalhar na terra. Não tinha muito o que fazer aqui. Os meninos cresciam e iam trabalhar na terra.

Rafael: O senhor lembra de algum acidente que aconteceu nessa época. Digo acidente no campo, na usina, no caminhão, no ônibus, picada de bichos?

Jacinto: Acidente? Tinha cobra. Ih! [aumentando o volume da voz e sacudindo a cabeça] Não gosto nem de lembrar! [Pausa longa] Uma vez uma aranha entrou na minha orelha e ficou lá dentro o dia todo, até que eu fui embora e passei no posto. Ela ficava mexendo. Ah! Não gosto nem de lembrar.

Rafael: Ela entrou quando o senhor tava cortando cana?

Jacinto: Foi. Ai, meu Deus! Que coisa terrível.

Rafael: Então não vou mais perguntar sobre a aranha.

Jacinto: Tá.

Rafael: As pessoas que trabalhavam na usina eram todos do Bananal?

Jacinto: Não! Tinha gente da cidade. O caminhão descia e ia pegando todo mundo. Tinha gente do Catarino, de Outeiro, ali do cemitério. Tinha gente de Italva.

Rafael: Qual o nome dessa usina?

Jacinto: A nossa cana era mais pra Cambahyba.

Rafael: Ia pra Usina de Cambahyba?

Jacinto: Isso. Era mais pra lá.

Rafael: Mas então ia pra outras usinas?

Jacinto: Acho que ia.

Rafael: Quem contratava o senhor?

Jacinto: Era um fazendeiro.

Rafael: Lembra do nome dele.

Jacinto: Jurandir Alberto. Nomezinho desgraçado. (risos)

Rafael: (risos). E como era o trabalho por senhor. Jurandir?

Jacinto: Rapaz, era pesado, viu?

Rafael: Vocês acordavam às 5 e voltavam que horas?

Jacinto: Chegava em casa depois da janta. Umas 8 horas.

Rafael: 8 da noite?

Jacinto: É.

Rafael: E no outro dia saía às 5 de novo?

Jacinto: É. (risos)

Rafael: Quanto ganhavam?

Jacinto: Não comprava nem arroz pro mês inteiro.

Rafael: É mesmo?

Jacinto: É.

Rafael: Hoje seria mais ou menos quanto?

Jacinto: Ah, não sei, não senhor.

Rafael: E seus pais na época trabalhavam em quê?

Jacinto: Na roça.

Rafael: E o que eles faziam?

Jacinto: Plantava, cuidava de boi.

Rafael: Plantavam o quê?

Jacinto: Arroz, milho, feijão, café.

Rafael: Seu pai não trabalhava mais na cana?

Jacinto: Ele largou a cana e começou a cuidar da horta. Queria plantar arroz.

Rafael: Tinha terra pra plantar arroz?

Jacinto: Não. Ele queria comprar um terreninho.

Rafael: E café, tinha espaço?

Jacinto: Tinha 3 pezinhos de café que dava pra fazer. Mas não era muito, não.

Rafael: Milho?

Jacinto: Uns pezinhos também. Tava pra comer, mas era difícil.

Rafael: O senhor chegou a passar fome?

Jacinto: Não. Minha mãe nunca deixou. Comprava fiado, mas depois pagava. Nunca ficou devendo. Morreu sem dever.

Rafael: Quando foi que vocês saíram dessa casa?

Jacinto: Eu tava com 19 pra 20 anos.

Rafael: Já era adulto.

Jacinto: Já.

Rafael: E porque vocês saíram daqui?

Jacinto: Tava muito difícil. Não dava mais pra plantar. Nossa terra é pequena.

Você sabe onde fica nossa terra?

Rafael: Não sei não.

Jacinto: Vou pedir pra Silvana te mostrar.

Rafael: Tá. E não dava pra fazer nada com a terra pequena?

Jacinto: Tava tudo seco! Tudo pisado!

Rafael: Tinha água?

Jacinto: Não. Era muito pequena. Nem cacimba tinha. Pegava água na dona Augusta, no seu Nonô.

Rafael: O senhor falou “tudo pisado”.

Jacinto: Pisado de boi. Boi pisa e acaba com a terra.

Rafael: É mesmo?

Jacinto: Amassa tudo. Depois como que planta? Só nasce capim.

Rafael: Aí o boi vai lá e come.

Jacinto: Aí vira espaço pra boi.

Rafael: Vocês não tinham boi?

Jacinto: Boi destrói tudo! Pior do que formiga é boi. Pior praga que tem é boi.

Rafael: Por quê?

Jacinto: Porque você acaba com o terreno. Pra ter boi tem que ter muito boi! Não dá pra ter boi e plantar.

Rafael: E muita gente em Bananal tinha boi?

Jacinto: Tinha a Dona Deusa. Deusa! Mas era ruim aquela mulher!

Rafael: Como assim era ruim? O que ela fazia com vocês.

Jacinto: Ela dizia: "se a bola cair no meu quintal, eu vou furar".

Rafael: Ela criava boi?

Jacinto: Criava.

Rafael: Muitos?

Jacinto: Um pouco. Ela plantava laranja, mas os bois acabaram com os pés de laranja.

Rafael: Comiam?

Jacinto: Não sei se comia, mas sei que acabou.

Rafael: O senhor disse que ela era ruim.

Jacinto: Ruim. A bola caía no terreno dela e ela dizia que ia furar. Ela uma vez jogou carne podre na minha porta.

Rafael: Carne podre?

Jacinto: É. Dizia que era macumba. Queria fazer macumba pra nós.

Rafael: Macumba?

Jacinto: É. Mas macumba daquelas bravas.

Rafael: E funcionou?

Jacinto: Tem vez que pega, né?

Rafael: E já pegou em vocês?

Jacinto: Não.

Rafael: E qual era a religião de vocês.

Jacinto: Tinha religião, mas era... era misturado.

Rafael: Como assim?

Jacinto: Era misturado. O povo daqui era... o povo do Jongo era muito misturado.

Rafael: Me conta como era esse Jongo.

Jacinto: A gente reunia de noitinha. Fazia um fogueira e cantava todo mundo. E dançava. Você não conhece o Jongo.

Rafael: Já ouvi falar, mas nunca estudei sobre isso.

Jacinto: Jongo era dos escravos. Era dança.

Rafael: É um momento feliz o Jongo?

Jacinto: É! Eu gosto muito de Jongo.

Rafael: E quando...

Jacinto: Me lembra meus avós. Meu avô adorava Jongo.

Rafael: É mesmo?

Jacinto: E meu bisavô também.

Rafael: O senhor o conheceu?

Jacinto: Não, mas meu pai que contava. E os outros também gostavam. Meus outros avós.

Rafael: O senhor tá dizendo que seus antepassados, sua família, é toda de Jongo.

Jacinto: É. Meus parentes, que devem ser africanos.

Rafael: O senhor sabe de que lugar da África o senhor vem.

Jacinto: Não sei. Até queria saber.

Rafael: Também vou ver se pesquiso isso pro senhor.

Jacinto: Tá.

Rafael: E ninguém falava sobre esse Jongo? Porque tinha gente preconceituosa, como o senhor falou.

Jacinto: Tinha. Mas nunca fizeram nada no Jongo. Eles tinham medo.

Rafael: De quê.

Jacinto: De fazer mal a eles. Achavam que era macumba, diabo.

Rafael: E não é isso?

Jacinto: Não. Jongo é uma dança.

Rafael: É uma festa.

Jacinto: É uma festa. Isso mesmo. Era uma festa. Não tinha nada de macumba.

Rafael: Já teve caso de violência aqui contra negros?

Jacinto: Olha, eu não saía sozinho. De noite voltava correndo.

Rafael: Tinha medo.

Jacinto: Tinha. Mais medo do que saci, eu tinha medo de gente.

Rafael: Eu tenho muito medo de gente também.

Jacinto: Mas nunca fizeram nada comigo. Só aquilo de me chamar de saci. Já me tacaram pedra também.

Rafael: Quando?

Jacinto: Quando eu era criança.

Rafael: Quem jogou pedra no senhor?

Jacinto: Criança também. E tinha gente grandinha. Eu varei correndo pra casa. Bati uma carreira e fui parar em casa.

Rafael: E sua mãe?

Jacinto: Não falei pra ela. Corri, quando cheguei na virada linpei a cara e corri pra casa.

Rafael: O senhor tava chorando.

Jacinto: Tava. Mas dali em diante nunca mais chorei pra isso. Ficava quietinho, igual minha mãe falava.

Rafael: O silêncio é uma boa arma também. Às vezes melhor do que brigar.

Jacinto: Minha mãe falava isso! Olha, você falou igualzinho a ela.

Rafael: (risos)

Jacinto: “Meu filho, corre pra casa. Não te mete em briga. Vai ligeiro pra casa.”

Rafael: Sua mãe parecia ser uma pessoa sábia.

Jacinto: Ela era. Era calminha, assim que nem você. Mas era trabalhadeira! Você também é trabalhador.

Rafael: De vez em quando eu tenho preguiça.

Jacinto: E eu? Dá vontade de ficar o dia todo na rede. Eu gosto de uma rede.

Rafael: É mesmo? Eu também gosto muito.

Jacinto: Fico deitado, pensando na vida...

Rafael: Cantando...

Jacinto: Cantando...

Rafael: Pensando em quê da vida?

Jacinto: Pensando no passado

Rafael: E sente saudades?

Jacinto: Sinto.

Rafael: De quê o senhor sente mais saudades?

Jacinto: Da minha mãe, do meu pai. Do meu vô, da minha vó. De tudo.

Rafael: O senhor fica triste quando fala sobre a sua vida e lembra dessas coisas ruins?

Jacinto: Eu não! Melhor lembrar. É difícil lembrar, ainda mais pra quem não tem mais uma cabeça boa.

Rafael: O senhor tem uma cabeça ótima! Lembrou de tanta coisa!

Jacinto: É mas a gente esquece de muita coisa também. Mas é bom ficar lembrando disso. Dá saudade. Mas eu não fico triste, não!

Rafael: Gostei de conversar com o senhor hoje.

Jacinto: Eu também. Você é bom.

Rafael: O senhor gosta de falar sobre a sua vida?

Jacinto: Não tenho pra quem contar.

Rafael: Eu posso voltar pra continuarmos conversando?

Jacinto: Pode. Volta quando você quiser.

Rafael: Então tá. Vamos combinar então.

16 de agosto

Rafael: Senhor Jacinto, muito obrigado por me receber de novo.

Jacinto: De nada. Eu gosto muito de você.

Rafael: Eu também gosto muito do senhor.

Jacinto: (risos)

Rafael: Eu trouxe aqui umas músicas por senhor escutar, da Céu.

Jacinto: Obrigado.

Rafael: Eu pesquisei sobre escravos em Campos e provavelmente seus ancestrais seriam de Angola.

Jacinto: Angolanos?

Rafael: Isso.

Jacinto: É isso mesmo, então. Já ouvi isso. Angolanos.

Rafael: Quem disse isso pro senhor?

Jacinto: Que era angolanos? Olha, deve ter sido dona Augusta.

Rafael: Vocês eram muito chegados dessa Augusta.

Jacinto: Sim, ela era uma pessoa muito boa.

Rafael: Ela era quem arrumava o Jongo?

Jacinto: Era todo mundo.

Rafael: Eu assisti uns vídeos de Jongo. Li sobre o Jongo também.

Jacinto: Ah, é?

Rafael: É. E pesquisei sobre a... a... Curiacuca.

Jacinto: Curiacuca.

Rafael: Mas vou estudar melhor antes de falar dela pro senhor. A Clementina gravou um disco só com esses cantos de escravos, mas só conseguirei pegar pro senhor quando for ao Rio.

Jacinto: Tá.

Rafael: Uma coisa que eu queria perguntar pro senhor é sobre os seus cuidados. O senhor não tem filhos, não tem mais pais, não tem irmãos. Não se sente sozinho?

Jacinto: Não. Às vezes aparece alguém pra conversar, mas eu tô sempre sozinho mesmo.

Rafael: E se o senhor precisar de ajuda pra alguma coisa. Se o senhor adoecer, por exemplo?

Jacinto: Eu tenho sempre remédio em casa, que a Silvana traz pra mim.

Rafael: Mas e se acontecer alguma coisa. Se o senhor cair, por exemplo, e estiver sozinho?

Jacinto: É, graças a Deus nunca caí.

Rafael: Pois é, acho que o senhor tem que pensar nisso.

Jacinto: A Silvana quer me levar pro Rio.

Rafael: O senhor não vai?

Jacinto: Não quero muito.

Rafael: O senhor vai morar com ela?

Jacinto: Eu ia pro asilo.

Rafael: E não quer?

Jacinto: Não.

Rafael: Dependendo do asilo, eles podem cuidar muito bem do senhor.

Jacinto: Mas eu to bem aqui.

Rafael: Tá. O senhor disse que ia tocar sanfona pra mim.

Jacinto: Olha, vou tocar. Vou pegar.

Rafael: Eu pego pro senhor. O senhor vai cantar também?

Jacinto: Não sei. Vou tocar.
(Tocando sanfona, por 6min e 22 seg)

Rafael: Que linda. Como se chama essa música?

Jacinto: E eu não sei. Não tem nome.

Rafael: Como o senhor aprendeu a tocar.

Jacinto: Vendo meu pai tocar. Ele me ensinou.
(Tocando sanfona por 17min e 09seg)

Rafael: Hoje eu vou parar por aqui. Quero sentar em escrever.

Jacinto: Tá bom (risos)

Dia 17 de agosto

Rafael: Senhor Jacinto, ontem eu te escutei tocando e fiquei inspirado pra escrever. Quero te agradecer muito pelo dia de ontem.

Jacinto: (risos)

Rafael: Deixa eu perguntar pro senhor uma coisa: o que mudou em Bananal da sua infância até hoje? Pensando em tudo.

Jacinto: Ih, mudou muita coisa.

Rafael: Vamos começar falando das pessoas.

Jacinto: Mudou muita gente. Hoje mora pouca gente em Bananal. Foram embora de pouquinho em pouquinho.

Rafael: E por quê?

Jacinto: Porque é muito difícil viver na roça. Não é todo mundo que aguenta. É verdade! O povo sempre sofreu muito em Bananal. Não tinha estrada direita. Quando era de Campos, era pior. Depois que foi melhorando, mas o povo já tava saindo.

Rafael: Então o senhor acha que a emancipação fez bem pra cidade.

Jacinto: Ah, fez. Todo mundo queria. Fazia tempo que queria.

MARIA DE LOURDES BATISTA MOREIRA**18 de agosto de 2011**

Rafael: Dona Lourdes, vou começar perguntando: como a senhora prefere ser chamada? Idosa, velha, da Terceira Idade...

Lourdes: Velho era como se chamava antigamente os pobres. O idoso pobre. Idoso era... era chamado o idoso rico. Minha mãe era idosa, mas ninguém chamava ela de velha. Ela era pobre, mas trabalhava muito. Sustentava os filhos, deu educação, saúde. Batia, mas nós não prestávamos muito. Erámos fogo-na-roupa. Mas velha ela não era.

Rafael: Então, como a senhora prefere?

Lourdes: Idosa.

Rafael: Ok. Me diz uma coisa, qual o nome completo dos seus pais.

Lourdes: Antonio José Batista Moreira e Carmen Dornelles Moreira.

Rafael: Seu pai era parente do Cardoso Moreira?

Lourdes: Não, não era [risos].

Rafael: [risos] E qual o ano de nascimento do seu pai?

Lourdes: Ai, meu filho. Não sei, não. Nem da minha mãe eu sei.

Rafael: A senhora tem algum documento que mostre isso?

Lourdes: [silêncio] Acho que não tenho, não.

Rafael: Ok, sem problema. Quando foi que a senhora nasceu?

Lourdes: Nasci em 1939.

Rafael: Ano de "E o vento levou...".

Lourdes: Isso! É de 39? É verdade! Aquele filme é maravilhoso. Ah, não se faz mais filme assim.

Rafael: É verdade. Gosto muito também.

Lourdes: Como chamava aquela moça?

Rafael: Vivien Leigh.

Lourdes: Não. Era isso?

Rafael: Era.

Lourdes: Não. Scarlett!

Rafael: Ah, sim! O personagem era Scarlett.

Lourdes: Do personagem que eu to dizendo! Vivien era o nome da atriz.

Rafael: Exatamente. E é de 1939, ano que a senhora nasceu. Aliás, qual foi o dia do seu nascimento?

Lourdes: 1 de março.

Rafael: E qual o seu nome completo?

Lourdes: Lourdes Batista Moreira.

Rafael: Quantos anos a sua mãe tinha quando você nasceu?

Lourdes: 21 anos.

Rafael: E seu pai?

Lourdes: 22.

Rafael: Então podemos supor que o seu pai era de 1917 e a sua mãe de 1918.

Lourdes: Fazendo as contas, não é? Isso.

Rafael: Mai ou menos isso então. Onde foi que a senhora nasceu?

Lourdes: Eu nasci em Cardoso. Mas na época era Campos ainda. Fazia parte de Campos. Depois houve um processo e emancipou.

Rafael: Em 1989, né?

Lourdes: É, mas já havia um processo antes. Em 1989 foi o "sim". Mas antes já tinham tentado e não tinha dado certo. Mas em 89 todo mundo já sabia que seria o sim.

Rafael: O que a senhora acha da emancipação?

Lourdes: Olha, era necessário. Não dava pra depender de Campos. Cardoso era um lugar esquecido, distante. Só ia até Campos quando era necessário consultar médicos que não existiam aqui. Mas pra isso também podia ir a São Fidélis ou Itaperuna. E precisávamos de um governo regional.

Rafael: Foi positivo, então?

Lourdes: Cardoso não mudou nos últimos 20 anos. Continua a mesma cidade pequena, com seus defeitos. Mas agora é uma cidade. Somos independentes, temos uma prefeitura, secretarias, bancos. Temos pessoas pensando em nós. Temos programas nossos.

Rafael: Eu vou querer entender esse processo, mas eu queria começar falando com a senhora sobre a sua infância. Nascida em 1939, em Cardoso. Como foi o parto?

Lourdes: Natural.

Rafael: Parto natural. Em casa ou no hospital?

Lourdes: Em casa. Naquele tempo era o mais comum. Ainda mais na roça.

Rafael: A senhora nasceu em Bananal, pelo que sei.

Lourdes: Nasci em Bananal. Morei lá até os 38 anos. Quando mudei, porque não dava mais pra viver lá.

Rafael: Para entendermos como era sua vida em Bananal, conte-nos um pouco da sua infância. Como era a casa onde vocês moravam em Bananal?

Lourdes: Ah, era uma casa bonita. Grande, arejada. Tinha o rio, que eles chamam de valão, que passava perto.

Rafael: O valão do Vinhático.

Lourdes: É do Vinhático?

Rafael: Pelos mapas que consultei, sim.

Lourdes: Então é. A gente não dava nome. Nem sabia o nome. Chamava de valão.

Rafael: E essa casa tinha quantos cômodos?

Lourdes: Deixa eu ver... Um, dois, 3 quartos. Tinha a sala da frente, a salinha do meio. Uma varandinha. Uma cozinha grande e um banheiro.

Rafael: Era de tijolos?

Lourdes: De tijolos! E o piso era de amarelão. Tinha que passar uma cera que deixava a sola dos pés amarelos. Aí uma vez a minha mão resolveu pintar tudo de vermelho e mudamos a cor do piso (risos). E aí as crianças entravam e ficavam com os pés vermelhos. Só que, criança, né? Logo esfregava o pé na parede, brincando, sem querer, e sujava tudo!

Rafael: Nossa!

Lourdes: Minha mãe ficava pra morrer.

Rafael: Imagino! Que cor eram as paredes?

Lourdes: Mas ia fazer o quê? Não adianta passar cera no chão e impedir as crianças de entrar. Mas tinha gente que fazia isso. A sala tava sempre encerada, pra receber as visitas. Crianças tinham que ficar da cozinha pra fora. Na sala não entrava criança. As paredes eram brancas.

Rafael: Nossa! Pior ainda.

Lourdes: (risos)

Rafael: A senhora é a primeira pessoa que entrevisto que tinha banheiro em casa. Os outros tinham banheiro longe.

Lourdes: Ai, aquilo era horrível. Tinha que ir lá fora fazer as necessidades. E no escuro. E se tivesse chovendo? Às vezes chovia 3 dias sem parar.

Rafael: E chovia muito em Bananal?

Lourdes: Chovia normal. Depende da época do ano. Chovia, enchia o brejo de arroz e depois passava um tempo sem chover. Mas naquele tempo tinha coisa preservada ainda. Depois foi acabando. Aí que as pessoas sofreram mesmo. Porque não tinha mais água. Poços foram secando, nascentes que desciam das pedras foram secando. Algumas pessoas se mudaram de lá por causa disso.

Rafael: É mesmo?

Lourdes: Sim. Saíram de lá porque foram destruindo tudo e acabando com a água. Tem que ter um equilíbrio das coisas, não acha? Tem que pensar no dia de amanhã. O ser humano não pode destruir assim.

Rafael: Concordo.

Lourdes: E você vê que na terra de papai tinha mata, mas hoje não tem mais nada. Acabou tudo. Me deu uma tristeza quando eu visitei.

Rafael: Tinha floresta na propriedade de vocês?

Lourdes: Tinha.

Rafael: Então vamos pensar em quando você era pequena.

Lourdes: Tá.

Rafael: Você se lembra de quando tinha 10, 11 anos. Ou até menos do que isso?

Lourdes: Lembro até dos 5 anos, papai me botando na charrete. Ia pra Cardoso de charrete, porque naquele tempo não tinha carro. Era só uma estradinha

que saía de Cardoso. Agora você imagina como devia ser bonita aquela estrada cheia de árvores, com aquele valão cheio, aquelas pedras escorrendo água.

Rafael: Nunca parei pra imaginar isso!

Lourdes: Então, faça esse exercício. Devia ser lindo!

Rafael: No seu tempo de criança era assim, lindo?

Lourdes: Era lindo, mas nem tanto. Já tinha bastante gente lá. Tinha muita gente.

Rafael: A senhora passou a vida toda nessa mesma casa?

Lourdes: Sim, a vida toda!

Rafael: E quantos irmãos a senhora teve?

Lourdes: Duas irmãs. Maria das Graças e Maria do Socorro.

Rafael: E elas são mais novas?

Lourdes: Eram mais velhas. Morreram as duas. Morreram no ano passado.

Rafael: As duas no mesmo ano.

Lourdes: As duas no mesmo ano.

Rafael: Que dor...

Lourdes: Mas foi de velhice. Morte natural. Graças a Deus, sem muito sofrimento. Só nos dias antes, que elas ficaram de cama. Mas nossa vida sempre foi com saúde.

Rafael: Sua relação com elas era boa?

Lourdes: Era. Mas elas moravam juntas. Assim, eu acho que elas se davam melhor entre elas do que comigo. Entende?

Rafael: Entendo.

Lourdes: Mas não era briga, era só que elas se davam melhor.

Rafael: Claro. Acho que isso é normal entre irmãos

Lourdes: Eu também acho.

Rafael: Na infância também era assim?

Lourdes: Era. E na juventude também. Eu ficava com minhas amigas, que eram da minha idade.

Rafael: Suas irmãs eram mais novas?

Lourdes: Mais novas. Um bocadinho mais novas. A diferença de cada uma pra cada uma é de 1 ano.

Rafael: Ah, tá.

Lourdes: E eu ficava com minhas amigas. Eu era integralista! Nasci no meio de integralistas. Meus pais eram integralistas. Morreram integralistas.

Rafael: É mesmo?

Lourdes: É! Minha mãe era muito integralista.

Rafael: E como a senhora se tornou integralista?

Lourdes: Nasci no meio, não é? Existia em Campos um grupo integralista muito forte. Sei que aconteceu um problema muito sério na época que eu era garota.

Rafael: Houve um massacre.

Lourdes: Foi, foi uma coisa horrível. Eu não lembro direito, porque era garota.

Rafael: Você lembra de algum detalhe desse massacre ou conhecia alguém envolvido?

Lourdes: Não, mas minha mãe conhecia gente dessa época, porque ela era desse grupo. Eu não lembro direito. Era muito pequena. Só lembro de algumas coisas. Vi gente apanhando nesse dia.

Rafael: A senhora fez parte do grupo?

Lourdes: Não. Eu era com as amigas de colégio. Tinha um grupo estudantil que era e tinha outro que era comunista.

Rafael: E o que vocês faziam nesse grupo de amigas?

Lourdes: Fazia protestos, participava de comício, essas coisas. Era uma coisa de amigos. A gente fazia uma farra.

Rafael: É mesmo?

Lourdes: Ih, nossa! Era muito bom. Tenho saudade daquele tempo.

Rafael: Quando foi isso?

Lourdes: Ah, eu tinha 14 pra 15 anos. Fazia escondido. Naquele tempo os pais ficavam de olho nos filhos. Nas filhas, principalmente. Hoje ficam tudo largados por aí. É por isso que tem tanta violência. Naquele tempo não tinha violência, não.

Rafael: Mas mesmo sem violência, os pais controlavam mais.

Lourdes: Era. Era mais controlado, sim.

Rafael: Qual era o medo de deixar os filhos mais soltos?

Lourdes: [silêncio] Medo de fazer bobagem. De engravidar. Não podia engravidar naquele tempo tão novinha.

Rafael: Os seus pais tiveram a senhora com 21 e 22 anos. Eles era novos.

Lourdes: Mas com essa idade já é maior de idade. Aí podia. Quando eu fiz 18 anos, a primeira coisa que eu fiz foi começar a trabalhar.

Rafael: E trabalhava onde?

Lourdes: Em qualquer coisa [risos]. Eu arrumava uma casa de família, fazia limpeza, cuidava de crianças. Eu adorava cuidar de crianças. Ficava uns meses fora e depois voltava pra Cardoso.

Rafael: Uma outra pessoa que eu entrevistei, a Dimea, disse que fazia a mesma coisa.

Lourdes: Era, ué! Todo mundo fazia isso. Nem todo mundo, mas muita gente fazia.

Rafael: Por quê?

Lourdes: Em Cardoso não tinha nada, meu filho! Até hoje é assim. Ou você trabalha na Prefeitura ou você tem um comérciuzinho... Todo mundo lá tem um comércio. Um botequim, um salãozinho.

Rafael: E aí tem que trabalhar fora?

Lourdes: Eu cheguei a ficar 5 meses fora. Fui pra Campos e fiquei lá. 3 meses sem falar com a minha mãe. Ninguém sabia onde eu tava, se tava viva ou se tava morta. 3 meses sem falar com ninguém. Não tinha telefone, né? Mas mesmo se tivesse, não queria ligar [risos]. Eu, hein! Tava lá curtindo, ganho meu dinheirinho [risos].

Rafael: Então deixa eu te fazer um pergunta bem pessoal: como eram os namoros se os pais controlavam tanto?

Lourdes: A gente dava um jeito, não é, meu filho? Dava sempre um jeitinho, uma fugidinha.

Rafael: Você se incomoda de falar disso.

Lourdes: Eu? Imagina! Mas eu não era namoradeira. Era mais do grupo naquela época.

Rafael: Dos integralistas?

Lourdes: Isso.

Rafael: Eu tava mesmo querendo voltar a esse assunto. Como a senhora se descobriu integralista?

Lourdes: Eu era porque meus pais eram. Aí as minhas amigas também viraram. Mas a gente não sabia direito o que era.

Rafael: É mesmo?

Lourdes: É. A gente não sabia direito o que tava fazendo. Depois que a gente descobriu o que era, começou a ficar com vergonha.

Rafael: Mas, como assim? O que vocês descobriram?

Lourdes: Isso é uma história longa.

Rafael: Olha, eu não me importo em escutar.

Lourdes: Vamos fazer um cafezinho?

Rafael: Eu vou desligar e a gente volta com o café.

Lourdes: Tá certo.

Durante e depois do café:

Rafael: Eu estou aqui curioso pela sua história.

Lourdes: [risos] É meio longa.

Rafael: Não me importo. Se não der pra contar tudo hoje, continuamos em outro dia.

Lourdes: Não, agora com um cafezinho eu relaxei. Bem, deixa eu ver de onde começo. [silêncio]. Eu não sabia bem o que era. Fui porque meus pais eram. Mas depois eu comecei a ver que era uma coisa muito ruim.

Rafael: Como assim?

Lourdes: Eles eram fascistas! Eram preconceituosos! A gente acha maravilhoso quando olha de longe, mas se você... Se você olhar bem de perto, vai ficar com... Eu tenho remorso, sabe?

Rafael: Mas o que te deixa com remorso?

Lourdes: Você sabia que negros e brancos aqui não se misturavam?

Rafael: Me falaram sobre isso, mas gostaria de mais detalhes.

Lourdes: Não se misturavam. Acho que isso vem desde a escravidão. Era uma coisa horrível, mas nós, que éramos brancos, não ligávamos pra isso.

Rafael: Entendo.

Lourdes: Claro porque... Eles não faziam nada contra a gente. Mas a gente fazia. Olha, o que eu já vi aqui nessa cidade. Gente, sendo xingada na rua. Era uma coisa horrível. Acho que a escravidão acabou no Brasil, mas aqui nós fomos saber muito tempo depois.

Rafael: É mesmo? Havia escravos aqui?

Lourdes: Acho que não eram escravos, mas trabalhavam que nem burros. Leia o manifesto da Guanabara.

Rafael: Desculpe, não entendi.

Lourdes: O manifesto dos Integralistas.

Rafael: Mas eles falam algo sobre escravos? Não entendi.

Lourdes: Lê. Vê só como é perigoso.

Rafael: Vou ler sim. Mas eu vou falar sobre isso com a senhora amanhã. Porque eu quero voltar à sua infância.

Lourdes: Tá.

Rafael: Quero falar sobre os estudos. Vejo que a senhora se expressa muito bem.

Lourdes: A gente estudava pouco, porque não tinha escola perto. Mas o pouco que eu estudei eu gostei. A gente cantava muitas cantigas de roda. Essa era a parte que eu mais gostava.

Rafael: A senhora gostava das cantigas?

Lourdes: Sim!

Rafael: E a senhora canta até hoje?

Lourdes: (risos) Ah, não. Hoje não canto mais nada. Só o hino nacional, quando vejo pela TV. Não consigo ficar calada. Me dá um orgulho, fico emocionada.

Rafael: Percebo essa sua veia política.

Lourdes: Muito política.

Rafael: E qual era a sua escola na época?

Lourdes: Eu estudava com uma explicadora. Depois eu comecei a estudar no Centro e aí sim.

Rafael: Eu tinha entendido que a senhora estudou pouco.

Lourdes: Estudei pouco na roça. Fui estudar no Centro.

Rafael: E a senhora estudou até qual série?

Lourdes: Eu terminei o ginásio. Queria ter feito faculdade, mas naquela época era impossível fazer faculdade longe do Rio de Janeiro. Agora tem um monte de faculdade, em Campos. Pública e particular.

Rafael: Nunca é tarde pra voltar a estudar.

Lourdes: É sim. Em sala de aula, é. Eu estudo agora em casa. Gosto de ler. Isso faz o meu cérebro trabalhar. Me sinto bem quando leio. Igual quando faço chochê.

Rafael: A senhora faz crochê?

Lourdes: Fazia. Agora parei. Mas queria muito voltar. Faz bem pra cabeça. Não sei por que parei.

Rafael: Eu também não sei por que eu deixei de fazer coisas das quais gostava.

Mas eu acho que a senhora deveria voltar a fazer crochê.

Lourdes: Eu queria uma máquina de tear, mas é cara.

Rafael: Conheço uma máquina manual, ótima!

Lourdes: É mesmo?

Rafael: E barata. Mas dá trabalho, porque é manual.

Lourdes: Eu sou forte (risos).

Rafael: Eu sei, estou vendo (risos)

Dia 19 de agosto de 2011

Rafael: A senhora disse que seus pais eram integralistas e que participavam de um grupo. Por acaso esse grupo era o núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira (AIB)?

Lourdes: AIB, era isso! Eu já tinha me lembrado, até anotei num papel pra te falar.

Rafael: E a senhora chegou a fazer parte da AIB em Campos?

Lourdes: Não, era coisa de colégio. Eu acho que eu ia mais porque meus pais também iam. Porque eu cresci numa casa que era integralista.

Lourdes: Depois a minha tia veio de lá também, porque não dava mais nada. Só galinha e hortinha, mas era só pra comer né?

Rafael: Eu trouxe o Manifesto da Guanabara, para lermos. Eu posso ler pra senhora?

Lourdes: Claro!

Rafael: Tá, vou ler em voz alta e a senhora vai me dizendo o que acha de ruim, ok?

Lourdes: Ok.

Rafael: *“Nós, os soldados de Deus e da Pátria, reunidos no Largo do Paço, nesta histórica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nesta data natalícia da igualmente histórica cidade de São Paulo do Campo de Piratininga, sob as bênçãos de Deus, realidade primordial, suprema e absoluta, e em nome Deste, da Pátria e da Família, lançamos o presente manifesto, sabendo que de nosso triunfo ou derrota dependerá o triunfo ou derrota do Brasil e de que moralmente a vitória já é nossa.”*

Lourdes: Certo. Vamos.

Rafael: *“Art. 1º- O Integralismo é uma Doutrina que, por De us, Ser Supremo e Absoluto, pela Pátria, Terra dos Pais, que é também nossa e de nossos filhos nascidos ou por nascer, e pela Família, cellula mater da Sociedade, compreende o Universo de um modo integral, pretendendo edificar o Novo Estado, a Nova Sociedade e a Nova Civilização de acordo com a hierarquia de seus valores espirituais e materiais, segundo as leis que regem seus movimentos e sob dependência de Deus, que criou o Homem à sua imagem e semelhança, lhe conferindo uma destinação superior, um destino transcendente. Parágrafo único - A hierarquia supracitada, em que se fundam o princípio e o exercício da Autoridade, faz prevalecer o Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o Nacional e, por derradeiro, o Nacional sobre o Particular. Art. 2º - O Integralismo é um movimento cívico-político que tem por objetivos a felicidade do povo brasileiro, a Justiça Social, a grandeza da Nação, que deve ser redimida e reconduzida à marcha de seu destino histórico, a edificação de um*

Estado Ético e de uma Democracia Integral e a criação de uma Ordem Jurídica que - emanada da íntima essência nacional, da Tradição e do Passado Integral da Nação, refletindo, pois, o Brasil real, profundo e autêntico – concretize as normas do Direito Natural, levando sempre em conta as circunstâncias de tempo e de lugar.
 Art. 3º - *O Integralismo, não defendendo expressamente nem a Monarquia e nem a República e reunindo tanto monarquistas quanto republicanos, não é um sistema de governo e sim um regime, podendo ser implantado tanto numa Monarquia quanto numa República.*

Parágrafo único - O Integralismo edificará uma Democracia Integral, que poderá ser coroada ou não, de acordo com a vontade consciente do povo brasileiro.

Art. 4º - *Não é possível que haja um Novo Estado, uma Nova Sociedade ou uma Nova Civilização sem que haja um Novo Homem, sendo em razão disto que o Integralismo prega a Revolução Interior, Revolução do Espírito, mudança de atitude em face da realidade e dos problemas, que necessariamente deve anteceder à Revolução Exterior, Revolução das Instituições, que não pode em hipótese alguma violar a Liberdade, a Integridade e a Intangibilidade da Pessoa Humana, de seu livre-arbítrio e dos Grupos Naturais a que esta pertence e nos quais melhor exerce seus direitos e cumpre seus deveres em face da Sociedade, da Pátria e da Família.”*

Agora vem o capítulo I, “Da religião”

“O Integralismo é um movimento espiritualista, afirmando a imortalidade do espírito e o amor a Deus e à Pátria Celestial acima de todas as coisas.”

Lourdes: Não fala aí qual é a religião, né?

Rafael: Fala Deus.

Lourdes: Tem mais coisa aí.

Rafael: Pátria Celestial?

Lourdes: É! Olha o céu. Esse Deus aí não é qualquer Deus.

Rafael: Eu estou te entendendo.

Lourdes: Vai ler mais?

Rafael: Vamos?

Lourdes: Pode!

Rafael: *“O Integralismo é uma frente ampla espiritualista, reunindo pessoas de todos os credos irmanadas na luta contra o materialismo grosseiro e avassalador, tanto em sua face liberal quanto em sua face comunista.”*

Lourdes:

Como?

Rafael: *“O Integralismo é uma frente ampla espiritualista, reunindo pessoas de todos os credos...”*

Lourdes: Mentira! Isso não é verdade.

Rafael: Por quê?

Lourdes: Pode continuar.

Rafael: “... *reunindo pessoas de todos os credos irmanadas na luta contra o materialismo grosseiro e avassalador, tanto em sua face liberal quanto em sua face comunista*”

Lourdes: Eles lutaram a vida toda contra os comunistas! Isso também é mentira!

Rafael: Eu li sobre isso. Havia um conflito em Campos entre comunistas e integralistas.

Lourdes: No país inteiro! Mas continua. Eu quero café. Mas depois.

Rafael: [risos] Ok. “*O Integralismo se propõe a respeitar a liberdade de culto, desde que o culto não constitua uma afronta à Moral, à Ética e aos Bons Costumes ou uma ameaça à Segurança Nacional...*”

Lourdes: [risos] Segurança Nacional?

Rafael: É o que diz aqui. “*defendendo, em matéria de cooperação religiosa, o regime de Concordata, sem prejuízo da autonomia das partes e visando sempre a grandeza e a felicidade da Nação dentro de suas bases cristãs, do ideal cristão sob cujo signo nasceu e floresceu nossa Sociedade.*”

Lourdes: Tá vendo? Eu disse que era cristão. Como falam aí?

Rafael: Base cristã.

Lourdes: Então, é com base cristã que eles vão julgar os outros credos e decidir se interferem na moral e na... Segurança Nacional! [aumentando o volume da voz]

Rafael: Entendo o que a senhora diz.

Lourdes: Tá vendo só?

Rafael: Olha isso aqui: “*A Pessoa Humana, substância individual de natureza racional criada por Deus à sua imagem e semelhança, possui um espírito imortal, dotado de inteligência e de livre-arbítrio, devendo encontrar nos Grupos Naturais e no Estado os meios de melhor cumprir seus deveres e de melhor exercer seus direitos, de acordo com sua natureza transcendente.*”

Lourdes: Isso é o quê? É o cristianismo.

Rafael: Eu te entendi. Eu vou pular umas partes e falar uns pontos que eu acho que vão provocar a senhora, porque é muito grande.

Lourdes: É. E eu quero café.

Rafael: *“O Ser Humano, que deve ter sua Integridade, sua Dignidade, sua Intangibilidade e sua Liberdade respeitadas pelo Estado, é dotado de Direitos Naturais impostergáveis, sagrados e invioláveis, tais como O Direito à Vida, desde a concepção até à morte natural”*

Lourdes: Isso tá certo. De acordo.

Rafael: *“O Direito de constituir Família por meio do matrimônio e de organizá-la”*

Lourdes: Até aí tá certo.

Rafael: *“A Família, instituição natural e divina, tendo por fundamento o matrimônio entre pessoas de sexos distintos, é a cellula mater da Sociedade, o primeiro e mais importante dos Grupos Naturais, posto que constitui o nascedouro da vida social e o repositório das mais lídimas tradições pátrias.”*

Lourdes: Sexos diferentes. Veja bem, sexos diferentes.

Rafael: *“O Estado deve fazer tudo o que for possível para manter a integridade da Família, respeitando a intangibilidade de seus direitos e lastreando sua autonomia com sólidas bases de natureza econômica.”*

Lourdes: Gays não têm direito [sacode a cabeça reprovando o que foi lido]. Pode esquecer.

Rafael: *“A fim de que cumpra sua missão natural e histórica, tem a Família o direito: a salário suficiente para atender a suas necessidades morais, intelectuais e materiais básicas; a moradia digna e sã, tanto no aspecto material como no aspecto moral, e que não seja distante de maneira excessiva do local de trabalho”*

Lourdes: Repete um.

Rafael: *“a salário suficiente para atender a suas necessidades morais, intelectuais e materiais básicas”.*

Lourdes: gays não têm direito a salário que faça isso aí. Só homens e mulheres. Tá entendendo?

Rafael: Entendo perfeitamente. Parece bastante contraditório com a sociedade atual.

Lourdes: Completamente contraditório. Eles tentam enganar.

Rafael: Tem mais uma coisa que eu queria ler e depois tenho uma pergunta.

Lourdes: Veja se nós podemos excluir os gays hoje! Temos é que dar os direitos e não tirar.

Rafael: Concordo.

Lourdes: Eles querem tirar, querem excluir. E isso tudo pro causa de quê? Da religião.

Rafael: Concordo. Mas a senhora acha que todo integralista é racista?

Lourdes: Não. Mas tá vendo com tem brecha nesse texto.

Rafael: Esse texto é de 2009. Como a senhora leu?

Lourdes: Minha filha trouxe.

Rafael: Ela traz esse material pra senhora?

Lourdes: Às vezes traz. Eu gosto de ler coisas do Integralismo, de coisas que eu vivi, entende? Se você tiver pode trazer pra mim que eu vou adorar!

Rafael: Trago sim!

Dia 20 de agosto de 2011

Rafael: Quando foi que a senhora se mudou pro Rio?

Lourdes: Em 89, no ano da emancipação.

Rafael: Quem veio com a senhora pro Rio?

Lourdes: Minha filha. Depois a minha tia veio de lá também, porque não dava mais nada. Só galinha e hortinha, mas era só pra comer né?

Rafael: Ela plantava pra comer?

Lourdes: Era. Não tem mais aquelas terras grandes. Terra boa, fértil, não tem mais. Quando tem, é pequeno. E quando é grande não dá pra plantar, porque o solo tá duro, seco. Então é uma sinuca de bico.

Rafael: Quando foi que a senhora se mudou pro Rio?

Lourdes: Em 89, no ano da emancipação.

Rafael: A senhora sabe que antigamente existia o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro.

Lourdes: Sim.

Rafael: Em 1975 houve a fusão que transformou os dois em um só estado.

Lourdes: Certo.

Rafael: A senhora notou alguma mudança depois disso.

Lourdes: Olha, aqui em Cardoso essas mudanças não interferem muito. Demora muito tempo mudar alguma coisa na cidade. E essa é uma coisa que não mexeu em nada.

Rafael: E em Campos?

Lourdes: Em Campos a chegada do petróleo foi algo que mudou muito. Mas isso não tem a ver com a Guanabara.

Rafael: Como a senhora enxerga Cardoso daqui uns anos?

Lourdes: Eu espero que a cidade cresça. Que venham bons políticos. Acho que está melhorando. Mas tem que... que se agregar mais com os outros municípios, entende?

Rafael: Entendo.

Lourdes: Hoje somos muito isolados. Uma empresa grande instalada aqui traria boas mudanças. Acho que precisamos incentivar isso.

Entrevistas temáticas gravadas e transcritas

G.

G: A única coisa que sobrevive lá é limão galego. Graviola, tinha. Quando eu descia, passava pelo pé de graviola. Não tem mais. Mas essas coisas também não são eternas, não. Tinha cada cará, lá. Uma batata, cará é uma batata. Era freesquinho. Eu lembro que eu tirei um côco. Ralei os côco, 5 quilos de açúcar, fiz um doce... Eu gosto muito de doce de côco.

Edgar

Edgar: Nós temos um resquício de Mata Atlântica ali na comunidade de Vermelho, que é próximo a Outeiro. Temos também indo em direção a São Jardim. Lá em Vermelho temos uns fragmentos de mata até bem conservados, se recompondo. A vegetação primária foi queimada, teve uma série de problemas e agora está se revegetando. Tá numa fase bem avançada já. Lá tem um pessoal dos Jardim Botânico, fazendo umas pesquisas. E agora o INEA tá junto também, pra ver se a gente consegue transformar em uma unidade de conservação.

E além disso nós temos um projeto do Governo do Estado do Rio, o Rio Rural, e a Emater-RJ é quem toca. Dentro desse projeto, a prioridade é a preservação, é a questão ambiental. A gente não consegue recurso se não estiver agregado com a área ambiental. Replantar, reflorestar as margens dos valões, as nascentes, recompor uma área degradada. Então hoje já está começando um

trabalho do município através da Emater. Inclusive ali no Bananal tem ali o Valão do Vinhático, onde o Maurício é o técnico. Então já está começando este trabalho para que dentro de alguns anos tentemos voltar a alguma coisa, né? O pessoal respeitar. Há dez anos atrás era uma coisa, hoje você olha e adevastação, a tragédia é imensa.

Por mais que eles não estejam recuperando, eles já estão ficando conscientes da destruição que fizeram.

E existe a própria lei aí que está girando no Congresso esses dias, sobre quantos metros nas margens dos rios.

A legislação ambiental é muito rigorosa. Na verdade ela deixa de ser aplicada, por causa disso. A lei exige que se preserve, no nosso caso aqui, 100 ou 150 metros. É melhor você exigir então que se preserve 50 metros e tenha os 50 metros preservados, do que exigir que se preserve muito e não tenha nada. Tomara que as mudanças melhorem alguma coisa, pra termos como aplicar. Porque ela inaplicável hoje na administração pública. Como você vai chegar numa propriedade hoje em que o cara tem 1 alqueire de terra com um valão cortando a propriedade, ele tem que preservar 30 metros de um lado e 30 metros do outro. Ele perde mais da metade da terra.

Rafael: No Bananal o que se produz principalmente hoje?

Edgar: Leite e hortaliça.

Rafael: Eu visitei ontem o tanque de leite. Facilita a vida de quem produz, porque lá não tem transporte e nem uma estrada tão pavimentada assim.

Edgar: O município tem 514km de estradas vicinais. A Prefeitura está agora com um convênio com o Governo do Estado, ensaibrando todas as estradas vicinais. Só falta mesmo o Bananal. Inclusive o Bananal deve começar essa semana a mexer ali. Isso é um recurso do Governo federal. Tivemos uma enchente aqui em 2008... Tivemos antes, mas em 2008 deu o recurso. Com essa mudança do Lula pra Dilma enrolou um pouco, mas agora deve começar o ensaibramento. Ai entra botando o saibro, passa o rolo, molha. É um serviço muito bom. São muitas estradas vicinais. A Prefeitura em termo de maquinário tem um quadro de eficiência muito boa.

A ideia é que o asfalto futuramente chegue até lá no colégio. Dar uma esticada. O limite do município é complicado, porque tem alguém que participa de Cardoso, que vem muito a Cardoso, mas que mora além do limite. Então é muito complicado. Precisamos fazer um relatório de produção. Sabemos o que as pessoas produzem, mas não sabemos quanto, nem a regularidade, ou perdas, ou até mesmo o destino dessa produção.

Visita ao tanque de resfriamento (João, G., e Rafael)

Rafael: Quanto cabe de leite aqui, João?

João: Cabem 3500 litros, conservado a 4°C.

Rafael: Aí o que eles fazem?

João: A carroça apanham (nas casas) e põe aqui. Era Parmalat e hoje é Bom Gosto. Se faltar luz, estraga em uma hora.

Rafael: E como eles levam?

João: De caminhão. Já leva gelado. Eles tem um tanque pra isso no caminhão.

G: Precisa mesmo de uma escola aqui. Sair pequeno pra estudar lá em Cardoso, sai dependendo de transportes.

Rafael: Já começaram as aulas aqui pra Jovens e adultos?

João: Já. Há três meses. Mas estava tudo feio. Agora pintaram, colocaram janela.